

UM VENTO SAGRADO

História de vida de um adivinho
da tradição nagô-kêtu brasileira

Muniz Sodré e Luís Filipe de Lima



“Sou velho amigo e admirador de Agenor. Trata-se de uma das figuras de maior relevo nas nações do candomblé. Nela depositavam total confiança as veneráveis Mãe Senhora e Mãe Menininha do Gantois, as inesquecíveis.”

Jorge Amado

“O professor Agenor é uma espécie de monumento. Ele lida com candomblé há oitenta anos, é *oluô* (adivinho) do Axé Opô Afonjá e é quem faz o jogo que escolhe as novas mães-de-santo nas principais casas de candomblé da Bahia. Então, é uma figura que respeitamos com devoção, pois é um poço de sabedoria sobre todas as coisas de nossa seita.”

Carybé

“Ele é um marco para a religião do candomblé. Um homem de alta instrução, não brasileiro de origem, mas de coração, no seu procedimento, na sua fé. Faz de tudo para que respeitem a nossa crença.”

Mãe Stella do Axé Opô Afonjá

“Ele é muito considerado, é um exemplo de respeito à religiosidade. Acho particularmente bonita a maneira como ele procede no mundo do candomblé, sem buscar projeção pessoal. É alguém simples e humilde.”

Mãe Cleuza do Gantois

“Não conheço quem fale mal dele, um homem preparado, com estudo e com grande conhecimento da lei-do-santo. Um homem bom, que ajuda a todos que o procuram.”

Mãe Tatá do Engenho Velho

“Dos anos e anos de uma vida recatada e simples, à margem do poder e da riqueza, ele engrandece o mundo negro do Brasil com sua imensa sabedoria.”

Hilásio Tavares

BOSTON PUBLIC LIBRARY
Copley Square

UM VENTO SAGRADO

WITHDRAWN

No longer the property of the
Boston Public Library.

Sale of this material benefits the Library.

UM VENTO SAGRADO

UM VENTO SAGRADO

História de vida de um indivíduo
da tradição negro-brasileira

RAUAD

Muniz Sodré e Luís Filipe de Lima

UM VENTO SAGRADO

História de vida de um adivinho
da tradição nagô-kêtu brasileira

MAUAD

© Copyright 1996, Muniz Sodré e Luís Filipe de Lima

Direitos desta edição reservados à
MAUAD Consultoria e Planejamento Editorial Ltda.
Av. Treze de Maio, 13 – grupo 507 a 509 – Centro
CEP 20031-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 533-7422 e Tel./Fax: (021) 220-4451



Capa
Jacques Kalbourian
e
Luís Moraes

Revisão
Luís Filipe de Lima

Editoração
Laser Birô

Diagramação
Jacques Kalbourian

Fotos (miolo, orelha e 4ª capa)
Larissa Grandi

Foto da Capa
“O oluô aos 20 anos” (Reprodução do original em porcelana pertencente ao arquivo pessoal de Agenor Miranda Rocha)

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S663v

Sodré, Muniz, 1942

Um Vento Sagrado: história de vida de um adivinho da tradição nagô-kêtu brasileira / Muniz Sodré e Luís Filipe de Lima. – Rio de Janeiro: Mauad, 1996

ISBN 85-85756-21-7

1. Rocha, Agenor Miranda - Biografia. 2. Candomblé - Rio de Janeiro (RJ). I. Lima, Luís Filipe de, 1967 - II. Título. III. Título: História de vida de um adivinho da tradição nagô-kêtu brasileira.

96-0552

CDD 922.99

CDU 922:299.6

110496

160496

Sumário

Jorge Amado – Prefácio **7**

Introdução **9**

Zora Seljan – Um Grande Jogo **17**

1. Das Origens **21**

2. A Arte Divinatória Iorubá **35**

3. O Oluô no Rio de Janeiro **49**

4. Uma Visão de Fora **63**

5. Uma Casa de Vila no Engenho Novo **77**

6. Agenor, sua Casa, seus Objetos: Imagens **89**

7. Um Vento Sagrado **99**

8. Alguns Escritos de Agenor Miranda Rocha **117**

9. Depoimentos **133**

10. Vocabulário do Oluô **175**

11. Nomes de Ifá **193**

Outro Grande Jogo **203**

Prefácio

Antônio Olinto, obá de Xangô, que sabe tudo sobre as religiões afro-brasileiras e sobre suas figuras mais eminentes, comunica-me, entusiasmado, a publicação do livro *Um Vento Sagrado*, da autoria de Muniz Sodré e Luís Filipe de Lima. O livro trata da personalidade do babalaô Agenor Miranda Rocha. Também eu me entusiasmo com a notícia, pois sou velho amigo e admirador de Agenor. Trata-se de uma das figuras de maior relevo nas nações do candomblé. Nele depositavam total confiança as veneráveis Mãe Senhora e Mãe Menininha do Gantois, as inesquecíveis.

Profundo conhecedor dos segredos de Ifá, Agenor jogou os búzios de adivinhação para a escolha de várias mães-de-santo, entre as quais Stella de Oxóssi, do Axé Opô Afonjá, e Tatá, do Engenho Velho. Assim, toda uma estirpe e uma hierarquia das religiões afro-brasileiras saíram de suas mãos sábias.

O livro de Muniz Sodré e Luís Filipe de Lima apresenta-se como a “História de vida de um adivinho da tradição nagô-kêtu brasileira”. Tratando da vida de um homem de estrutura incomum, passa imediatamente a ter um significado especial na história do pensamento religioso brasileiro, nascido do sincretismo. Está fadado, decerto, a grande sucesso.

Jorge Amado

Jorge Amado, como deputado federal por São Paulo, redigiu e conseguiu incluir na Constituição Brasileira de 1946 um artigo que garantia a liberdade completa de culto no Brasil. Esse artigo vigora até hoje, pois foi mantido na Constituição de 1988. (N. dos A.)

Introdução

Ao contarmos uma história coletivamente significativa, estamos provocando a memória social, contribuindo para um posicionamento crítico em face do presente e preparando as bases de ações futuras. Por isso, o Ocidente faz da História uma ciência, numa multiplicidade de sentidos. Este empenho, nem sempre bem explicitado, visa sempre à mobilização dos atores sociais no sentido de lhes reestimular a ação.

Mas também por isso mesmo é que a mentalidade *historicista* (o exagero de um dos muitos sentidos de *História*) faz do trabalho do historiador um acúmulo de datas e fatos notáveis, em que as elites presentes reencontram-se com as do passado. Conhece-se a crítica feita por Nietzsche a essa história que ele chamou de “monumental”, cujo excesso seria perigoso por atrofiar o que há de móvel ou plástico na ação humana.

O pequeno texto que se segue sobre o professor Agenor Miranda corre no sentido contrário ao historicismo monumentalista em geral presente nas biografias de personalidades públicas. Os dados biográficos de um indivíduo apa-

recem aqui como material para uma reflexão do leitor sobre o cotidiano na comunidade dita “de santo” no Brasil, isto é, sobre a vida comum das pessoas que professam a crença nas divindades trazidas da África pelos nossos ancestrais negros.

Trata-se de uma *história de vida* – um relato biográfico de fatos miúdos, locais, sem ressonância na História oficial, mas altamente significativos para os milhões de adeptos e simpatizantes da “lei-de-santo”. Inexiste aqui a pompa historiográfica das biografias correntes ou o detalhismo *cool* das etnografias. O que se oferece é a história pessoal de uma figura emblemática da tradição nagô-kêtu ou iorubá no Brasil a partir de seu próprio depoimento, dos de outras pessoas que o conhecem, mas também a partir de seus textos pessoais e objetos.

Essa postura implica, para os autores, a incorporação do material biográfico tal como relatado pelas fontes orais, que incluem o próprio biografado. Numa comunidade (a da gente de candomblé) que não dicotomiza radicalmente vida e morte, real e imaginário, história e mito, sagrado e profano, corpo e espírito, as marcações cronológicas (com as quais se faz ciência histórica) assumem o risco das contestações ou dos pretextos para se narrarem outras versões de um mesmo mito.

Aliás, a multiversão dos fatos é característica dos relatos sobre o universo do culto afro-brasileiro. No que diz respeito, por exemplo, à história dos primeiros candomblés e seus principais personagens, são bastante diversas as linhas informativas. É impressionante verificar que não há duas versões rigorosamente iguais para a fundação das três casas-matrizes do nagô-kêtu ou para a iniciação de seus principais expoentes – como no caso de mãe Aninha. Os trabalhos de Nina Rodri-

gues, Artur Ramos, Roger Bastide, Edison Carneiro, Pierre Verger, Juana Elbein dos Santos, Marco Aurélio Luz, só para citar alguns, fornecem informações por vezes bastante contraditórias entre si.

Cientes dos riscos, os autores deste trabalho apostam no valor heurístico do relato (visão do cotidiano de uma comunidade litúrgica por meio da história de um dos seus membros ilustres) e no interesse existencial que ele possa ter não só para o povo do candomblé, mas também para todos os que se debruçam sobre aspectos da singularidade simbólica de uma “sub-cultura” (no sentido etnográfico do termo) escamoteada pela Nação oficial.

Enfatizamos que não se trata de tese nem de etnografia acadêmica, mas de “história de vida” – ou seja, abordagem de cunho sociológico em que se procura fazer coincidir a biografia individual com o momento histórico correspondente, revelando-o – com destinação a público mais amplo e diversificado. Por isso optamos, sempre que possível, pela grafia abasileirada dos vocábulos em iorubá, mais ou menos segundo a pronúncia corrente no universo dos terreiros.

Método? Antes de mais nada, mente limpa. É provável que nos tenhamos inspirado numa frase do professor Agenor, num de nossos primeiros encontros: “Desculpem a desarrumação. Na minha casa, vão-se juntando ao acaso papéis, embrulhinhos, coisinhas, é o jeito do negro nagô”. Pois bem, deixamos que as conversas, os papéis, as referências livrescas, as descrições de lugares e objetos, os depoimentos fossem agrupando-se aos poucos, como roupas numa trouxa ou pingos d’água numa poça (metáfora que não deixa de contemplar Nanã Buruku, orixá ligada à lama, matéria-prima da criação).

O resultado é um texto que não pretende ensinar nada a ninguém, nem “revelar” coisas do candomblé, mas produzir uma imagem de “microrrelação social”, em que atos individuais de algum modo espelhem a totalização de um sistema sócio-cultural. É um texto breve, mas foi de elaboração lenta, porque no universo do candomblé, mesmo quando a comunicação é consentida, fala-se pouco. A comunidade litúrgica brasileira herdou também da africana essa inclinação ao silêncio como virtude fundamental, essa disposição ao reconhecimento de que a linguagem mora no silêncio. Quando nos deparamos com um longo palavreado ou compactos volumes sobre o sistema simbólico nagô-kêtu, já podemos dizer com antecipação que se trata da Academia oficial com seus conceitos e falas intermináveis.

Habitados às pausas e ao silêncio estudado dos terreiros, realizamos mais de dois anos de visitas semanais à casa do professor Agenor, entremeando as conversas decorrentes de já antigo relacionamento pessoal e litúrgico com os propósitos deste trabalho. Tudo isso invariavelmente pontuado pelo café ou chá com pães e queijo, por volta das quatro da tarde, um quase-rito na morada do oluô. A comunicação que agora fazemos em forma de livro é uma visão esmaecida da vigorosa convivência que sempre mantivemos.

O texto é breve, repetimos. Nele, entretanto, na história de vida do oluô Agenor Miranda Rocha, transparecem aspectos importantes da *praxis* humana das classes economicamente subalternas no território nacional.

Destacamos, por fim, o auxílio de diversos amigos que, por meio de críticas, esclarecimentos e sugestões, contribuíram para tornar este livro presente. Entre eles estão Carlos

Alexandre De Camillis (Cacau), Antônio Olinto, Zora Seljan, Raquel Paiva, Kátia Alexandria, Cléo Martins e, ainda, Nelson Vasconcelos e Regina Studart, que com paciência ajudaram na preparação dos originais. A todos, agradecemos na língua dos orixás: *a dupé ô!*

Os Autores.

Um Grande Jogo

“Quem não conhece Agenor, não conhece candomblé.”

(Mãe Menininha do Gantois)

Um Grande Jogo

“**C**omentamos o jogo de búzios que escolheu a ialorixá da Casa Branca, um jogo sensacional que espantou os filhos de fé em Salvador e cuja história se propala à boca pequena por todas as casas-de-santo do Brasil. Quem fez o jogo foi o professor Agenor Miranda Rocha, o único oluô deste país. Ele e mãe Menininha do Gantois são os representantes de um tempo glorioso do culto. Agenor aprendeu a jogar com Aninha. Pois a gente do Engenho Velho foi buscá-lo no Rio de Janeiro. Agenor veio e jogou junto à coluna central do salão de festas da Casa Branca. A casa estava repleta de ogãs, ekédis, filhos-de-santo, representantes de outras casas, visitantes do Brasil e do estrangeiro.

Na linguagem dos búzios (quem tem ouvidos de entender, entenda), respondeu primeiro Odi-meji e fez sua comunicação. Oxê se firmou em Oxum e procurou saber se ali se achavam todas as filhas de Oxum do Engenho Velho. Foram lembrados todos os nomes, e o odu repetia sempre que a escolhida não estava presente. O presidente da Sociedade São Jorge do Engenho Velho, Antônio Agnelo Pereira, determinou que fos-

sem buscar no trabalho a filha de Oxum Altamira dos Santos, até então ausente. Ela chegou e se dirigiu aos seus aposentos, onde se vestiu com roupas apropriadas para comparecer à sala.

O professor Agenor, quando ela apareceu, fez a comunicação: “Os búzios afirmam que você foi a escolhida para dirigir o Axé da Casa Branca. A senhora aceita?” Oxum, seu orixá, como se esperasse há muito tempo por essa oportunidade, tomou conta dela, pegou-a de sopetão e respondeu por ela, dirigindo-se ao orixá de mãe Teté, que também baixou na mesma hora. No maior entusiasmo, o público saudou o acontecimento.

No final da festa, o sábio babalaô Agenor Rocha foi carregado em triunfo e levado, ao som do hino da África, até seu carro, com os filhos da casa e os orixás gratos ao seu admirável jogo de búzios. Ora-iê-iê-ô, Oxum Tomiuá, Oxum do rio, Oxum de Axogbô, reino da África, Oxum das roupas douradas que está presidindo à restauração da Casa Branca da Colina...”

(Zora Seljan, jornal *A Tarde*, de Salvador - Bahia)

1

DAS ORIGENS

Eta principalmente o mito dos impetores de parte de
Cambanis que impelia o conquistador Dado Dias
de Novais a fundar, em 1576, no reino do Congo
(do título de seu governante, agôla, vên e nome de sua, ado-
tado pelos portugueses) a cidade de Luanda. Esta cidade, em
quintábulo, tem a ser sua "cidade" — sua cidade de sua, para
vair de comércio (fazenda) para pagar tributo ao rei do Congo. Mas
de algum modo afluente de dinheiro de cidade, de cidade impetora e
sua (sua), a obra de Dado Dias, que durante a sua vida
via de parte de movimento de "tributo", os livros de riqueza
de natureza e escravos, para a metrópole portuguesa.

Mas outros de outras naturezas também se fizeram na ci-
dade, e de parte uma das mais importantes de África Ocidental.
Ali, durante a sua vida, de parte de várias outras naturezas,
naturezas de natureza de natureza, natureza (natureza) e natureza
de natureza (natureza) (natureza) (natureza). Para estes, os livros de
natureza de natureza de natureza de natureza de natureza de natureza
de natureza, natureza de natureza de natureza de natureza de natureza
de natureza, natureza de natureza de natureza de natureza de natureza.

Em 1580, quando Luanda estava sob o domínio de
natureza de natureza, um decreto cultural de natureza impetora,

Era principalmente o mito das montanhas de prata de Cambambe que impelia o conquistador Paulo Dias de Novais a fundar, em 1576, no reino do Ndongo (do título de seu governante, *ngola*, vem o nome *Angola*, adotado pelos portugueses) a cidade de Luanda. Esta palavra, em quimbundo, tem a ver com “tributo” – nas praias da ilha, juntavam-se conchas (*zimbo*s) para pagar tributo ao rei do Congo. Ela de algum modo influiu no destino da cidade, de clima tropical e solo fértil, à beira da Baía de Bengo, que durante séculos serviu de porto de escoamento de “tributos”, na forma de riquezas naturais e escravos, para a metrópole portuguesa.

Mas outros destinos sempre também se jogaram na cidade, tida como uma das mais atraentes da África Ocidental. Ali, em meio a uma população composta de várias etnias bantus, moviam-se zeladores de deuses, *mulojis* (bruxos) e praticantes de *dissaquelas* (ritos divinatórios). Para estes, os búzios eram sobretudo elementos do tributo que cada homem paga ao destino: neles, liam-se as sortes, como frases de um livro.

Em 1906, quando Luanda contava poucas dezenas de milhares de almas, um desses cultores do *calundu* (espírito,

força vital do antepassado) procurou um dia o casal de portugueses Antonio Rocha e Zulmira Miranda para transmitir uma mensagem insólita: eles teriam um filho especial, muito importante dentro da lei-de-santo. Nasceria de oito meses e traria uma mancha vermelha na cabeça. E deles obteve a promessa de que deixariam, caso a predição se confirmasse, dar um banho de ervas no recém-nascido.

De fato, no dia 8 de setembro de 1907, quando Agenor Miranda Rocha nasceu, de oito meses e com uma mancha vermelha na cabeça, o africano se achava na porta da maternidade. Os pais já nem se lembravam da promessa, mas acabaram consentindo no banho de ervas.

Reza a tradição esotérica que um sinal vermelho na cabeça é marca de bruxo. Nada disso tinha qualquer significação para o casal Antonio Rocha e Zulmira Miranda, católicos fervorosos. Ele era funcionário diplomático na Embaixada do Brasil em Angola (por isso, acabou registrando o filho como brasileiro); ela, atriz, cantora e fadista, festejada em revistas e jornais.

Mas o africano parecia decidido a aproximar-se e influir no destino da criança. Isso acabou levando o casal a transferir-se para a cidade de Salvador, na Bahia. “E logo onde foram parar!”, exclamaria Agenor muitos anos mais tarde. Cercada por um rosário de igrejas e atravessada por uma heterogeneidade étnica análoga à da África, a capital baiana parecia o lugar ideal para quem desejava prolongar no Brasil a experiência angolana.

Assim, com menos de quatro anos de idade, Agenor Miranda Rocha chega a Salvador com a família. Mas a cidade não lhe foi auspiciosa em matéria de saúde. Mal entrado nos quatro anos, foi acometido de uma febre de origem desconheci-

da e desenganado pelos médicos. Uma vizinha tomou a iniciativa de ir à casa de uma mãe-de-santo para consultá-la a respeito da criança.

Antônio e Zulmira logo deram-se conta de que, apesar da mudança, as espirais do destino tinham-nos feito permanecer como que no mesmo lugar. Ao lado das fachadas barrocas das igrejas e das concorridas procissões católicas, fervilhava em Salvador uma mística tipicamente africana: aquela que, em vez de pregar a ascensão da alma para Deus, propicia a descida ritualística da divindade junto aos homens. Na expressão “Bahia de Todos os Santos”, a palavra “santo” é bivalente: designa ao mesmo tempo as entidades do panteão católico e as do panteão negro-brasileiro (orixás). “Santinho”, aliás, seria a alcunha dada mais tarde pela gente de terreiro a Agenor Miranda.

O complexo mítico-religioso jeje-nagô começara a expandir-se no início do século XIX em meio ao ambiente de luta pela independência nacional frente ao colonialismo português. Nessa época, a população africana em Salvador constituía um terço do total, e metade era originária do Golfo do Benin, que abrigava as etnias jeje (ewe), nagô (iorubá), haussá, tapa e outras.

Em Salvador, multiplicavam-se as irmandades religiosas de negros, pólos de sincretismo afro-católico, mas também de irradiação dos valores míticos e comunitários dos africanos. Pertenciam à irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Barroquinha as sacerdotisas que fundaram a primeira casa de culto aos orixás do Brasil, o Ilê Axé Airá Intilé. Seriam elas, segundo algumas fontes, Ialussô Danadana e Ianassô Oió Akalá Magbô Axé Da Adetá. Outros cultos complementares nagôs (egungun, ogboni, gueledé) datam dessa mesma época.

Ianassô é o título da mais importante sacerdotisa de Xangô na cidade africana de Oió, capital política dos iorubás. Depois que morreu a *Ianassô* em questão, sua casa de culto adotou seu próprio nome (*Ilê Ianassô*) e ficou popularmente conhecida como Casa Branca ou candomblé do Engenho Velho. Desta casa surgiram, devido a cisões, outros dois importantes terreiros do rito nagô-kêtu: o Gantois e o Axé Opô Afonjá.

O Axé Opô Afonjá foi fundado em 1910 por Anna Eugênia dos Santos, mãe Aninha (Obá Biyi). Foi justamente ela a ialorixá consultada sobre a doença de Agenor. Residia então à Ladeira do Pelourinho, nº 77, junto à igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde fazia parte de uma irmandade.

Jogando os búzios, Aninha verificou que a doença da criança era uma astúcia do destino para Oxalá vir a ser “feito”, isto é, para que Agenor pudesse ser iniciado no culto à divindade responsável por sua cabeça. De volta, a vizinha relatou ao casal as palavras da ialorixá. Como o menino já tinha sido desenganado pelos médicos, consentiram na iniciação.

Reprisa-se aí, em princípio, o fenômeno tantas vezes descrito por antropólogos da africanidade: o movimento de adesão não-voluntária a um culto de possessão. Acontece que, na África ou no Brasil, a adesão voluntária ou involuntária verifica-se com algumas condições prévias comuns – meio social favorável, substrato psicológico adequado – e não-comuns: doença desejada (no caso voluntário) e indesejada (no involuntário). A doença aí impõe-se como manifestação corporal de uma pressão simbólica.

O caso de Agenor sem dúvida afigurava-se como involuntário, uma vez que ainda era muito criança e não tinha nenhuma herança familiar atinente ao culto.

Não se pode mesmo falar em meio social inteiramente favorável, uma vez que, no início do século, os cultos negros viviam à margem na sociedade global *antropêmica* (termo usado por Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos* para designar as sociedades que rejeitam a possessão) e já eram perseguidos pelas autoridades públicas. Resta o “substrato psicológico favorável”, configurado no relacionamento com o adivinho angolano. Mas então seria preciso redefinir o termo “psicológico”.

O fato é que o corpo da criança, por secreta razão, foi investido da mesma plasticidade do indivíduo pertencente ao culto de possessão, que inconscientemente “solicita” a doença, para reequilibrar-se depois por meio de um rito iniciático.

Foi o que se deu com Agenor. Quando então Aninha começa a macerar folhas para banhá-lo, ele, que estava desacordado, recobra a consciência. No dia 12 de setembro de 1912 – portanto, quando mal completara cinco anos –, Agenor faz obrigação de orixá, isto é, inicia-se.

O ritual se deu na Ladeira da Praça. É que, quando Aninha saiu do candomblé do Engenho Velho (primeira casa-matriz dos cultos *kêtu* na Bahia), mudou-se para o terreiro do Camarão, no bairro do Rio Vermelho, acompanhada, segundo consta, de tio Joaquim Obá Saniá, africano que vivera em Recife, também ligado ao Engenho Velho durante certo tempo. Mais tarde, a ialorixá adquiriu a *roça* (terreiro, lugar de prática do culto) de São Gonçalo do Retiro, onde fundaria o Axé Opô Afonjá, em 1910.

Nos primeiros tempos, todavia, devido à falta de instalações adequadas em São Gonçalo, Aninha costumava iniciar seus *abiãs* (candidatos à condição de *iaô*, ou seja, de iniciado) em sua casa na Ladeira da Praça. A primeira *iaô* feita na *roça* de São Gonçalo do Retiro foi Agripina, de Xangô, que depois

viria a ser mãe-de-santo do Axé Opô Afonjá do Rio de Janeiro, em Coelho da Rocha.

Aninha era uma das mais influentes zeladoras do culto aos orixás na Bahia, tendo fundado o célebre candomblé do Axé Opô Afonjá. Nascida em 13 de julho de 1869 – filha de Sérgio dos Santos (Aniyó) e Lucinda Maria da Conceição (Azambriyó), ambos africanos, descendentes da nação grúnci –, ela tinha feito Xangô (ou seja, iniciada no culto como filha do orixá Xangô) na casa de Maria Júlia Figueiredo, juntamente com Marcelina da Silva (Obá Tossi) e tio Rodolpho Martins de Andrade (Bamboxê), também conhecido como Essá Obitikô. Iniciada, recebeu Aninha o nome de Obá Biyi.

Dela recorda-se bem Agenor:

– Era uma negra alta, que inspirava ao mesmo tempo simpatia e respeito. Era muito poderosa, sábia. Talvez pelo fato de ter-me iniciado quando eu tinha apenas cinco anos, salvando-me a vida, criou grande afeição por mim. Acabei me tornando seu “ai, Jesus!”...

E narra:

– Quando nasceu, mãe Aninha foi feita dentro da nação a que pertenciam seus pais, a nação grúnci (etnia originária de território africano que hoje faz parte do Alto Volta). Foi iniciada para Iyá Grimborá, que na nação kêtú corresponde a Iamassê, qualidade de Iemanjá que representa a mãe de Xangô. Depois, fez Xangô Ogodô no Engenho Velho e, ainda mais tarde, segundo se diz, Xangô Afonjá pelas mãos de tio Joaquim (Obá Saniá), quando já se tinha desligado desta casa. Portanto, minha mãe Aninha foi iniciada três vezes.

Agenor frisa bem a expressão “muito poderosa”, quando descreve Aninha Iyá Obá Biyi. Ele, assim como outras fontes da tradição dos terreiros na Bahia, formam consenso quanto

ao exercício de poderes extraordinários pela ialorixá. Conta-se que, quando incorporava Xangô, ela costumava percorrer a roça de São Gonçalo do Retiro, acompanhada de muitas pessoas. No caminho, realizava prodígios: obis e orobôs (frutos ritualísticos) podiam transformar-se em cinzas nas suas mãos, podia ocorrer que expelisse pela boca pequenas pedras (*kaberés*), depois usadas como amuletos pelos circunstantes.

Sobre esses poderes, depõe mãe Cantulina, do Axé Opô Afonjá, que pertenceu ao último barco iniciático feito por Aninha:

“Sabe o que é ixé, meu filho? No branco, é mágica; no nagô, é ixé. Pois o Xangô de minha mãe Aninha era muito poderoso, fazia isso tudo. O santo dela costumava chegar tarde nas festas, quando muita gente já tinha ido embora. Mas era só o pessoal saber que Xangô estava na terra, que voltava todo mundo. Então o orixá sentava em sua cadeira, pedia um orobô e colocava na boca. Logo começavam a entoar a cantiga própria para se fazer o ixé.

Daí a algum tempo, Xangô soltava um grito, depois cuspiam um pó: era o orobô que tinha se transformado numa espécie de cinza. Só aí que o orixá cumprimentava as pessoas. Formava-se uma fila, e Xangô abençoava um a um, passando um pouco do pó na cabeça de quem quer que fosse.

Xangô também deitava pela boca umas pedrinhas miudinhas, tão bonitas, e distribuía por todo mundo. Sentava-se na cadeira, as iabás à sua volta cantavam a cantiga do ixé. Então, pronto, Xangô dava um grito e cuspiam as pedrinhas, cor de pedra mesmo. Quem recebia uma delas podia guardar, usar de qualquer jeito, mas com uma só recomendação: se perdesse, não deveria procurar.

No último ano de vida de mãe Aninha, Xangô veio para sua festa e fez diferente. Na hora do ixé, pediu a Arsênio, um obá antigo da casa, que segurasse um prato branco em frente à sua boca. Quando o orixá cuspiu as pedras, que desta vez eram diferentes, todas brancas, soltou também uma grande labareda. Arsênio, coitado, de tanto susto, caiu desmaiado. Essas pedrinhas foram distribuídas só aos homens.

Isso era uma grande mágica, e eu ainda dou um valor maior, porque o branco, para fazer uma mágica, precisa estudar muito. O orixá, não, tem o dom. Pena que minha mãe tenha ido embora cedo, acho também que foi por causa de muita inveja que tinham dela. Naquele tempo os orixás faziam muita coisa, mas, mesmo assim, não como o Xangô de minha mãe Aninha. Esse santo e mais o Xangô de meu avô de sangue, Joaquim Obá Saniá, eram diferentes. Era mesmo uma coisa de muito espanto.”

Agenor é também taxativo a respeito:

– Aninha tinha o poder de transformar um objeto em outro. Sabia inclusive o dia em que morreria, tendo preparado com antecedência as roupas para seu enterro. De fato, no dia aprazado, já bastante doente, pediu para ser levada à casa de Iyá. Lá chegando, começou a dizer coisas em iorubá, sem que ninguém conseguisse entendê-la. Então ela quebrou o segredo da fonte de Iyá que havia na casa. Ao quebrar a quartinha, imediatamente a fonte secou, e mãe Aninha tombou morta. Nunca mais o olho-d’água foi encontrado. Badá (Maria da Purificação Lopes, cujo nome de santo era Badá Olufan Deyi) e Senhora (Maria Bebianá do Espírito Santo, sucessora de Aninha na direção do Axé a partir de 1940) cansaram de procurar, sem sucesso. A fonte que hoje existe na casa de Iyá é outra.

Além de “muito poderosa”, Aninha era sábia, acentua Agenor. Na verdade, era uma mulher extraordinária, possuía acurada visão política com respeito às relações de “dentro” com “fora”, isto é, ao relacionamento do terreiro com a sociedade global. Fazia-se cercar de intelectuais e escritores como Jorge Amado, Artur Ramos, Donald Pierson, Édison Carneiro, entre outros.

Para ampliar o prestígio social do Axé Opô Afonjá e reforçar o “lado” masculino do culto, restaurou a velha tradição dos *Mogbás* ou *Obás* (ministros) de Xangô, títulos honoríficos (*oiês*) outorgados a pessoas de destaque aos olhos do grupo e da sociedade global. O Corpo de Obás, dignitários do Axé, compõe-se de seis membros da direita, ou Otun Obá, com os seguintes títulos: Obá Abiodun, Obá Aré, Obá Arolu, Obá Telá, Obá Odofin, Obá Kankanfô. Os da esquerda, ou Ossi Obá, são: Obá Onanxokun, Obá Aressá, Obá Elerin, Obá Onikoyi, Obá Olugbon e Obá Xorun.

Mas nesse universo, ao mesmo tempo mítico e histórico, sempre houve lugar para as manifestações fortes de individualidade. Tanto assim que, para Agenor, mãe Aninha sabia a hora em que ia morrer, porque havia desobedecido a uma determinação de Xangô, seu orixá.

Conta ele:

– Certa vez, apareceu no terreiro de São Gonçalo do Retiro uma mulher com vários problemas de origem espiritual. Dizia ser de Xangô, já tinha passado por vários candomblés, mas ninguém se dispusera a fazer seu santo. Era assunto muito complicado. Mãe Aninha apiedou-se da mulher e disse: “Pode ficar descansada, vou fazer Xangô em sua cabeça. Dou minha palavra de honra”. Mas, quando foi ver no jogo o que diziam os orixás sobre o caso, recebeu de Xangô uma adver-

tência: se fizesse o santo da tal mulher, morreria. Só que minha mãe já tinha empenhado sua palavra de honra, o que ela muito prezava. Preferiu então manter a palavra e recolheu a iaô, mesmo consciente de que seria castigada com a morte. É por isso que se diz que ela sabia quando ia morrer. No último *ossé* (rito privado) dado a Xangô, que sabia ser o derradeiro, suas lágrimas escorriam enquanto empunhava os dois *xeres* (tipo de chocalho ritualístico de Xangô) e saudava o orixá. Dias depois, já não estava mais entre nós.

Morreu, portanto, como consequência de uma “teima”. Esta, transgressão de uma ordem direta do orixá, é recorrente nas histórias de vida de terreiro apontadas como exemplares pelo professor Agenor. A teima acarreta como punição máxima a morte, a abreviação da vida – o que se contrapõe ao ideal de longevidade presente no culto.

Efetivamente, todos os iniciados que completam seu ciclo de obrigações rituais e continuam a zelar por seus orixás e antepassados, a alimentar seu *ori* (cabeça), sem transgredir o *ewó* (interdição, segredo), devem morrer com idade avançada, segundo a norma. A “teima”, que em certos casos configura uma situação-limite, é a grande causa de “mortes prematuras” para os adeptos do culto.

Foi assim com Aninha, foi assim também com Pulquéria, mãe-de-santo do Gantois.

Narra Agenor:

– Numa ocasião, Pulquéria achou por bem não cumprir certa ordem de Oxóssi, seu orixá. E disse em alto e bom som: “Oxóssi é Oxóssi, mas eu sou Pulquéria”. O orixá manifestou-se pouco tempo depois e falou: “Diga à minha filha que ela é ela, e eu sou Oxóssi. Sei matar, mas não sei perdoar”. Dentro

de poucos dias, Pulquéria, que estava sem qualquer problema de saúde, bem-disposta, morreu de repente.

Essas expressões de uma despótica vontade divina, mais próximas do Velho Testamento que da racionalidade teológico-cristã, tipificavam a atmosfera afetiva do candomblé nos anos de formação de Agenor. A ética do culto prescrevia fortemente a integração da vontade particular com as forças cosmológicas – orixás – constitutivas da identidade individual e grupal, assim como com os princípios acatados da ancestralidade. Humanos e deuses eram sempre seres-no-mundo, situados numa mesma comunidade, de onde emergia cotidianamente o sagrado.

Em meio a esse *ethos*, não foi nenhuma surpresa a cura extraordinária da criança. E foi também natural quando, anos depois, Ifá (divindade responsável pelos destinos) manifestou-se sobre o futuro de Agenor no universo do candomblé. Assim, em sua obrigação de sete anos de iniciado, quando já completara doze anos de idade, Aninha – junto com Martiniano do Bonfim, que tinha o hábito de jogar o *opelê* (rosário de contas de Ifá) ao mesmo tempo em que Aninha usava os búzios, “para que um confirmasse o jogo do outro” – viu que ele “trazia o cargo” de *oluô*, ou seja, deveria exercer as funções de oráculo, de intérprete de Ifá.

Agenor, assim, estava de pleno acordo com o Destino:

– Ifá dizia que, em diversas encarnações, eu já havia sido pai-de-santo.

A ARTE DIVINATÓRIA DOS IORUBÁS

Ifá lô loni

Ifá lô lolá

Ifá lô lotunlá pelu é

Orunmilá lô nijó mereerin Ooxá daayê!

De Ifá é o dia de hoje

De Ifá é o dia de depois de amanhã

A Ifá pertencem todos os quatro dias

Criados por Ooxá (Oxalá) na Terra!

(provérbio-poema recolhido por W. Abimbola em
"The Literature of the Ifa Cult", in *Sources of Yoruba
History*, org. S. O. Biobaku, Clarendon Press, Oxford, 1973)

Como expressam os orixás seus desígnios? Pela posse-
são dos fiéis (o futuro manifesta-se durante o
transe) ou por meio de práticas divinatórias, que
utilizam búzios, nozes e outros instrumentos. O primeiro modo

só é possível com a celebração de um rito especial durante a iniciação dos iaôs, ou logo em seguida à sua conclusão, chamado “ritual de dar a palavra”.

O segundo modo é o mais comum, uma vez que, a cada instante, no universo dos cultos, é imperativo saber o que desejam os orixás. As práticas divinatórias mais simples valem-se das sementes do obi ou do orobô partidas em dois pedaços. Há também o jogo de quatro búzios. Nestes casos, as respostas dos orixás são as mais simples, como “sim” e “não”. Para respostas detalhadas e complexas, é preciso recorrer ao *erindilogun*, o jogo de dezesseis búzios, ou às suas variantes.

Cabe ao *babalaô* (literalmente, “pai do segredo”) cumprir as funções de oráculo. Este é também chamado no Brasil de *oluô* (“dono do segredo”, vidente), mas, segundo a maioria dos autores, de maneira errônea. Roger Bastide já advertiu em *O Candomblé da Bahia* que *oluô* é um título hierárquico de certos *babalaôs*, e não uma designação geral.

Babalaô e *oluô* são porta-vozes de Ifá, também conhecido como Orumilá, deus iorubá da sabedoria. É também chamado Agbonmiregun ou Elá. Tem outros nomes: Eleri Ipin, porque testemunha o destino das pessoas; Akerê-Finuxogbon, cujo significado é “aquele que é pequeno e tem a mente cheia de sabedoria”. É uma das principais divindades do povo iorubá, tido como um dos grandes ministros de Olodumare (princípio supremo e todo-poderoso) enviados à Terra para realizar funções determinadas.

Poderosa divindade, Ifá é objeto de veneração ao longo da Costa dos Escravos, mantendo lugar preponderante entre os povos do sul e do Médio Benin (antigo Daomé). Segundo o professor Agenor, se as informações coincidem quanto ao fato de que Ifá, na condição de personagem histórica, veio de Ifé,

cidade santa dos iorubás da Nigéria, as opiniões não são as mesmas quanto à sua aparição no Daomé. Uns acham que seu primeiro berço foi Uidá (Ouidah); outros, Seketê, de onde lhe vem um dos múltiplos nomes: “Seketê Hosu”, o Rei de Seketê. A maioria, porém, acha que ele veio de Abomey, lugar a que chegara antes mesmo do nascimento dos reis desta cidade, ou então só no século XVIII, no reinado de Agadjá (1708-1728).

Relata Agenor: “Desde sua introdução na região dos Fons, graças à imigração iorubá, Ifá não tardou a suplantar o ‘espiritismo’ praticado pelos dahomenianos. Rapidamente, dominou toda a região, desde a costa até o Médio Daomé. Daí em diante, para todas as questões no Daomé, tanto em interesses políticos ou particulares, era preciso consultar Ifá. Os reis necessitavam de seu auxílio para evitar calamidades e hostilidades, determinar a mobilização de guerreiros e escolher os caminhos a seguir para o engrandecimento do reino”.

Mais: “Também para a economia do país, consultava-se Ifá. Seu poder, antigamente, ia até deter a marcha do dia ou da noite; podia proibir a circulação de uma ou outra mercadoria. No plano religioso, é ele quem determina a construção dos templos, as cerimônias rituais, a implantação das divindades, os remédios para apaziguá-las e os sacrifícios necessários; é ainda ele quem chama a atenção dos que se esquecem ou negligenciam o culto das divindades”.

Embora também às vezes chamado de Orumilá, possui três nomes básicos: *Afan* (entre os minas), *Ifá* (entre os iorubás ou nagôs) e *Fá* (entre os fons). É considerado ao mesmo tempo deus, oráculo e mensageiro.

Dentre os vários mitos sobre a vinda de Orumilá à Terra, os mais comuns relatam que ele veio em companhia de outras importantes divindades, tais como Oxalá, Ogum e Exu. Cada

um foi encarregado de desempenhar funções específicas. Ogum, por exemplo, cuidaria de questões relativas à guerra ou qualquer outra ação que envolvesse o uso do ferro. Já Orumilá teve como missão usar seus conhecimentos e sua profunda sabedoria para manter a Terra em ordem.

De fato, Ifá/Orumilá é concebido como dono do conhecimento e da compreensão de tudo que há no mundo, tanto no céu quanto na Terra. Como sua sabedoria alcança todas as dimensões do espaço e do tempo, ele conhece tudo sobre o passado, o presente e o futuro. Isso inclui os homens, claro, mas também as outras divindades – suas histórias, seus desígnios e vontades, tudo o que apreciam ou desprezam.

Segundo a tradição, cada indivíduo, em princípio, deve ter o seu Ifá no fim da infância – o contrário acarretará má sorte. Orumilá, além de ser o revelador de tudo o que é escondido e desconhecido, é principalmente a chama divina que esclarece os homens, guiando-os em pensamentos e atos.

Diz o professor que as muitas lendas sobre a origem de Ifá têm sempre algo em comum. Ele destaca a dos minas. Segundo o relato, um chefe feiticeiro, mestre de um grupo de mais de mil adeptos, passava por um grande dissabor, uma vez que seus discípulos eram dizimados por uma calamidade. Seu prestígio decaía, o rei e o povo alarmavam-se.

Diante dessa situação sem remédio, o feiticeiro pediu autorização ao rei para afastar-se do país. Pôs-se então a caminho para a grande aventura. Caminhou meses e meses, sem descanso. Um dia, com o sol a pino, encontrou um velho vestido de branco, que muito o olhou e convidou-o a segui-lo. Alguns minutos depois, estavam na casa do ancião de cabelos brancos.

O viajante foi convidado a sentar, a beber, e o velho chamou suas mulheres. A primeira apareceu e anunciou seu nome: Gbê-medji; as outras fizeram o mesmo, cada uma de sua vez: Yeku-medji, Guda-medji, Sa-medji, Ka-medji, Turukepe-medji, Woli-medji, Di-medji, Losso-medji, Welé-medji, Abla-medji, Akalá-medji, Tula-medji, Leté-medji, Sé-medji, Fu-medji.

Quando a última desapareceu, o velho disse ao viajante que cada uma das 16 mulheres tinha 16 filhos, que por sua vez tinham outros 16 filhos cada um. Todos esses seres irão constituir de modo detalhado o papel que permite o conhecimento preciso do futuro.

Munido dessa poderosa documentação, o feiticeiro pôde retornar a seu país com um instrumento invencível. Ifá acabara de se revelar, e o grande feiticeiro foi seu primeiro sacerdote.

Mas o professor Agenor narra também a versão lendária dos fons. Estes contam que, na criação do mundo, o rei do universo, Mahou, decidiu criar Ifá. Fez com que nascesse do poderoso feiticeiro Meto-Lonfim e de Adje, sua primeira mulher. Os pais chamaram seu primeiro filho de Aiedegun, o futuro Ifá.

Na infância, o menino não pronunciava uma só palavra. Na adolescência, o pai bateu-lhe com um bastão. Para surpresa geral, o mudo falou uma palavra incompreensível: Gbê-medji. Alguns dias depois, apanhando de novo, falou outra: Yeku-medji. Assim foram saindo todas as 16 palavras, de modo intermitente. Mas Aiedegun disse ao pai: “Se eu apanhar mais, poderei falar mais que uma palavra”. O pai, então, bateu ainda mais, e o filho revelou: “Pai, vou morrer, mas quero legar-lhe uma herança magnífica, que servirá para sempre, para todos os seus deuses. Não esqueça das explicações. Os nomes que eu pronunciei são de meus futuros filhos e filhas espirituais. Quero deixar-lhe uma palmeira (*fadê*), cujas amêndoas

(*azeteki*) servirão para predizer o futuro com o meu jogo, o jogo de Ifá”.

Tanto a versão dos minas quanto a dos fons referem-se, na verdade, a textos sagrados, denominados *odus*. É que todo sacerdote de Ifá (babalaô, oluô) deve dominar um vasto repertório de conhecimentos, que se apóia num grande *corpus* literário, transmitido pela tradição oral e reservado aos iniciados.

O *corpus* apresenta duas grandes divisões. A primeira refere-se aos *odus*. Estes, em número de 256, são tidos como divindades em si. Diz-se que vieram do céu para a Terra. A segunda divisão refere-se aos *essés*, que são passagens em prosa e verso transmitidos por Ifá a seus filhos e discípulos enquanto ele ainda estava na Terra. Cada odu está ligado a um número ilimitado de *essés*.

Por sua vez, os *odus* também se dividem em duas partes. A primeira compreende os dezesseis primeiros *odus*, considerados os principais. Aí estão contidos os textos mais conhecidos e preservados de todo o *corpus* literário e divinatório. A outra parte compreende os 240 *odus* restantes, conhecidos como os *omo-odu*, literalmente “*odus-filhos*”, derivados da combinação dos dezesseis principais, dois a dois. São também chamados de *amulu-odu*, e seus textos são bem menos comuns.

De um ponto de vista literário, os *odus* podem ser considerados como “livros” da literatura divinatória de Ifá. Cada um deles tem caráter próprio que, em certa medida, coincide com a essência dos respectivos relatos poéticos. Já os *essés* revelam (tanto em versos como em prosa) o pensamento e a crença dos iorubás. Não há assunto que não figure nesses poemas. Além dos temas mais recorrentes (mitologia e história dos iorubás), os *essés* de Ifá falam de medicina, magia, natureza (plantas, animais, rios, mares), tratando ainda de assun-

tos abstratos de maneira especulativa e filosófica. Os essés podem, assim, dar conta da cosmovisão iorubá, dos tempos mais remotos até os dias de hoje.

Cada essé é considerado a narrativa cuidadosa de um fato ocorrido, e muitas vezes refere-se a um caso de adivinhação que envolve um antigo sacerdote e seus clientes. Muitos deles contêm os nomes das pessoas envolvidas, as circunstâncias da consulta e suas conseqüências. Deste modo, cada sacerdote faz seu cliente ver o que aconteceu no passado, a fim de que possa aprender com experiências narradas. A História é a linguagem da adivinhação de Ifá, e – como diz um provérbio iorubá – “as histórias tornam o homem sábio”.

Assim como os odus, os essés também têm o seu mito de origem. Conta-se que, quando Orumilá foi para o céu, seus filhos foram à sua procura para pedir que retornasse à Terra, agora entregue ao caos e ao desespero. O deus não voltou, mas deu a eles as 16 nozes da palmeira (os *ikins* sagrados) com as quais os sacerdotes de Ifá encontram hoje os odus e os essés apropriados para cada adivinhação. Com tais nozes e outros instrumentos sagrados, os sacerdotes perscrutam os desígnios de Orumilá. Além das nozes, há o *opelê* (espécie de colar composto de nozes e outros materiais), o *ierossun* (o pó da adivinhação) e o *ibô* (conjunto de búzios).

Por que a equivalência Orumilá/Ifá? Segundo o professor Agenor, para os nagôs, Ifá era filho do deus Obatalá, freqüentemente chamado Orumilá. Numa época remota, quando os sacrifícios rarearam, Exu veio revelar a Ifá o sistema da adivinhação. Outras lendas nagôs, entretanto, representam Ifá como personagem histórica, hábil médico.

Mas todos põem-se de acordo para dizer que Ifá é o fundador de Ilé Ifé, a cidade sagrada dos iorubás. Ali ele viveu

por um longo tempo até que, como a maioria dos outros deuses, deixou a cidade para se fixar em outras terras do país iorubá. Segundo alguns mitos, foi em Adô que ele passou a maior parte dos seus dias na Terra.

É preciso deixar claro que o oráculo de Ifá não é a única arte divinatória entre os iorubás. Mas nenhum outro sistema ou culto é tão importante quanto esta tradição. Trata-se de um culto semi-secreto (só o iniciado tem acesso ao *corpus* literário usado na adivinhação), em que o sacerdote (o babalaô ou então o oluô) resulta de um treinamento longo e rigoroso.

O fato é que o culto a Ifá é bastante popular tanto na África sudanesa quanto no Brasil. Abimbola nos relata que, entre os iorubás, quase todos, ao menos uma vez na vida, procuraram um sacerdote de Ifá para uma sessão divinatória, especialmente com o intuito de resolver algum tipo de problema. Ainda há uma série de rituais divinatórios públicos ou semi-privados em conexão com cerimônias religiosas públicas.

Daí, a presença da expressão *Fá* ou *Ifá* em nomes próprios ou em títulos honoríficos, tanto em língua iorubá como em língua fon. São numerosos os exemplos citados pelo professor Agenor, como Fakambi (“nascido graças à intervenção de Ifá”) ou Fayidê (“Ifá aceitou minha prece”). Nomes como estes, tanto em fon como em iorubá, atestam o lugar central que o culto a Ifá ocupa nas práticas litúrgicas destes negros sudaneses. Publicamos, em apêndice, uma listagem de mais de uma centena de nomes litúrgicos de Ifá, fornecidos pelo oluô.

Confirma o professor Agenor que “Ifá, além de ciência infalível, é veículo divino, tendo atraído na África católicos, muçulmanos e pagãos”. Ifá está sempre pronto a trazer alívio e auxílio aos que o procuram através do verdadeiro conhecedor. Adverte, assim, o professor: “É fundamental o conhecimento

verdadeiro, é preciso rejeitar os inumeráveis farsantes que aparecem”.

Em terras africanas, a iniciação em Ifá consiste num rigoroso treinamento. O aspirante ao sacerdócio pode ficar anos à espera do chamado. A maioria começa o treinamento aos dez anos de idade, prosseguindo por dez ou quinze anos, a depender das aptidões do aprendiz. Durante este longo período, o aspirante fica entregue aos cuidados de um sacerdote-mestre, com quem irá morar e passar a maior parte do tempo.

Relata Abimbola que, nos primeiros anos, o treinamento é informal. O aprendiz limita-se a obedecer seu mestre, observando-o atentamente e sentando-se a seu lado durante o curso das adivinhações. Dois ou três anos depois, tem início a parte formal do aprendizado, com o manejo dos *ikins* (as dezesseis nozes de palmeira), do opelê (o colar-de-Ifá) e também do ibô (conjunto de búzios) para encontrar o essé adequado.

Bastide salienta que o opelê é privilégio dos babalaôs. Trata-se de um colar composto de quatro metades de nozes de cola, ou outros materiais, presas a uma pequena cadeia de ferro que se joga sobre uma tábua ou sobre a mesa. É lançado de modo a cair em forma de um U, cuja abertura fica colocada diante do adivinho (segundo o método iorubá, que neste ponto se distingue do daomeano).

As duas extremidades do U apresentam sexo diferente. No sistema iorubá, a extremidade masculina está à direita do babalaô; a extremidade feminina, à sua esquerda. A diferença de sexo está indicada simbolicamente por um pequeno nó para o masculino e por uma pequena franja de quatro ou cinco pedacinhos de linha para o feminino. As metades de noz, ao cair, apresentam os lados côncavos ou os convexos, obtendo-se então as 16 palavras ou *odus*.

Para a marcação dos odus, muitas vezes é empregada uma pequena prancha de madeira chamada *oponifá*. Nela marcam-se com os dedos, por cima de uma fina camada de pó, dois pequenos traços verticais paralelos (para cada metade de noz caída sobre o lado côncavo) ou um traço simples, para a noz caída sobre o lado convexo. Como existem dois lados, masculino e feminino, e quatro metades de noz de cada lado, temos duas séries de linhas que são marcadas na prancha e se lêem da direita para a esquerda. Esta marcação de linhas não é necessária em todas as cerimônias. Só é obrigatória para quem quer fazer seu Ifá pessoal ou *kpoli*. Quando se trata de uma consulta comum, o babalaô contenta-se em ler o odu sem escrevê-lo, pronunciando seu nome em voz alta e interpretando-o.

Uma vez dominado o manejo dos três instrumentos – *ikins*, *opelê* e *ibô* –, o mestre faz com que o discípulo aprenda e memorize os essés quase à maneira de um papagaio: o mestre canta (ou recita) o essé, e o aprendiz irá imitá-lo o mais fielmente possível. Só depois de muitos anos, ao certificar-se de que o discípulo já aprendeu o suficiente sobre todo o sistema divinatório, o mestre oferece a ele a oportunidade de ser iniciado. Para a realização da cerimônia de iniciação, uma das mais complexas da tradição iorubá, são necessárias centenas de itens que envolvem comidas, ervas, raízes, animais e os mais diversos elementos.

Para os babalaôs, o fim da cerimônia de iniciação não representa o fim do processo de aprendizagem. Pode-se mesmo dizer que se trata do princípio, uma vez que só depois da iniciação um sacerdote de Ifá começa a especializar-se em determinada área de conhecimento (medicina, magia, essés raros, etc.). Graças à especialização, garantem os estudiosos, o sistema divinatório mantém-se preservado, resistindo a in-

fluências externas e elementos da cultura ocidental que se vêm incorporando à sociedade tradicional iorubá desde o século passado.

As coisas passam-se de modo diferente no Brasil. Inexiste aqui propriamente um “culto a Ifá”, e sim iniciados nos cultos a outras divindades que terminam exercendo outras funções divinatórias. Os grandes babalaôs do passado não fundaram a tradição do treinamento exclusivo. Por outro lado, ialorixás e babalorixás, responsáveis pela chefia de comunidades litúrgicas conhecidas como “ebés” ou “terreiros”, foram progressivamente avocando a si as tarefas de orientação espiritual, aconselhamento e previsão. A prática divinatória mais comum é a do *erindilogum* ou jogo com dezesseis búzios.

Por isso, explica o professor Agenor: “É preciso distinguir *oluô* de *babalaô*. Existe hoje a figura do *oluô*, porém os *babalaôs* não se encontram mais. Entre os antigos pude conhecer Martiniano do Bonfim, Abedé, Felisberto (o Benzinho), Sanim (que era muçurumim), João Alabá e alguns outros. Mas eles não deixaram seguidores, e suas casas de culto terminaram quando eles morreram”. De qualquer modo, acrescenta ele, o *oluô* possui uma iniciação especial. Além do conhecimento dos preceitos rituais, ele precisa saber dos *odus* e dos mitos que os acompanham, para poder interpretar o jogo. Para ser *oluô*, é preciso ter o dom, mas é necessário também que se estude muito.

O professor Agenor Miranda detém o posto de *oluô* no Axé Opô Afonjá. É um “antigo”. Nele conjuga-se o conhecimento dos *odus* com o dom pessoal, reconhecido tanto por Aninha quanto por Abedé, figuras de espiritualidade poderosa. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que ele é um verdadeiro emblema da tradição de Ifá no Brasil.

3
O OLHO NO RIO DE JANEIRO

I926 foi o ano em que Agenor chegou ao Rio de Janeiro. Veio de Salvador para estudar medicina, na Praia Vermelha. Contava então 19 anos. Encontrou uma cidade próspera e urbanizada, cosmopolita, herança das grandes obras realizadas na virada do século. O Rio, capital federal, fervilhava num tempo em que era moda fazer o *footing* na Avenida Rio Branco, disputavam-se regatas na enseada de Botafogo, tomava-se sorvete na confeitaria Cavé, na Colombo, as crianças brincavam com bilboquês. O bonde ceroula – cujo nome se deve aos panos que recobriam seus assentos – conduzia à ópera a elite carioca. No ano de 1926 toma posse o presidente Washington Luiz, aquele que dizia que “governar é abrir estradas” e, ainda, que “a questão social é um caso de polícia”. Getúlio Vargas, eleito deputado federal neste mesmo ano, é nomeado ministro da Fazenda.

Num ambiente de efervescência cultural, o Rio de Janeiro foi palco àquela época de eventos como a grande Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922. Os espetáculos do teatro de revista, com notável afluência de companhias portuguesas, ditavam moda e lançavam os sucessos musicais – pontificavam os nomes de Aracy Cortes,

Mesquitinha, Vicente Celestino, entre outros artistas aplaudidos em teatros como o Trianon, na Avenida Rio Branco, o Recreio Dramático, na rua D. Pedro I, o Alhambra, no Passeio, o João Caetano. O rádio, que ainda engatinhava, em poucos anos se transformaria em poderoso veículo de comunicação. O futebol, nesse tempo ainda um esporte ligado às classes abastadas, começa a se popularizar. E a Semana de Arte Moderna, de 1922, acontecida em São Paulo, ainda era motivo de discussão nos círculos intelectuais cariocas.

Talvez seduzido por todo esse panorama, o jovem Agenor abandona o curso de medicina, no terceiro ano, e passa a concentrar suas atenções no estudo de línguas e literatura, já tendo em vista o concurso para professor-titular do Colégio Pedro II. Segundo conta, obtém sucesso neste concurso e ganha então um epíteto do qual jamais conseguirá separar-se, nem mesmo 47 anos depois, quando deixou de lecionar. Mais que um epíteto, um segundo prenome: Professor. Professor Agenor.

É também neste ambiente que o jovem Agenor desenvolve seu gosto pela música. Estuda piano, interpreta páginas de Chopin, Mozart, Beethoven, Debussy. Interessa-se pelo belcanto, vai ter aulas com Elena Teodorini, italiana que lecionava numa sala à avenida Rio Branco, esquina com rua do Rosário. Ali se torna amigo de Bidu Sayão, mais tarde célebre soprano, que então estudava com a Teodorini. Agenor, então um promissor tenor dramático, desde esse tempo cultiva o hábito de ir à ópera, conhecendo em profundidade o repertório e os grandes cantores líricos. É capaz de dissertar horas sobre o assunto.

O Rio de Janeiro do Colégio Pedro II – orgulho do ensino no Segundo Império, palco de esplêndidas cerimônias de formatura, que quase sempre contavam com a presença do

imperador – convivia no início do século com uma mutação urbana que inseria os antigos e novos segmentos populares num processo de proletarização e caldeamento cultural.

Ao lado da imigração intensa de operários europeus, cresciam as classes médias. Reforça-se nesse momento o sentimento de subestimação ou depreciação da maioria populacional. As classes dirigentes destilam uma ideologia que considerava o imigrante europeu como agente culturalmente civilizador e racialmente regenerador. A plebe, a massa de negros libertos que convivia em relações predominantemente igualitárias com portugueses, espanhóis, franceses, poloneses e italianos, passa a ser fortemente discriminada.

Deste modo, as extensas massas de trabalhadores nacionais que chegam ao Rio de Janeiro – centro antiescravagista no período anterior e, assim, símbolo e promessa de liberdade – encontram grandes obstáculos para ingresso no mercado de trabalho regular. Restam-lhes as ocupações mais duras e sem garantias.

Já desde a virada da metade do século XIX, com o agravamento das condições de vida em Salvador, registrava-se uma migração sistemática de negros sudaneses para o Rio. A capital baiana tornara-se insuportável especialmente para os sudaneses (devido à saga das revoltas), atravancados por leis municipais e polícia. É compreensível que os búzios apontassem, para muitos, a viagem.

Com a migração sistemática dos baianos e com a decadência do café no Vale da Paraíba, aumenta em muito a população negra no Rio. A Abolição engrossa esse fluxo. O grupo baiano iria acomodar-se na parte da cidade mais próxima ao Cais do Porto, lugar em que muitos iam trabalhar na estiva, e onde era mais barata a moradia: o bairro da Saúde.

Se antes, em sua origem no Brasil, o candomblé tinha oferecido ao elemento negro um espaço patrimonialístico e comunitário justaposto à sociedade branca, agora, face à desagregação da identidade das antigas “nações”, o culto oferecia uma proteção simbólico-ritual contra os aspectos brutais do mundo sub-proletário da grande cidade.

Foi assim que os baianos, graças ao “patrimônio” do aprendizado de ofícios urbanos, da chefia de casas de culto e de festa, conquistaram a liderança da vida mística e lúdica junto à população economicamente subalterna no Rio. As novas levas de baianos que chegam ao Rio por volta dos anos 30 traziam sempre ialorixás e babalorixás em busca de lugares para a prática do culto onde estivessem livres da repressão policial.

O bairro da Saúde – especialmente a Pedra do Sal, no Morro da Conceição – sempre foi o grande aglutinador dos migrantes. Mas, com a remodelação do centro da cidade, o famoso “Bota-Abaixo” do prefeito Pereira Passos, o bairro foi também afetado, e não tardou para que muitos (baianos inclusive) fossem buscar moradia na Cidade Nova, nos subúrbios e, mais tarde, nos morros ao redor do Centro.

A Cidade Nova se tornaria novo reduto baiano. Seus pontos de encontro multiplicavam-se pelas ruas de Santana, Marquês de Pombal e as hoje desaparecidas Visconde de Itaúna e Senador Eusébio. Ali se situava a praça Onze de Junho, o dito berço do samba carioca. Festas e candomblé cotejavam-se. Eram freqüentes figuras hoje lendárias como Hilário Jovino, o famoso “Lalu de Ouro”, ogã da casa de João Alabá e fundador de ranchos, grande personalidade do carnaval carioca.

O candomblé era a grande matriz simbólica de toda esta gente. E o professor Agenor lembra-se bem do candomblé que encontrou no Rio de Janeiro dos anos 20:

– No Rio, havia muitas tias e tios feiticeiros, de várias nações, a maioria hoje desaparecida. Mas as casas de candomblé, com filhos-de-santo e festas regulares, estas eram poucas. Da minha nação, o nagô-kêtu, destacavam-se três casas: a de João Alabá, a de Felisberto e a de Abedé. Destes, o único que fazia viagens constantes à Bahia era Felisberto Bamboxê, também conhecido como “Benzinho”, um apelido dado por ironia. Felisberto era figura de maus bofes, tratava com muita severidade seus filhos-de-santo. Aliás, não tolerava o apelido de “Benzinho”. Mantinha outra casa de candomblé em Salvador.

João Alabá, segundo diziam alguns, veio do Rio Grande do Sul e teve aqui muitos filhos-de-santo. Quanto a Cipriano Abedé, africano como Alabá, veio de Salvador por ordem do Oxóssi de tia Júlia do Engenho Velho, conta o professor Agenor. O orixá determinara que Abedé abrisse uma casa no Rio de Janeiro, para que aí se desenvolvesse um candomblé “mais forte”. Nesta época, já havia casas de umbanda e de omolocô, espécie de umbanda misturada a elementos da nação angola. E também havia a casa da tia Rozenda, que era jeje-marrim.

Três casas importantes da nação kêtú, no Rio de Janeiro. Três casas-matrizes da mesma nação, em Salvador. Uma coincidência?

O professor explica:

– Ora, no kêtú, todo axé é de Xangô. Três casas no Rio e mais três na Bahia fazem seis. Seis é o número de Obará. E Obará é odu ligado a Xangô.

As casas de Felisberto, Alabá e Abedé concentravam-se na área da Saúde e da Cidade Nova, bairros habitados por todo um contingente de ex-escravos e seus descendentes, onde se estabeleceu também uma comunidade de migrantes baianos,

muitos dos quais trabalhavam na estiva do Cais do Porto, não muito distante dali. Os membros destas casas de candomblé, muitos vizinhos e colegas de profissão, freqüentavam-se assiduamente. Os ciclos anuais de festas eram muitas vezes planejados de modo a permitir que as cerimônias públicas fossem compartilhadas por todos. Mas havia algumas diferenças, como lembra o professor Agenor:

– Um vivia pondo feitiço na janela do outro. Sabe como é, eles se davam, mas também se experimentavam...

Ele conta que acabou se ligando à casa de Abedé, que era muito amigo de mãe Aninha. Abedé assentou Euá, o segundo orixá do professor. Ensinou-lhe segredos de Ifá e conferiu-lhe o cargo de *babalossãe*, sacerdote de Ossãe, o orixá das folhas.

– Abedé, assim como minha mãe Aninha, possuía o poder de transformar objetos. Ele, como todo *babalossãe* autêntico, aliás, era capaz de transformar uma folha em outra. Mais impressionante ainda era o assentamento do Ossãe de Abedé, que por vezes falava como se fosse uma pessoa viva. Em algumas ocasiões, bastava que a pessoa chegasse perto do assentamento, e Ossãe se punha a falar, revelando fatos da vida da pessoa, descrevendo seu temperamento, prevendo acontecimentos bons ou ruins, aconselhando, advertindo. Pois o fato chegou aos ouvidos do deputado Irineu Machado, que quis conhecer o prodígio. Um belo dia, então, o deputado apareceu em casa de meu pai, dizendo: “Abedé, vim aqui para conferir essa história que andam contando, mas lhe digo, para mim é tudo artimanha sua, para mim você não passa de um bom ventríloquo”. Abedé, com a maior tranqüilidade, propôs ao deputado que lhe apertasse os lábios com a ponta dos dedos, impedindo qualquer truque. E foram para junto do assentamento de Ossãe. Quando lá chegaram, o orixá desandou a falar: fez

um punhado de revelações indiscretas, falou mesmo de uma certa amante francesa... A certa altura, o deputado, assustadíssimo, não se conteve e gritou: “Chega! Não quero ouvir mais nada!” E saiu correndo.

Mais lembranças:

– Abedé era um tanto esquentado, às vezes corria com todos os que estivessem à sua volta. Num de seus pitos, ele pôs para fora de casa todos os seus filhos-de-santo. Mas eu fiquei lá, parado. Ele então veio furioso: “E vosmecê, não vai sair?” Mantive a calma: “Eu, não. Não foi o senhor que assentou Euá para mim? Não foi aqui que recebi o grau de oluô? Então esta é a minha casa, como é que eu vou sair daqui?” Abedé se desarmou e veio me abraçar: “Esse é meu filho mesmo... Venha cá que vou lhe dar um axé de Ossãe!”

Da mesma forma como Agenor manteve ligações profundas de respeito e confiança mútuos com mãe Aninha Obá Biyi (alguns antigos costumam dizer que foi ele quem ficou com o “baú de Aninha”), estabeleceu com Cipriano Abedé o mesmo tipo de relação. Abedé, que era Grão-Mestre maçom, quis levá-lo para a maçonaria. Agenor declinou do convite:

– O candomblé já é coisa demais para mim. Imagine se eu ia entrar para a ordem dos maçons, não dava, era muita responsabilidade. Respeito bastante, assim como respeito e tenho interesse em conhecer diversas doutrinas orientais, que aliás oferecem ensinamentos profundos e esclarecedores. Mas a religião que professo é o candomblé, e o conhecimento dos mistérios dos orixás me basta.

Abedé resolveu destinar a Agenor uma herança muito especial:

– Quando meu pai morreu, deixou para mim seus assentamentos de Ogum e Ossãe. O de Ogum chegou às minhas

mãos e está comigo até hoje. Mas o de Ossãe, aquele mesmo que tinha o poder de falar, foi retido por Felisberto Bamboxê, que disse que não seria possível entregá-lo a mim, porque teria visto em seu jogo que o assentamento tinha que ser despachado. Como Felisberto era um pai-de-santo antigo e poderoso, nem pensei em contestá-lo. Mas, dias depois do enterro de Abedé, tive uma visão. Meu pai-de-santo se aproximava e dizia que Felisberto na verdade queria ficar com o assentamento para si, mas que eu não me preocupasse, se Ossãe não ficasse comigo, com Felisberto não ficaria: Ossãe voltaria para a África. Depois ele chegou mais perto, fez surgir dois espinhos do polegar e do indicador de uma de suas mãos e enterrou-os em meus dedos, fazendo-os desaparecer. Então ele sussurrou em meu ouvido algumas palavras que infelizmente não pude compreender – e foi-se embora. Até hoje fico me perguntando o que ele teria dito, mas de qualquer modo acho que eram coisas boas, meu pai Abedé só me queria bem. O fato é que Felisberto, quando foi procurar o assentamento para despachá-lo, ou sei lá para quê, não encontrou nada. Ossãe tinha desaparecido – foi mesmo para a África...

Foi também nos primeiros tempos de Rio de Janeiro que o professor Agenor conheceu tia Antônia Exu Biyi, uma velha africana que se tornou sua grande amiga.

– Antigamente não era costume preparar alguém para Exu. Se bem que na África isto era mais comum. Pois fui muito amigo de tia Antônia Exu Biyi, feita de Exu na África. Com o orixá dela acontecia um fato espantoso: quando se queria perguntar alguma coisa a ele, a pessoa tinha de se abaixar e sussurar a pergunta no dedão do pé de Antônia, incorporada. Ora, o som da pergunta não podia chegar a seus ouvidos, mas o fato é que Exu respondia tudo – e como respondia! Outra curiosidade: tia Antônia tinha um belíssimo pé-de-dança, sa-

bia dançar muito bem para todos os orixás; mas seu Exu, quando chegava numa festa, ficava parado quase o tempo inteiro. Se dançava, não era lá com muita graça. Mas também, naquele tempo, Exu não ia para a roda dançar junto com os outros orixás. Se acontecesse de ele vir, faziam seu *orô* à parte, ele dançava sozinho. Depois davam-lhe uma panelinha cheia de azeite-de-dendê, e ele ia para a porta do barracão, ficava lá até a hora de todos irem embora. Só voltava antes para o meio do barracão se fosse para avisar sobre a chegada da polícia, ou de alguma pessoa com má intenção, coisas assim. Sabe, eu sou de Oxalá, mas Exu é um orixá que eu prezo muito.

Notável ainda é a história de como Agenor e tia Antônia se conheceram. O jovem professor ouvira falar do jogo da tia africana, um jogo muito comentado. Resolveu experimentá-lo:

– Fui à casa dela, sem me apresentar como feito. Pois mal ela começou a jogar, me pediu a bênção. Vendo o meu espanto, disse: “Você não é de Oxalá? Eu sou de Exu, tenho de lhe tomar a bênção.” Em seguida, com um meio-sorriso, perguntou: “Quer dizer que ioiô veio experimentar o jogo desta velha?” Fiquei um tanto acabrunhado, mas imediatamente respondi que sim – afinal, era a pura verdade. Ela então falou: “Ioiô, vamos ficar amigos?” E desde esse momento ficamos amigos, cultivamos uma grande amizade que durou até a morte de tia Antônia, uma amizade quase tão grande quanto a que eu tinha por Menininha. Esta tia africana me ensinou muito.

As recordações que o oluô tem deste tempo são muito vivas, um tempo em que havia cerrada perseguição policial aos cultos, tempo de convivência com os tios africanos, nagôs, jejes, muçurumis, angolas, congos, galinhas e tantos outros. Tempo em que não se usavam velas nos candomblés – em algumas casas, segundo lembra o professor, acendia-se apenas uma vela grande no quarto de Oxalá às seis horas da tarde. Tem-

po de simplicidade e fé nos orixás, de temor aos antigos e ao feitiço, de predições, visões, vaticínios. Tempo de axé.

— Antigamente havia mais humildade, mais fé e mais respeito ao orixá. Hoje não, quase só se vê vaidade e comércio. O axé está enfraquecendo. Talvez por essa razão os orixás do kêtú não falem mais, em muitas casas. Mas deveriam falar, se recebem o axé de fala. O erê não fala? O próprio orixá não dá seu nome no barracão? Os santos dos antigos sempre falavam, ou em iorubá antigo, ou, para aqueles que não compreendessem esta língua, num português meio arrevesado. Só não falavam os orixás das pessoas que não eram feitas e que, portanto, ainda não tinham recebido o axé próprio. Não sei bem o que está acontecendo com a seita, não só com relação a este ponto, quanto em relação a tantos outros. Acho que, se eu tivesse de me iniciar hoje, não entraria para o candomblé. Lembro que no meu tempo os santos eram feitos com chitão e morim — e não porque os filhos-de-santo não pudessem comprar outros tecidos. Mas hoje se vêem os orixás cobertos de plumas, lamês, lantejoulas. Um Oxóssi do tempo antigo, por exemplo, se visse um desses Oxóssis modernos, cheios de plumas, era até capaz de atirar, pensando que fosse um pássaro! Qual nada, orixá é simplicidade...

— No meu tempo também não havia essa humilhação que sofrem os filhos-de-santo. O iaô, durante a obrigação de feitura, era tratado com carinho e respeito redobrados, uma forma de aliviar os sofrimentos que fazem parte da iniciação. E depois não tinha essa história de não poder encarar o pai-de-santo, de não poder sentar com ele à mesa, ou em assentos com a mesma altura. Os africanos impunham e exigiam respeito, sim, mas de uma forma natural. Esse tipo de proibição é coisa de alguns baianos — e de alguns cariocas também.

Um tempo de respeito e de segredo:

– Os antigos tinham por costume falar muito pouco de suas vidas, suas origens, quanto mais dos segredos dos orixás. O pai-de-santo, então, só falava daquilo que tinha vontade – e filho nenhum ousava fazer perguntas. Se resolvessem contar alguma história, explicar algum fundamento, sorte de quem estivesse por perto. Minha mãe Aninha era bem assim. Por exemplo, me lembro de que no Opô Afonjá era Sinhá Vevilha quem preparava todas as obrigações de iaô, arrumava a camarinha, deixava tudo pronto para Aninha fazer o principal. E ela então chegava com uma folha escondida nas mãos, punha dentro do *abô* do iaô (o banho lustral de cada iniciado) e dizia: “Só eu sei que folha é esta !” E ninguém mais ficava sabendo, mesmo.

– As pessoas não se lembram mais do tempo em que os cultos eram reprimidos pela polícia. Era comum, então, no meio de uma festa, que o orixá anunciasse alguma investida policial. Às vezes era Oxum que dizia: “*Chapéu-de-couro* vem aí. Quem tiver fé não vá embora, que fique, nada de ruim vai acontecer.” Daí a pouco, apareciam policiais à porta do terreiro, e a própria Oxum ia recebê-los. Pois eles entravam, sentavam-se, comiam, bebiam e, quando menos se esperava, começavam a bater palmas, e mesmo a cantarolar uma ou outra cantiga. Cansei de assistir a episódios como este.

São lembranças e mais lembranças de um tempo de axé, a época dos africanos. Com sua memória de oluô, o professor vai desfiando todas essas histórias com grande riqueza de detalhes e, sobretudo, muita alegria.

– Se estou cansado de falar? Que nada, menino! Minha mãe Aninha me dava muito obi para comer, por isso não me canso à toa...

UMA VISÃO DE FORA

Para quem não tem a oportunidade de ler o livro, a única maneira de conhecer o conteúdo é através da leitura da obra. Este livro é uma obra de referência para quem quer saber mais sobre a história da literatura brasileira. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da história da literatura brasileira e a segunda trata da história da crítica literária brasileira. O livro é escrito de uma maneira clara e objetiva, tornando-se uma excelente ferramenta para quem quer aprender mais sobre a história da literatura brasileira.

O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da história da literatura brasileira e a segunda trata da história da crítica literária brasileira. O livro é escrito de uma maneira clara e objetiva, tornando-se uma excelente ferramenta para quem quer aprender mais sobre a história da literatura brasileira.

Para se ter uma boa noção da diferença entre uma “visão de dentro” (como a do professor Agenor) e uma “visão de fora” do mundo ritualístico do candomblé, vale a pena referir-se ao livro *As religiões do Rio* – coletânea de reportagens publicada em 1906 pelo cronista João do Rio, pseudônimo do escritor Paulo Barreto. Os capítulos sobre as religiões de origem africana, escritos sob orientação de um informante chamado Antônio, além de serem um amontoado de enganos e informações duvidosas, veiculam muitos dos preconceitos da sociedade branca da época contra os cultos negros – ainda que sua epígrafe, extraída de Montaigne, seja: “*Cecy est un livre de bonne foi*” (“Este é um livro de boa-fé”). Mas exatamente por isso é interessante, principalmente se contrastado com uma história de vida como a do professor Agenor Miranda.

Veja-se, por exemplo, a descrição da *festa do nome* de Oiá Bonmin, que viria a ser mãe-pequena da casa de Cipriano Abedé. Embora João do Rio não faça menção direta, a festa se passa no terreiro deste africano que viria a ser pai-de-santo de

Agenor cerca de vinte anos mais tarde. No resumo abaixo, eliminamos (por serem cansativas) as várias referências pejorativas que perpassam o relato.

O texto começa com Antônio, o informante, indo buscar João do Rio à tarde para a festa:

“– A casa a que vai V. S. é de um grande feiticeiro; verás se não há fatos verdadeiros.

Quando chegamos, a sala estava enfeitada. Em derredor, sentavam-se muitos negros e negras mastigando orobô, ou cola amargosa, com as roupas lavadas e faces reluzentes. A um canto, os músicos faziam soar compassadamente o xequerê, os atabaques e batás, com movimentos de braços regulares. Diz Antônio:

– Às vezes tudo é mentira, à custa de cachaça e de fingimento. Quando o santo não vem, o pai fica desmoralizado. Mas aqui é de verdade...

Olhei o célebre pai-de-santo [Abedé], cujas filhas são sem conta. Estava sentado à porta da camarinha, mas levantou-se logo, e a negra iniciada entrou, de camisola branca, com um leque de metal chacoalhante. Diante do pai estirou-se a fio comprido, bateu com as faces no assoalho, ajoelhou e beijou-lhe as mãos. O babaloxá fez um gesto de bênção, e ela foi, rojou-se de novo diante de outras pessoas. O som do agogô arrastou no ar os primeiros batuques e os arranhados do xequerê. A negra ergueu-se e, estendendo as mãos para um e para outro lado, começou a traçar passos, com um certo sorriso. Só então notei que tinha na cabeça uma espécie de cone. Explica Antônio:

– É o adôxu[oxu], que faz vir o santo. Se o adôxu cai, o santo não vem.

A negra parecia aos poucos animar-se, sacudindo o leque de metal chacoalhante.

Em derredor, a música acompanhava as cantigas, que repetiam indefinidamente a mesma frase.

A dança dessas cerimônias é mais ou menos precipitada, simples, contínua e insistente. Os passos constantes são o alujá, em roda da casa, dando com as mãos para a direita e para a esquerda, e o jeguedê, em que, ao compasso dos atabaques, com os pés juntos, os corpos se requebram aos poucos.

A atmosfera era de crescente excitação. Aos poucos, outros negros entraram também na dança. No meio da festa, surge o babaloxá com um desses vasos furados em que se assam castanhas, cheios de brasas. As cantigas ganham intensidade redobrada. O pai-de-santo coloca o cangirão ardente na cabeça da iaô, que não cessa de dançar, insensível, e, alteando os braços num gesto dominador, entorna nas brasas fumegantes um alguidar cheio de azeite de dendê.

Ouve-se o chiar do azeite nas chamas, a negra bem no meio da sala sacoleja-se num jeguedê lancinante, e pela cara suada, do cangirão ardente, que não lhe queima a pele, escorrem fios amarelos de azeite. Havia uma hora, a negra dançava sem parar; pela sua face o dendê quente escorria benéfico aos santos. De repente, porém, ela estacou, caiu de joelhos, deu um grande grito.

– Emim Oiá Bonmim!, bradou.

Explicou Antônio:

– É o nome dela, o santo disse pela sua boca o nome que vai ter.

[Oiá Bonmim significa “Iansã me presenteou”, ou “o presente de Iansã”.]

O babalorixá gritava, com os olhos arregalados, palavras guturais.

– Que diz ele?

– Que é grande, que vejam como é grande!”

Alguns feiticeiros listados por João do Rio: “Isabel, Leonor, Maria do Castro, o Tintino, da rua Frei Caneca, o Miguel Pequeno, um anão, o Antônio, mulato conhecedor do idioma africano, o Obitaiô, da rua Bom Jardim; Aboré, Alamijo, Abedé, um certo Maurício, ogã de outro feiticeiro, o Brilhante, pai-macumba dos santos cambindas; Rodolfo, Virgílio, a Dudu do Sacramento, que mora também na rua do Bom Jardim, o Higino e o Breves, dois famosos tipos de Niterói, cuja crônica é sinistra; o Oto Ali, ou Ogan-Didi, jogador da rua da Conceição, Armando Ginja, Abubaca Caolho, Egídio Aboré, Horácio, Oiabumin, filha e atual mãe-de-santo da casa de Abedé; Ieusimin, Torquato Requipá, Cipriano, Rozendo, a Justa de Obaluaê, Apotijá, mina famoso pelas suas malandragens, que mora na rua do Hospício, 322, e finge de feiticeiro, falando mal do Brasil; a Assiata, outra exploradora, a Maria Luiza, sedutora recohecida, e até um empregado dos Telégrafos, o famoso pai Deolindo...”

“O despacho ou ebô de Iemanjá, mãe da água salgada, consiste num alguidar com pentes, alfinetes, agulhas, pedaços de seda, perfumes, linhas, tudo o que é feminino. Uma noite, na praia de Santa Luzia, pude ver por entre troncos de árvore uma dessas oferendas. À frente de um grupo, vinha uma negra com o alguidar na cabeça. Todos cantavam baixo:

Baô de re sê equi Iemanjá

Pele be apotá auô iô

Toro fim laxó erê.

Era o ofertório. Ao chegar na praia, na parte em que há alguns rochedos, a negra desceu, depositou o alguidar. Uma onda mais forte veio, bateu, virou o vaso de barro, quebrou-o, levou as linhas, e todos balbuciarão:

– Iemanjá!

A santa aparecera na fosforescência lunar, agradecendo...”

Mais feiticeiros, segundo Antônio: “João Mussê, alufá feiticeiro tremendo, que mora na rua Senhor dos Passos, 222, e é respeitado por todos, Obalei-é, Obio Jamin, Ochu-Toqui, Ochu-Bumin, Emin-Ochun, Oumigi, Obitaiô-homem, Obitaiô-mulher, Ochu-Taiodé, a Ochu-Boheió, da rua do Catete, Siê, Xangô-Logreti, Ajagum-baru, Eçu-hemin, Angelina, o ogã Conrado... Mais de cem feiticeiros, mais cem...”

O seguinte diálogo entre João do Rio e seu informante Antônio, transcrito na íntegra, oferece informações sobre os antigos babalaôs.

“– Mas quem é esse Sanim, afinal ?

– Um feiticeiro danado !

– Mas babaloxá, babalaô, traficante ?

– Babalaô, não senhor. Para ser babalaô é preciso muita coisa. Só de noviciado leva-se muito tempo, anos a fio, e a cerimônia é difícilima. Quando um iniciado quer ser babalaô, tem que levar ao babalaô que o sagra dois cabritos pretos, duas galinhas d’Angola, duas galinhas da terra, dois patos, dois pombos, dois bagres, duas preás, um quilo de limo, um ori, um

pedaço de ossum, um pedaço de giz, dois gansos, dois galos, uma esteira, dois caramujos e uma porção de penas de papagaio encarnadas.

– É difícil.

– E não é tudo. Tem que levar também um quilo de sabão da costa, que se chama ochê-iluaiê, e não entra para o ibodô-ifá ou quarto dos santos sem estar de roupa nova e levar na algibeira pelo menos 200\$000. O futuro babalaô fica sete dias no ibodô, onde não entra ninguém para não ver o segredo.

– O segredo?

– O segredo é um ovo de papagaio. V. S. já viu um ovo de papagaio? Nunca! É difícil. E quem vê um ovo desses, arrisca-se a ficar cego. O ovo em africano chama-se éiu, o papagaio, odidé. É o ovo que guardam dentro de uma cuia ou ibadú. O iniciado fica intciramente nu, senta-se na esteira, e o velho babalaô indaga se é de seu gosto fazer o ifá. Se a resposta for afirmativa, lavam-se quarenta e dois caroços de dendê com diversas ervas, e nessa água o babalaô novo toma banho. Depois raspa-se-lhe a carapinha, guardando-a para o grande despacho, pinta-se-lhe o crânio com giz e faz-se a matança.

– Todos os animais?

– Todos caem ao golpe das navalhas afiadas, o sangue enche os alguidares, escorre pela casa, mas ninguém sabe, porque lá dentro, de vivos, só há os dois babalaôs e o acólito. O primeiro sacrifício é para Exu. Mistura-se o sangue do galo com tabatinga, forma-se um boneco recheado com os pés, o fígado, o coração e a cabeça dos bichos. Metem-se em forma de olhos, nariz e boca quatro búzios, e está feito o Exu. Em seguida esfaqueiam-se os outros bichos, sacrificando aos ifás. O novo babalaô recebe na cabeça um pouco desse sangue, o acólito ou agibonam amarra-lhe na testa uma pena de papa-

gaio com linha preta, e assim, pronto, o novo matemático fica seis dias aprendendo a prática de alguns feitiços temíveis e rezando aos odu-ifá.

No fim dos sete dias juntam-se os ossos, as cabeças, os pés dos animais com os restos de comida, a pena de papagaio do jovem professor, as ervas dos serviços anteriores, coloca-se tudo num alguidar para jogar onde o opelê disser, no mar, num lago, em qualquer rio. O iniciado é quem leva o alguidar, sem perder a razão, e canta no trajeto três cantigas...”

Outras passagens:

“Nessa época [1906] encontram-se vários pais-de-santo na área da Cidade Nova e adjacências (ruas de São Diogo, Barão de São Félix, Hospício, Núncio e o da América). Aí se encontram negros das nações ijexá, oié, ebá, aboum, haussá, itaqua, ibouam, ixáu, gêge e cambinda. Há um idioma comum a esses grupos: o eubá.

Há entre os negros duas grandes crenças principais: a dos orixás e a dos alufás.

Os orixás, em maior número, são os mais complicados e mais animistas. Há entre eles as figuras dos babalaôs, babás, babaloxás, açobás, aborés (grau máximo), mães-pequenas, ogans, agibonans.

Entre os pais-de-santo destacam-se Oluou, Eruosaim, Alamijô, Adé-Oié, os babalaôs Emídio, Oloô-Teté (que significa ‘treme-treme’), e um bando de feiticeiros: Torquato Requipá (ou ‘fogo pára-chuva’), Obitaiô, Vagô, Apotijá, Veridiana, Crioula Capitão, Rosenda, Nosuanan, a célebre Chica do Vavá, que um político economista protege.

Há homens importantes que devem avultadas quantias aos alufás e babalaôs que são grau 32 da Maçonaria.

Dessa gente, poucos lêem. Outrora ainda havia sábios que destrinçavam o livro sagrado.

O africano egoísta pai-de-santo ensina de modo que, não só a arte perde muito das suas fases curiosas, como as histórias são adulteradas e esquecidas.

Os orixás são em geral polígamos. Nessas casas das ruas centrais, há homens que vivem rodeados de mulheres, e cada noite, como nos sertões da África, o leito dos babaloxás é ocupado por uma de suas esposas.

Os alufás têm um rito diverso. São maometanos com um fundo de misticismo. Quase todos dão para estudar a religião. Seu chefe supremo é o Lemano. Os alufás não gostam da gente de santo, e vice-versa, mas acham-se todos relacionados pela mesma língua, com costumes exteriores mais ou menos idênticos e vivendo da feitiçaria.

Alguns alufás fazem *idans* ou grandes mágicas, em que a uma palavra cabalística a chuva deixa de cair e obis aparecem em pratos vazios. Os alufás superiores, apesar da proibição da crença, usam dos *aligenum*, espíritos diabólicos chamados para o bem e para o mal, num livro de sortes marcado com tinta vermelha.

Diz Oloô-Teté: 'Feitiço pega sempre. Não há corpo fechado. Só o que tem é que uns custam mais. Feitiço para pegar em preto é um instante, para mulato já custa, e então para cair em cima de branco a gente sua até não poder mais. Mas pega sempre. Por isso preto usa sempre o *assiqui*, a cobertura, o breve, e não deixa de mastigar obi, noz-de-cola preservativa.'

Os babalaôs, em troca de dinheiro, jogam o edilogum, os búzios, e servem-se também por aproximação dos signos do zodíaco. Diz Antônio: 'O mês do Capricórnio compreende todos os animais parecidos, a cabra, o carneiro, o cabrito, e,

segundo o cálculo do dia e o animal preferido pelo santo, os matemáticos descobrem quem é [o orixá da pessoa].’

Há ainda os negros cambindas, cujos rituais copiam os de outras nações e mesclam às suas cantigas trechos em português. Para os cambindas qualquer pedra serve para santo, os paralelepípedos, as lascas das pedreiras, e adoram a flor do girassol, que simboliza a lua.

As filhas-de-santo chamadas macumbas ou cambindas chegam a ter uma porção de santos de cada vez, manifestando-se na sua cabeça. Durante o transe, a assistência pode cantar:

*Maria Mucanguê
Lava roupa de sinhá
Lava camisa de chita
Não é dela, é de iaiá.*

Ou então:

*Bumba, bumba, ó calunga
Tanto quebra cadeira como quebra sofá
Bumba, bumba, ó calunga.*

Todas estas referências provocam um comentário depreciativo do jovem mulato Antônio: ‘Por negro cambinda é que se compreende porque africano foi escravo de branco.’

Para se fazer o santo as despesas são grandes, as futuras iaôs levam meses fazendo economias, poupando, sacrificando-se. É de obrigação levar comidas, presentes, dinheiro ao pai-de-santo para a sua estada no *ilê-axé-ô-ilê-orixá*, estada que para os nagôs regula de 12 a 30 dias.

Antes de entrar para a camarinha, a mulher presta juramento de guardar segredo do que viu, toma um banho purificador, e à meia-noite começa a cerimônia. A iaô, vestida de branco, com o ojá apertando a cintura, senta-se numa cadeira. todos em derredor entoam a primeira cantiga a Exu.

Exu tiriri lonam, bará o bebê

Tiriri lonam, Exu tiriri.

O babaloxá pergunta ao santo para onde deve ir o cabelo que vai cortar à futura filha e indica a todos a ordem divina. Se o santo em questão é a mãe d'água doce, Oxum, o cabelo deverá ir para a Tijuca, a Fábrica das Chitas; se é Iemanjá, poderá ficar na praia do Russel, em Santa Luzia; se é algum outro santo, poderá eventualmente ir para um trecho de praça em que as ruas se cruzam.

As rezas começam então; o pai-de-santo molha a cabeça da iaô com uma composição de ervas e com uma afiadíssima navalha faz-lhe uma coroa, enquanto a roda canta triste:

Orixalá otô ô iaô.

Essa parte do cabelo é guardada eternamente, e a iaô não deve saber nunca onde a guardam, porque lhe acontece desgraça. Em seguida, o crânio é circularmente raspado, e, quando todo cabelo cai no alguidar, a iaô já perdeu a consciência.

O babaloxá lava-lhe ainda a cabeça com o sangue dos animais sacrificados pelos ogans, e as iaôs antigas levam-na a mudar de roupa, enquanto se preparam com ervas os cabelos do alguidar.

Daí a momentos a iniciada aparece com outras roupas, pega no alguidar e sai acompanhada pelas outras, que a amparam e cantam baixo o ofertório ao santo. Chegando ao lugar indicado, a noviça deixa o vaso, volta e é recebida pelo pai, que entorna em frente à porta um copo d'água.

A nova iaô vai então descansar, enquanto os outros rezam na camarinha, em frente ao *estado-maior* – coleção de assentamentos compostos em geral de terrinas ou sopeiras e montados numa espécie de prateleira. Nas sopeiras estão todos os santos pequenos e grandes. Há desde as terrinas de granito às de porcelana com frisos de ouro, rodeando armações de ferro, onde se guarda Ogum, o São Jorge da África.

No dia seguinte à cerimônia, a iaô lava-se e vai à presença do pai para ver se há a proximidade de espíritos contrários. Se os espíritos existem, o pai poderoso repele a influência nefasta por meio de ebós e de egunguns. A iaô é obrigada a não falar com ninguém: quando deseja alguma coisa, bate palmas, e só a ajuda nesses dias a mãe-pequena, ou iá kekerê. As danças para preparo de santo realizam-se nos 1º, 3º, 7º, 12º e no 16º dia, quando o santo se revela. A cerimônias de iaô renovam-se de resto de seis em seis meses, de ano em ano, até à morte.”

Ainda outro trecho:

“Fora os pais-de-santo, as mães, à época, chegam a cinquenta. Entre elas, Josefa, Calu Boneca, Henriqueta da Praia, a Maria Marota, que vende à porta do Glacier, Maria do Bonfim, a Martinha da rua do Regente, Zebinda, Chica do Vavá, a Aminam Pé-de-Boi, a Maria Luiza, que é também sedutora de senhoras honestas, a Flora Coco Podre, Dudu do Sacramento, Bitaiô, a Assiata [tia Ciata], esta última considerada falsa mãe-de-santo.”

É dessa ordem, enfim, a “atmosfera” de *As religiões do Rio*. Refletia, claro, e alimentaria depois muito do *ethos* depreciativo e preconceituoso da sociedade global no que diz respeito aos cultos de origem africana. O professor Agenor conhece o livro, mas seu único comentário a respeito é um muxoxo, seguido de um balançar desconsolado da cabeça.

UMA CASA DE VILA NO ENGENHO NOVO

Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1926, Agostinho Lima, encontrou na casa do Leão, uma propriedade na Avenida Atlântica. Ali chegou em 1927. A casa era grande, mas muito para a rua. Com o Sr. Sampaio, Adolfo, 134, fundo, e Castro Sampaio, 199. A arquitetura, de um a paragem. Entre Gaspar Dutra, o Sr. Candido Pereira, o Sr. Barros, Henrique Silva, e outros. "Mas não se dá ao luxo de ser visto, embora tenha sido o primeiro a ser visto", dizia o Sr. Sampaio. "Mas não se dá ao luxo de ser visto, embora tenha sido o primeiro a ser visto", dizia o Sr. Sampaio. "Mas não se dá ao luxo de ser visto, embora tenha sido o primeiro a ser visto", dizia o Sr. Sampaio.

Em 1947, Sampaio chegou ao Rio de Janeiro, onde encontrou a casa do Leão. A casa era grande, mas muito para a rua. Com o Sr. Sampaio, Adolfo, 134, fundo, e Castro Sampaio, 199. A arquitetura, de um a paragem. Entre Gaspar Dutra, o Sr. Candido Pereira, o Sr. Barros, Henrique Silva, e outros. "Mas não se dá ao luxo de ser visto, embora tenha sido o primeiro a ser visto", dizia o Sr. Sampaio. "Mas não se dá ao luxo de ser visto, embora tenha sido o primeiro a ser visto", dizia o Sr. Sampaio. "Mas não se dá ao luxo de ser visto, embora tenha sido o primeiro a ser visto", dizia o Sr. Sampaio.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1926, Agenor instalou-se numa casa do Leme, mais precisamente na Avenida Atlântica. Ali morou até 1947. A casa era grande, com fundos para a rua Gustavo Sampaio (av. Atlântica, 134; fundos: r. Gustavo Sampaio, 159). A vizinhança, ilustre: o presidente Eurico Gaspar Dutra, o pintor Cândido Portinari, o compositor Ari Barroso, Henrique Roxo, renomado psiquiatra. “Mas nunca me dei muito com os vizinhos, embora falasse bem com um ou outro”, ressalva o oluô. “Sabe como é, eles querem logo saber da vida da gente, e eu não ia dizer que sou macumbeiro.”

Nos idos de 1947, Xangô determinou no jogo, sem maiores explicações, que o oluô deveria procurar outra casa para morar. Já habituado àquelas ordens inesperadas, ele não hesitou em cumprir mais esta. Como não conseguisse, entretanto, encontrar nada adequado, resolveu consultar o orixá mais uma vez e obteve a seguinte resposta, ainda de compreensão obscura: Xangô estava segurando aquela casa em seus próprios braços, que ele continuasse procurando outra.

Algumas semanas depois, Agenor conseguiu enfim transferir-se para uma residência na Tijuca. No dia seguinte à mudança, o oluô pôde então compreender os desígnios do orixá: mesmo sem qualquer sinal aparente, mas com sua estrutura irremediavelmente comprometida, a velha casa do Leme acabara de ruir.

Passou-se quase meio século. A casa atual, no Engenho Novo, é bem sólida. Fica numa vila bem conservada e tranqüila. Há crianças, jogo de bola. Os vizinhos respeitam o velho oluô, habituados à movimentação em sua residência. Muitos chegam a aconselhar-se ou consultar-se com ele.

A casa parece mesmo de gente idosa, tudo muito limpo e arrumado. Muitos bibelôs, de estilo oriental na maioria. Em cima do batente superior da porta de entrada, seis estatuetas representam tipos orientais. No chão da sala, a um canto, um Buda em cerâmica pintada tem no colo uma pequena bola vermelha, dessas de árvore de Natal.

Um quadro grande com a figura de Cristo. Outro reproduz um ícone de estilo russo. Outro exhibe uma família de leões (animal-símbolo de Xangô). Preso à porta de entrada, o conjunto dos “sete sinos da felicidade”. Um belo piano de armário, com entalhes *art déco*, sobre o qual repousa uma pilha de partituras, ao lado de um metrônomo de madeira. Agenor é pianista, apaixonado por Chopin e Debussy.

No teto, sancas e luminárias em gesso pintado de dourado. Uma cristaleira repleta de copos e outros objetos de cristal. Segundo d. Guimar, fiel ajudante, “volta e meia quebra um copo, quando aparece uma visita carregada”. Um relógio de mesa soa a cada quarto de hora. A televisão e o aparelho de som são antigos e bem conservados. Numa mesinha, ao lado do retrato emoldurado do dono da casa, um pequeno abajur com copa de crochê. Porcelanas orientais.

O quarto em que se faz o jogo divinatório, no segundo andar, não chega a ser tão arrumado quanto os demais aposentos, fruto das “trouxinhas e embrulhinhos de negro nagô”, como diz o professor, embora não se encontre aí qualquer vestígio de poeira. Há estantes com livros, revistas, álbuns de fotografias e objetos variados, presentes, caixas de bombons. Na parede, quadros e fotografias – entre elas, fotos de mãe Menininha. A mesa de jogo é pequena e simples, não há sequer um fio-de-conta, copo d’água ou moeda junto aos búzios, apenas uma pequenina toalha branca rendada.

O quarto onde estão os orixás, também no segundo andar, é mantido de janelas fechadas, iluminado quase sempre pelas velas de sete dias que ali se espalham e sempre decorado com muitas flores. Os assentamentos de orixás estão distribuídos dentro de dois grandes armários fechados e em cima de um cômoda – alguns estão separados, como Xangô, em seu pilão, mais ao centro do quarto. Na parte externa dos armários, vêem-se alguns fios-de-conta ainda por terminar, potes, frascos, vidrinhos, pequenos objetos. Os assentamentos não são “vestidos”, ou seja, enfeitados com pano.

Na sala, cozinha e demais aposentos do andar térreo, não há qualquer elemento que indique, pelo menos aparentemente, a ligação do professor Agenor com o candomblé. Na ante-sala, sentado numa poltrona do lado oposto ao piano, costuma receber os visitantes. E aí está ele: baixinho, cabelos brancos bem curtos, na aparência cortados à máquina, óculos espessos, temperamento elétrico. Tem o hábito de tamborilar os dedos em forma de cruz, no braço da poltrona, no tampo da mesa de jantar ou em cima do joelho, exatamente como se estivesse catando os búzios de seu jogo.

É rigoroso em sua rotina diária. Acorda cedo, por volta das seis horas e toma banho sempre frio (a água quente, ou mesmo morna, diz, é capaz de lhe provocar alergia). Após o café da manhã, lê o jornal. Às terças, quartas e quintas-feiras que não sejam da primeira semana do mês, costuma atender a pessoas que marcaram previamente o jogo, normalmente das nove da manhã, ou mesmo antes, até uma da tarde, ou mais. Almoça por volta de uma hora e então vai repousar. A partir de duas ou três horas, costuma receber visitas de filhos-de-santo, amigos, consulentes antigos. Quem estiver em sua casa por volta de quatro ou cinco horas, é sempre convidado para um lanche, em que não faltam café – de que o anfitrião se serve com açúcar e uma farta colherada de leite condensado –, pão francês e manteiga. Às vezes, são servidos *petits-fours*, bombons ou fatias de tortas, guloseimas com que o professor é presenteado. À noitinha, recolhe-se. Assiste um pouco à tevê – interessa-se pelos telejornais. Não janta, come apenas um sanduíche. E vai dormir cedo, por volta das dez.

Esta rotina é interrompida apenas em dias especiais como, por exemplo, nas primeiras quartas-feiras do mês, dia em que o professor serve um amalá a Xangô, e nas primeiras sextas, dia da obrigação mensal a Oxalá. Mas a rotina é também quebrada pelas constante viagens a São Lourenço, Itatiaia e outras cidades próximas, nos fins-de-semana. Às vezes, a lugares mais distantes: Agenor costuma ir uma vez por ano à Europa, passando quase sempre por Portugal. Viaja também com alguma freqüência a Salvador, onde visita os candomblés tradicionais.

Agenor sempre foi figura arredia, de acesso difícil. Só com o passar do tempo foi abrandando, ainda que discretamente, esta característica. Sabem os mais chegados que, até

há poucos anos, era muito difícil ser recebido por ele em sua casa, a não ser que houvesse sincera disposição para tanto e, além disso, a visita fosse marcada com antecedência. Para os desconhecidos, as dificuldades eram ainda bem maiores. Uma visita só se fazia possível com a recomendação expressa de alguém muito próximo ao oluô.

Este costume, embora suavizado, ainda permanece, o que não impede o professor de ser constantemente assediado por toda uma plêiade de pais e mães-de-santo do Brasil inteiro, quase sempre em busca de um jogo ou de ensinamentos, bem como por filhos e parentes-de-santo, artistas, jornalistas, pesquisadores e até mesmo carnavalescos de escolas de samba que volta e meia lhe batem à porta, pedindo orientação para enredos ligados ao culto afro-brasileiro. Dependendo de sua disposição, de seu humor e, principalmente, de sua intuição de oluô, o professor consente ou não em receber o pretendente. Mesmo em caso de recusa, há que sublinhar um fato: todos são tratados com a mesma distinção e, sobretudo, muita polidez.

O professor é conhecido por ensinar fundamentos e mesmo alguns segredos da lei-de-santo aos escolhidos, normalmente sacerdotes com casa aberta e responsabilidades sobre terceiros. De forma sistemática ou não, ele vem orientando ao longo dos anos várias gerações de iniciados – o que contraria o comportamento da esmagadora maioria dos antigos do candomblé, que costumam sonegar muito de seus conhecimentos mesmo aos próprios filhos-de-santo mais graduados. Entretanto, o oluô ensina a quem quer, o que quer e quando quer. Procura sempre atestar a necessidade de conhecimento e o merecimento de cada um, observando principalmente o caráter e a capacidade de guardar segredo de seus discípulos.

Da mesma maneira, sempre foi arredo em matéria de expor publicamente qualquer tipo de informação sobre sua religião. Para ele, a violação de muitos segredos dos orixás, ainda que a título de pesquisa acadêmica, representa causa de enfraquecimento do axé. Assediado ainda hoje por jornalistas e pais-de-santo que mantêm programas de rádio, televisão e colunas em jornais e revistas sobre os cultos afro, o professor Agenor costuma escusar-se elegantemente, invocando com ironia o princípio da *quizila*, a interdição ritual:

– Não, meu filho, não posso ir a rádio ou a televisão. Não havia isso no tempo em que fui feito, não quebrei essa quizila...

Quando dignou-se a dar a primeira entrevista, andava perto dos setenta anos. Isto foi em 1974, em Salvador, a propósito das Semanas Afro-Brasileiras, evento coordenado pela antropóloga Juana Elbein dos Santos e seu marido Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi. Este, vale lembrar, é também figura ilustre do candomblé baiano: filho carnal de mãe Senhora, uma das mais expressivas ialorixás do Axé Opô Afonjá (irmã-de-santo do professor Agenor), e alapini (sumo-sacerdote do culto a Egun, os ancestrais).

O sociólogo Marco Aurélio Luz, que tem o título de Ossi Oju Obá do Axé Opô Afonjá, foi então encarregado de entrevistar o oluô para a revista de cultura *Vozes*, que dedicaria um número às Semanas Afro-Brasileiras. Conseguiu uma pequena entrevista, que é rematada pela seguinte declaração de Agenor:

– Eu nunca dei entrevista a ninguém e só o fiz agora pela consideração que tenho por Didi e Juanita.

No entanto, aos 88 anos, em plena forma, o professor Agenor decidiu publicar um livro sobre candomblé.

Ele explica:

– Nunca quis falar nada, muito menos escrever a respeito de santo. Mas, sabe como é, tanta gente me pedindo, ao longo desse tempo todo... Por meu lado, eu via tanta coisa distorcida sendo publicada sobre a religião dos orixás que me animei e resolvi consultar o meu jogo. Os orixás disseram que eu só não tinha escrito antes por falta de vontade. Apenas assim me arrisquei. Mas é um livro singelo, não revelo praticamente nada que não seja do conhecimento público. Minha preocupação maior foi a de alertar sacerdotes e praticantes da seita quanto a eventuais desvirtuamentos.

Um desses problemas consiste na perspectiva mercantilista que os cultos vêm assumindo, fato muito combatido por Agenor. O sacerdote, além de ser energeticamente contrário à cobrança por serviços rituais, em qualquer religião, sempre exercitou a caridade. Visita com frequência orfanatos, asilos, hospitais, leprosários, levando consigo alimentos, remédios ou agasalhos. De tempos em tempos promove distribuição de gêneros, na vila onde mora, a famílias carentes do bairro. Um pequeno episódio vivido pelo professor ilustra bem sua posição a respeito do assunto.

Assim é que, uma tarde, ele recebe a visita de uma família: um casal com os filhos – uma criança de colo e um garoto de seus seis ou sete anos. A mãe, já conhecida do oluô, adianta-se e pede para que o garoto seja rezado.

O professor atende prontamente, chama o menino a um canto da sala e inicia uma prece a meia-voz, quase à maneira kardecista. Com palavras enérgicas e positivas, vai pedindo pela saúde da criança, clamando por paz e proteção espiritual. Finalmente abençoa a criança, está terminada a reza.

Depois de agradecer, a mãe vai se despedindo, desculpando-se pela pressa. À saída, porém, o garoto, com ar tímido, estaca, puxando o braço da mãe. Sempre atento, o professor interpela o garoto:

– O que foi, meu filho?

É a mãe quem responde, um tanto acabrunhada:

– Bobagem, professor. É que ele queria dar um presente ao senhor, ele me disse antes de chegarmos aqui. Mas é uma coisa muito simples...

E o garoto tira prontamente do bolso uma pequena bala, dessas embrulhadas em celofane, e a estende ao dono da casa. O velho professor desmancha-se num sorriso, afaga a cabeça do garoto e diz, como que para si mesmo:

– Muito obrigado, menino. Eu acabo de ser muito bem pago pelo trabalho que fiz... Oxalá o abençoe.

Depois que a família se retira, o oluô comenta com as outras visitas:

– A vida no santo é cheia de sacrifícios, de privações, mas oferece recompensas como esta... Eu não entendo como é que tanta gente hoje em dia se deixa seduzir pelo dinheiro fácil e passa a cobrar por trabalhos, pelo jogo, por uma orientação qualquer. E cobram uma fortuna, até em dólar! No meu tempo, não havia isso. Aninha e Abedé, por exemplo, nada cobravam. Mas o candomblé foi-se transformando em comércio, até mesmo muita gente séria passou a agir assim. Costumo dizer que o candomblé evoluiu, sim, mas não em seus preceitos. Evoluiu nos figurinos e no hábito de se pedir dinheiro. A religião não pode ser um meio de sustento. Eu trabalhei minha vida inteira, hoje recebo minha aposentadoria e não peço nada a ninguém. E também nunca cobre por jogo ou qualquer outro trabalho espiritual. Ora, isto foi um dom que Deus me deu,

como é que eu vou cobrar dos que batem à minha porta? Os africanos de meu tempo, assim como os tios e tias nascidos no Brasil, viviam quase todos em grande dificuldade, mas nem por isso faziam de seu sacerdócio um comércio. Na maioria dos casos, dedicavam-se ao comércio ambulante, à estiva.

Prossegue:

– Muitas mães-de-santo que conheci ganhavam seu sustento fazendo doces. Punham duas ou três pessoas espalhadas pela cidade com tabuleiros de quitutes, era cocada-puxa, pé-de-moleque, bolo de milho, de aipim... Com a féria do dia, pagavam a essas pessoas, compravam material para fazer mais doces no dia seguinte e, claro, tiravam o seu. Quantas baianas não vinham para o Rio de Janeiro naquela época, só para vender acarajé, que aqui custava o triplo do preço. Vinham, passavam um tempo, depois voltavam a Salvador com dinheiro suficiente para fazer suas obrigações e ainda se manter por mais um tempo. É por tudo isso que eu dou grande valor ao presente desse menino. Vocês não podem imaginar como eu fiquei contente...

6

**AGENOR, SUA CASA, SEUS OBJETOS:
IMAGENS**



O oluô Agenor Miranda Rocha em sua poltrona predileta, com suas bengalas africanas.



Quarto em que o professor cultua os orixás.



Opaxorô (60 cm), cetro de Oxalá. Com ele, ainda criança, foi iniciado o professor.



Exu de Ifá, originário do Benin (antigo Daomé).



*Estatueta de Xangô,
procedente da Nigéria.*



*Figura de Xangô,
esculpida por
Manuel Bonfim.*



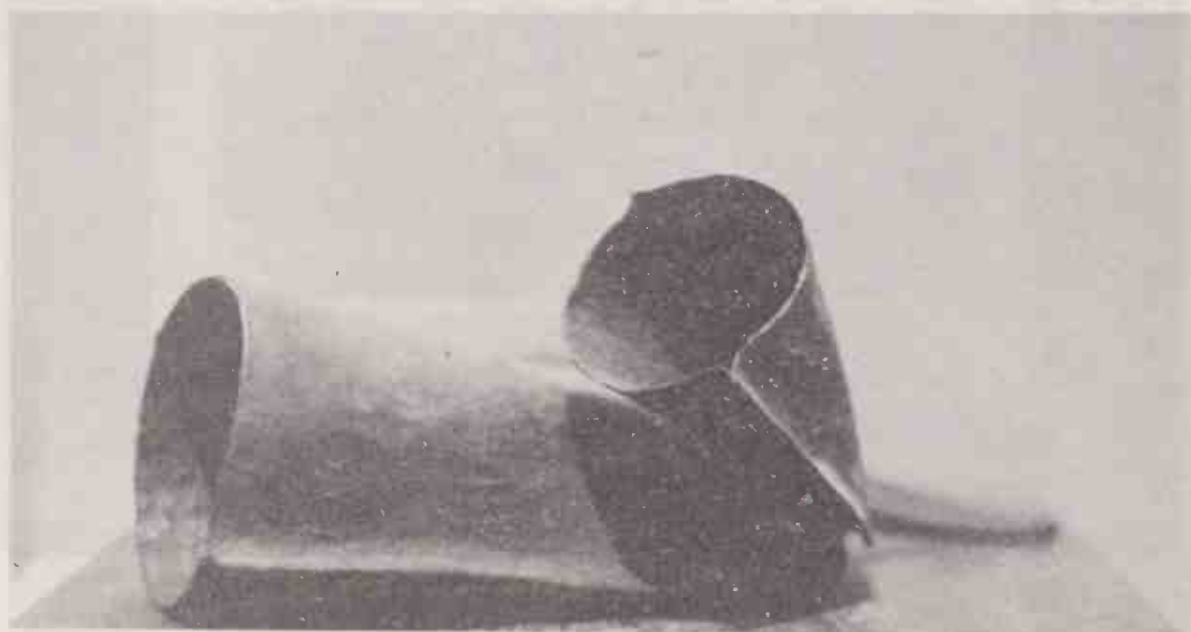
Quadro de Obaluaíê, orixá admirado pelo professor devido a seus vínculos míticos com Ossãe.



Xere, chocalho ritual empunhado apenas por dignitários do culto a Xangô.



Oponifá, tábua usada no jogo de Ifá, e Ifá Irokê, instrumento de invocação deste orixá.



Agogô, instrumento da música ritual do candomblé, procedente da Nigéria.



Gamela de Xangô, preparada por mãe Aninha quando o professor veio para o Rio de Janeiro. Os otás, pedras sagradas, são do tipo edun-ará (pedras-de-raio, pequenos meteoritos). Estão sob os dois oxês (machados duplos de Xangô) e reproduzem-se miraculosamente.



Fotografia de mãe Aninha, Obá Biyi, dependurada na parede do quarto de jogo.

UM VENTO SAGRADO

E nquanto o vento sopra um campo sagrado, a terra é fértil e a vida é abundante, assim a vida é fértil e a vida é abundante quando o vento sopra um campo sagrado. Quando o vento sopra um campo sagrado, a terra é fértil e a vida é abundante. Quando o vento sopra um campo sagrado, a terra é fértil e a vida é abundante.

Esta música, o professor Xavier de Lima, o pai de um menino, o pai de um menino, o pai de um menino. Esta música, o professor Xavier de Lima, o pai de um menino, o pai de um menino, o pai de um menino. Esta música, o professor Xavier de Lima, o pai de um menino, o pai de um menino, o pai de um menino.

É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado.

É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado.

É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado. É a música que o vento sopra um campo sagrado.

-Eu entendo o orixá como um vento sagrado. Quem é tomado por ele recebe, como se diz, um “barravento”. Quando o orixá vem, às vezes está manifestado de forma serena – o vento está calmo; às vezes, o orixá começa a tremer, tremer convulsivamente – o vento está mais forte.

Desta maneira, o professor Agenor define orixá, o princípio cosmológico, a divindade, no sistema nagô-kêtu. Sua concepção não implica nenhuma “tradução” antropológica ou acadêmica, uma vez que parte da própria experiência tida ou observada no culto. A realidade que assim descrita está, para ele, acima de qualquer irracionalismo ou superstição:

– Eu não tenho superstição de qualquer tipo. Imagina, não colocar bolsa no chão, não abrir guarda-chuva dentro de casa, não colocar o chapéu em cima da cama... Tudo bobagem!

E acrescenta:

– O que mais vale é o coração limpo, a mente limpa. O que estiver errado, o santo conserta.

Essas declarações categóricas, em que o pensamento se expressa de modo claro e incisivo, podem ser pontuadas por

frases ambíguas, às vezes contraditórias. A par de toda a sua formação acadêmica, literária, musical, o professor Agenor definitivamente comporta-se como um “antigo” do candomblé baiano. Matreiro, político, sabe conduzir uma conversa, fazendo com que seu interlocutor acabe se expondo sempre mais do que ele próprio. Fala o que quer, quando quer.

Um exemplo: um pesquisador foi procurá-lo certa vez para tomar seu depoimento sobre uma importante figura carioca do início do século, uma sambista da Praça Onze tida como ialorixá. O pesquisador, segundo o professor, chegou dizendo que a tal mulher era mãe-de-santo e foi logo querendo mais detalhes. O professor preferiu não o contradizer, mesmo afirmando para nós que a famosa sambista sequer tinha feito obrigação iniciática, embora se fizesse passar como filha espiritual de João Alabá.

Outro exemplo por ele relatado:

– Uma certa mãe-de-santo, que aliás aprendeu a jogar búzios comigo, veio me visitar. Contou que tinha sonhado com Iemanjá, e, no sonho, o orixá lhe ensinara que a folha do café era a principal folha de Ossãe. Ora, o que eu podia dizer? Quem sou eu para contradizer Iemanjá...

Para o oluô, é preciso saber quando silenciar. Ele lembra-se do tempo em que três grandes ialorixás de Salvador mantinham uma espécie de *entente cordiale*: falavam-se, porém com reservas. As três ligavam-se a ele por laços de amizade e também por vínculos religiosos; por isso, o oluô vivia em contato permanente com elas.

Às vezes, havia diálogos dessa ordem:

– E então Agenor, veio da casa de iaiá? O que ela andou falando de mim?

– Nada, minha velha. Só falou bem da senhora, mandou lembranças.

Em outra casa:

– Está indo visitar iaiá, Agenor? Não vá, não, fique mais um pouco...

– É que eu tenho de ir. Afinal, assim como a senhora é minha amiga, ela também é, e estou lhe devendo uma visita.

– Mas ouvi dizer que iaiá tem falado muito de mim...

– Ora, se tem falado, não foi comigo. Pelo contrário, quando conversamos, só diz coisas boas a seu respeito.

Pois quando uma dessas mães-de-santo morreu, as duas outras encontraram-se em seu *axexê* (rito funerário) e resolveram trocar de bem. Começaram então a “lavar roupa suja”, lembrando-se daqueles que iam fazer intriga. De todos os conhecidos, só Agenor ficou de fora.

– É mesmo, iaiá. Foi o único que não trouxe novidade.

– Pudera, minha amiga... Agenor é vinho de outra pipa!

De fato, o professor Agenor é ligado a três grandes casas de candomblé de Salvador, onde possui cargos importantes. Quem lá se apresenta em seu nome costuma ser muito bem recebido.

– Sou conhecido como “o homem que abre as portas” – diz, satisfeito.

Para ele, mãe Menininha do Gantois foi a maior amiga que teve dentro da “lei-do-santo”. Quando o professor chegava de visita no Gantois, Menininha parava o que estivesse fazendo, para recebê-lo. E mais: a ilustre ialorixá consultava-se com os búzios de Agenor. Ele lembra:

– Menininha tinha a mania de cruzar os braços, encolhendo os ombros, para dizer: “Ave-Maria, vou jogar com essa gente aí? Eu não, só jogo com Agenor!”

As amizades e boa reputação deveram-se sempre não só ao axé e à força do jogo do oluô, mas principalmente ao seu tato nas relações pessoais, ao silêncio oportuno. O universo do candomblé parece ter herdado muito da atmosfera emocional da antiga corte do reino de Oyó, na África Ocidental, onde as relações pessoais podiam ser perpassadas por pequenas intrigas, que exigiam muito siso e habilidade por parte dos envolvidos. As palavras, também aqui, devem ser medidas e negociadas.

Entende-se assim por que muitas vezes um integrante do culto possa fazer restrições ao próprio ambiente em que transita e onde pessoalmente é capaz de sentir-se muito bem. O professor Agenor não é exceção à regra.

Isso pode ser visto no caso de dona Guimar, que trabalha na casa do professor há mais de 50 anos. É de Oxum, mas tanto ela quanto Agenor têm uma ponta de orgulho ao dizer que ela nunca assistiu a uma festa de candomblé. Durante todo o tempo de convivência com o sacerdote, conhecendo figuras importantes do culto, sempre lhe foi vedada a visita a qualquer casa-de-santo, e não por motivos rituais. É o professor quem explica:

– Nunca deixei Guimar ir a uma festa de candomblé, porque não é ambiente para ela. Eu tenho grande amor pelos orixás, pela minha religião, mas essa gente de santo aí, não sei, não... Minha mãe Aninha, quando eu era rapazinho, nem sempre deixava que eu ficasse nas festas do Axé. Depois das obrigações e rezas dentro do quarto-de-santo, ela me dizia, com voz firme: “Menino, vá se vestir para ir embora. Não quero você aqui nesse ambiente”.

No posicionamento explícito do oluô transparece uma contradição entre a fé, o respeito litúrgico e os percalços da

vida social sob a “lei-do-santo”, as sutilezas relacionais da vida comunitária do candomblé. No entanto, ele reconhece:

– Jamais enfrentei rejeição. Acho que isso se deve ao fato de ter entrado para o candomblé ainda muito criança, e ainda de forma involuntária, por motivo de doença. Mãe Aninha gostava imensamente de mim. E também me adaptei ao meio com facilidade, sempre fui muito obediente.

Essa hipótese da rejeição é suscitada pela questão da cor (Agenor não tem pele negra). Entretanto, a contradição parece retornar quando o assunto é preconceito de negros contra brancos no candomblé:

– Não havia o preconceito que às vezes se vê hoje. Agora é que eles podem não gostar quando o branco entra. Talvez porque o candomblé, que não é mais perseguido pela polícia, nem tão mal visto pela sociedade, represente um meio de afirmação para os negros que ali estão, quase todos de condição bastante modesta. Mas no meu tempo não havia isso, os brancos eram bem-vindos, até mesmo os estrangeiros. Minha mãe Aninha chegou a ter um ogã suíço, numa época em que essa gente era ainda mais útil à comunidade, conferindo prestígio à casa, defendendo-a da ação dos policiais.

Esse discurso à primeira vista contraditório, pontilhado de idas e vindas, implica uma grande abertura para posições diferentes no que diz respeito à concepção do cosmos, do sagrado e da vida cotidiana. Com o professor Agenor fica perfeitamente clara, por exemplo, a atitude do gente de candomblé de não tentar jamais converter alguém para o culto aos orixás. Pelo contrário, em geral as pessoas são mesmo desestimuladas a percorrerem os caminhos difíceis do segredo iniciático ou os percalços da vida comunitária. Afinal, como reza um ditado do povo-de-santo, “candomblé não bate na porta de ninguém”.

Além disso, não existem dogmas. São sempre possíveis e aceitáveis as analogias com outros sistemas cosmológicos, embora cada um permaneça em seu lugar.

Veja-se o caso do *odu*. Diz o professor:

– Odu é o caminho que o orixá traz para cada pessoa e que se confirma quando o indivíduo é iniciado. É possível fazer uma analogia entre o odu e o signo astrológico. Aliás, o *candomblé* tem mesmo alguma coisa em comum com a astrologia. Veja, o antigo africano evitava mentir, pois sua palavra tinha axé. A mentira enfraquece o axé. Da mesma maneira, segundo a tradição da astrologia, uma pessoa não deve enganar quanto à idade, pois fica em choque com os astros...

Ou, então, a questão da reencarnação. Segundo o professor, os antigos africanos acreditavam nesta idéia. O princípio da reencarnação chega a fazer parte, ainda que de maneira um tanto camuflada, da doutrina do *candomblé*. O professor recorda as cerimônias fúnebres realizadas na África, em que o corpo do defunto é lavado e preparado para sua próxima reencarnação. Os ritos do *axexê*, como assinalaram diversos autores, têm como objetivo principal desligar o espírito do morto do *aiyê* (mundo dos vivos), remetendo-o ao *orun* (mundo dos invisíveis), o que é compatível com o procedimento kardecista de doutrinar os espíritos recém-desencarnados no sentido de abandonarem seu ambiente terreno, em busca de evolução espiritual.

Às vezes, o *oluô* surpreende por meio de seu jogo alguns casos de reencarnação. Ele mesmo, pessoa viajada, por vezes parece reconhecer alguns lugares que visita pela primeira vez. Para ele, isto pode ser um indício de que já teria passado por tais lugares em outras existências. E cita ainda a categoria de *abiku*, que para os *nagôs* tem dois significados: são crianças que nascem com o destino de morrerem ainda pequenas (o

que pode ser contornado mediante uma série de obrigações) ou então são pessoas que já foram iniciadas em outra encarnação e, em caso de necessidade de uma nova “feitura”, não têm a cabeça raspada, como de costume.

Lembra também o professor que existem no candomblé pessoas que saíram do kardecismo para o culto aos orixás. É o caso de mãe Cantulina, de Xangô Airá, que veio a suceder Agripina como mãe-de-santo no Axé Opô Afonjá de Coelho da Rocha, Rio de Janeiro. Ela teve formação religiosa kardecista. Conta Agenor:

– Cantulina até hoje conserva seu amor ao espiritismo, continua a ler obras de Kardec. Ela, que acabou sendo feita por minha mãe Aninha, freqüentava, quando nova, um centro espírita comandado pela velha Maria Cajueiro, por sua vez tia-avó de Ondina, a terceira ialorixá do Axé Opô Afonjá na Bahia. Certa vez, manifestou-se numa das sessões o espírito de tio Joaquim Obá Saniá, antigo sacerdote muito ligado a Aninha e avô carnal de Cantulina. Ele dizia que sua neta deveria fazer o santo, senão morreria antes da hora. Foi assim que ela entrou para o candomblé.

Seja como for, não é no discurso conceitual, seqüencial que se pode apreender por inteiro as sutilezas do povo-de-santo. É preciso vivenciar a atmosfera comunitária dos cultos, seus ritos, suas danças. Mas principalmente é preciso conhecer as histórias narradas ou “casos”. Na verdade, os odus de Ifá expressam-se por casos (*itans*, do iorubá), e isso é reduplicado na vida real dos membros do culto, seja na África ou no Brasil.

O professor Agenor também é um bom contador de casos, aos quais é preciso prestar muita atenção, para se compreender o alcance da fé e das táticas simbólicas dos cultores de orixás.

O caso do avião

Numa certa terça-feira de janeiro de 1946, Agenor encontrava-se em Salvador. Naquele dia, visitava o Gantois. Tinha de voltar ao Rio no dia seguinte, pois iria presidir a uma banca de segunda-época no Colégio Pedro II. A certa altura da conversa com Menininha, no Gantois, ele diz num impulso:

– Se eu estivesse em casa, faria hoje um amalá para Xangô.

– Que é isso, Agenor ? Hoje não é dia de fazer amalá, não é quarta-feira, dia de Xangô. Estamos numa terça, Ave-Maria!

E mudaram de assunto. Mas Agenor volta e meia insistia na idéia do amalá, prato predileto do orixá do trovão, a ponto de Menininha sugerir que fizesse um jogo, aquilo poderia ser uma intuição. Só que o oluô não estava com seus búzios, nunca teve o hábito de viajar com eles.

– Bobagem, Agenor. Pegue o meu jogo e pergunte a Xangô que história é essa.

Pois o orixá estava mesmo pedindo um amalá naquela terça-feira. Motivo: com aquela oferenda, iria livrar o professor do fogo que pairava em seu caminho. Era esta a palavra de Xangô. Na mesma hora, foram providenciar a oferenda. Uma vez tudo resolvido, Menininha deseja boa viagem ao amigo.

No dia seguinte, o oluô chega ao aeroporto pronto para embarcar. Surpresa: o vôo estava cancelado, pois o avião sofrera um incêndio na sua escala anterior, em Ilhéus. Motivo de alívio, por um lado, mas de grande preocupação, por outro: o vôo seguinte só partiria daí a sete dias, e como fazer para estar no Rio a tempo de presidir a banca de exames? Só restou a Agenor voltar para o Gantois. Menininha, entretanto, sem sa-

ber do que se passava, leva um grande susto ao ver o amigo de volta.

– Naquele tempo ela ainda era gorda e já sofria de elefantíase – relata o professor. – Assim que me viu, pensou que tivesse acontecido alguma coisa de ruim, deu um pulo da cadeira e veio correndo falar comigo, muito aflita. Foi a única vez que vi Menininha correr.

Esclarecida a questão, Agenor vai consultar Xangô novamente. Este lhe diz no jogo que retornasse ao aeroporto, pois conseguiria viajar a tempo de honrar seu compromisso de trabalho. O oluô volta ao aeroporto. Lá, fica sabendo que, num vôo procedente de Manaus, que fazia escalas em várias capitais nordestinas e passaria por Salvãdor naquele mesmo dia, havia um assento vago: um passageiro desistira de embarcar em Recife, à última hora. Prontamente o professor consegue lugar no vôo e, mais uma vez, confirma-se a predição do orixá.

O caso de Pai Cambinda

Já há muitos anos, numa tarde de férias, o professor Agenor foi visitar um colega de magistério que morava na Tijuca, numa casa de vila, à rua Carlos de Vasconcelos. Começavam a conversar, quando, de surpresa, aparece um conhecido do dono da casa, também para uma visita. Logo este senhor começa a queixar-se de frio, o que era de se estranhar, pois fazia tempo muito quente. Agenor chegou a sugerir:

– Isso deve ser gripe. O senhor não quer tomar um comprimido, alguma coisa assim?

O dono da casa levantou-se, então, para buscar um remédio e um copo d'água. Nesse momento, manifesta-se uma

entidade no tal senhor, apresentando-se como Pai Cambinda. E o preto-velho apressa-se em dizer:

– O frio que meu cavalo está sentindo vem daquele moço ali – explicou, apontando para o oluô. – É porque o moço é feito de Oxalá e tem uma força muito grande.

O professor recorda:

– Foi sim, foi surpreendente. Pai Cambinda ainda falou que eu era feito no kêtú, mas não ali no Rio de Janeiro. Disse que eu tinha dado obrigação na Bahia. Meu colega, porém, virou-se para a entidade e, sem muito jeito, argumentou que deveria haver algum engano, pois eu não tinha nada a ver com essa história de macumba – é claro que, apesar de me conhecer havia anos, não sabia de nada.

Ora, eu não ia deixar aquele protetor ser desmentido na minha frente, uma vez que falava a verdade. Imediatamente confirmei tudo o que Pai Cambinda dizia, para surpresa de meu colega.

Pois bem, este fato foi muito importante para mim, guardo uma nítida lembrança dele até hoje. Nesse dia tive mais do que uma confirmação de que as entidades de umbanda – pretos-velhos, caboclos, crianças e tudo o mais – têm a sua força, a sua iluminação. Se antes eu já respeitava as outras nações da minha seita e as outras religiões, passei a respeitá-las ainda mais. Afinal de contas, isto é o certo, se eu quero fazer com que meus orixás sejam respeitados. Não desfaço da crença de ninguém, jamais.

Além de tudo, fico imaginando que muitos velhos africanos já falecidos possam vir a fazer a caridade nos terreiros de umbanda ou nos centros de mesa-branca. Embora tenham outra origem, são espíritos de luz, tornam-se conselheiros, verdadeiros protetores espirituais. Quando eu era menino, em

Salvador, tinha o costume de cumprimentar as tias e tios africanos que encontrava na rua, mesmo que não os conhecesse. Pedia-lhes sempre a bênção, às vezes proseávamos. Quem sabe hoje eles não sejam também os pretos-velhos da umbanda?

O caso do roubo do otá de Xangô

Xangô é um orixá com o qual o professor Agenor mantém estreita ligação. Ele próprio diz que, mesmo sendo de Oxalá, muita gente chega a pensar que seu santo é Xangô. O oluô nunca comeu quiabo na vida. Antes que tivesse a chance de provar a hortaliça – que é alimento votivo do orixá do trovão – recebeu a ordem de jamais comê-la. Caso contrário, Xangô o tomaria.

Pois o assentamento de Xangô do professor Agenor, feito por mãe Aninha, tem o dom de multiplicar seus *otás* (pedras) com o passar do tempo. Misteriosamente, vão surgindo como que filhotes dos dois otás originários, duas pedras-de-raio, pedras menores que pouco a pouco vão aumentando de tamanho. O oluô teve mesmo de trocar a gamela original, que continha as pedras, por outra maior.

Certa feita, um homem que se consultava com o professor e tomava parte nas obrigações mensais a Xangô e Oxalá, pediu para ir ao quarto-de-santo, para fazer votos. Permissão dada, lá foi ele. Daí a alguns instantes, o professor e dona Guimar, que estavam no andar de baixo da casa, ouvem um berro. Sobem rápido ao quarto e lá encontram o homem com um dos braços estendidos, bem rijo, olhos esbugalhados e uma aguda expressão de dor.

– Perdão, meu pai, perdão! Eu tentei pegar um otá de Xangô para levar comigo. Quando estiquei o braço, ele endureceu, agora fiquei desse jeito. Perdão, meu pai!

Contornada a situação, o homem despediu-se, não sem antes ouvir uma severa reprimenda do dono da casa. O oluô comenta:

– Coitado do homem, quase ficou maluco. Mas foi mexer no que não devia, deu no que deu. Não sei o que minha mãe Aninha colocou naquele assentamento, mas o Xangô que está comigo tem um grande axé.

O primeiro jogo

A primeira vez que fez um jogo para alguém, assistido por mãe Aninha, foi para resolver um caso de roubo. Agenor, ainda adolescente, preocupou-se:

– É caso de responsabilidade, minha mãe...

– Meu filho, você foi preparado como oluô para consultar os orixás sobre todo tipo de assunto. Um olhador deve jogar para saber de coisas boas e de coisas ruins, também. E você está aqui para isso.

O jovem adivinho percebeu que o momento era chegado. Abriu-se o jogo. O professor lembra :

– A pessoa havia sido roubada, queria saber se recuperaria seus pertences. O jogo disse que sim, e mais: o produto do roubo estava escondido numa certa mala, num lugar conhecido pela própria vítima. Não deu outra. A pessoa recuperou o que havia perdido, e o jogo acabou sendo muito comentado em Salvador.

Desde esse tempo, contam os antigos, mãe Aninha tomava a bênção de Agenor publicamente. O gesto servia para lembrar a alta posição do oluô na hierarquia do terreiro, mais elevada, segundo Aninha, que a própria condição de ialorixá.

Apelidos

Pelo fato de ter sido iniciado ainda menino e também devido a sua pequena estatura, o jovem Agenor acabou sendo chamado por muitos antigos do candomblé de “Santinho”.

– Vamos lá ver o Santinho de Aninha...

Mãe Menininha tratava-o muito por essa alcunha:

– Como é que vai, meu Santinho?

Mas ele confessa:

– Cá entre nós, eu ficava era danado quando me chamavam assim...

No entanto, mãe Aninha também chamava Agenor pela alcunha de Adoguiã, termo nagô que significa “homem guerreiro, de decisão”.

Um Xangô italiano

O oluô tinha ouvido falar de uma certa mãe-de-santo italiana, com casa aberta em Salvador. Chamava-se Bianca, era de Xangô. Um dia, Agenor cismou e resolveu conhecer a casa, em dia de função. Levou consigo Cleuza, filha de Menininha, ainda garota. Conta ele:

– Chegamos lá e fomos para um canto meio escondido. Fiquei à vontade, ninguém da casa ou na assistência me co-

nhecia. Pude ver então Xangô, que já estava presente. De fato, era um orixá muito bonito, vestia-se bem, com simplicidade, dançava que era uma beleza. Não é que lá pelas tantas o Xangô de mãe Bianca – uma italiana alta e loura – veio falar comigo? “Então, não vai tomar a bênção a seu pai?” Ora, sou mesmo um pouco filho de Xangô, quem me raspou era desse orixá. Está claro que fui cumprimentá-lo no ato. Fiquei contente em ver um santo tão firme, ainda mais numa senhora estrangeira. É como os antigos diziam: “quem tem, tem...”

O oluô visita o cemitério

– Quando Abedé morreu, fiquei muito triste. Era como um pai para mim. Bastante comovido, fui ao cemitério para assistir ao enterro. E me esqueci de uma importante proibição: como filho de certa qualidade de Oxalá, mãe Aninha determinara que eu nunca entrasse em qualquer cemitério. Só sei é que depois de um tempo lá dentro comecei a passar mal, tive tonturas, fui ardendo em febre, enfim, saí de lá carregado.

Para minha sorte, mãe Aninha estava no Rio de Janeiro àquela época. Pois minha mãe, vendo meu estado, começou a preparar um ebó, um trabalho muito grande, demorou mais de seis horas passando tudo pelo meu corpo. No mesmo dia, eu já tinha melhorado bastante. Depois ela me disse: “Meu filho, você hoje teve a chance de contar comigo, que sei fazer este ebó. E quando eu não estiver mais aqui? Tome juízo e nunca mais desrespeite esta proibição, isto é contrário à natureza de seu orixá, isto é contrário à sua natureza. Não quero que você vá a qualquer enterro, nem mesmo o meu. Estamos entendidos?”

Ora, depois dessa...

E Menininha perdeu a fala

Mãe Menininha estava recolhendo um barco de iaôs, e, como de costume, Agenor apareceu no Gantois para fazer um jogo. Pois Oxalá aproveitou para dar um recado: disse no jogo que naquela sexta-feira próxima a ialorixá não deveria receber ninguém, mesmo que viessem bater à sua porta. O orixá proibia Menininha de atender qualquer pessoa, por mais importante que fosse o caso.

Daí que na tal sexta-feira chega ao Gantois uma senhora, com um grave problema, pedindo ajuda espiritual. A mãe-de-santo, com pena, esquece a proibição de Oxalá e resolve atendê-la. Poucos dias depois, a obrigação das iaôs transcorrida com sucesso, Menininha manda o barco das recém-iniciadas assistir à missa, como de praxe. Daí a um tempo alguém aparece com o recado: a polícia prendera, na igreja, toda a comitiva do Gantois. A ialorixá, de tão nervosa, fica em estado de choque e perde a fala.

É Agenor – Santinho – quem volta em socorro da amiga e, com uma série de jogos e ebós, vai ajeitando a situação. Menininha recuperou a fala e a tranqüilidade, mas nunca esqueceu a teima que teve com Oxalá.

O Professor e o Marquês

Nos tempos da casa do Leme, o professor tinha um cão pastor alemão chamado Marquês. Muito afeiçoado ao dono, Marquês era um cachorro alegre e inteligente. Certo dia caiu doente, contraíra cinomose. Foi sendo tratado, já estava quase bom, quando numa tarde o professor chega em casa, voltando do trabalho, e vê seu cão. Ele se lembra:

— Marquês, como de costume, foi me receber ao portão. Estava ainda um pouco abatido pela doença, mas me fez muita festa. Entrei e, depois de um pequeno lanche, subi ao meu quarto para tirar um cochilo. Já deitado, quase pegando no sono, vi de repente o Marquês entrar, aproximando-se devagarinho para lamber minha mão. Depois disso, foi embora. Só sei que despertei naquela hora, fiquei um tanto sobressaltado, fui falando com Guimar: “Marquês morreu. Corra e vá ver lá embaixo.” Ela nem me deu confiança, chegou a rir: “Que é isso, professor, ele está bem, acabou de comer e de tomar o remédio.” Como eu insistisse, resolvemos descer os dois. Marquês estava junto à sua tigela, estendido no chão. Morto. “Não está vendo, Guimar? Eu falei, ele veio se despedir de mim.”

**ALGUNS ESCRITOS DE
AGENOR MIRANDA ROCHA**

Versos

Versos, pedaços d'alma... áureos fragmentos
de sonhos que se foram como encanto
a sorrir... a chorar..

Minha saudade, esta ânsia, não me acalma;
acolhe no teu seio este meu pranto
que vai em busca dos teus pensamentos
a lembrar... a lembrar..

dias passados, dúcidos fragmentos
de versos, pedaços d'alma!

Versos... asas de sonho... confissão
de afetos loucos nunca satisfeitos...

Cinzas azuis... vestígios do vulcão
que vive oculto em nossos peitos.

Versos... poeira d'ouro dos desejos...

Meu coração

ao teu se volve em tímidos arpejos,

palpitante, risonho,

abrindo-se na terna confissão

dos versos que componho:

– Versos... sonhos de amor; versos... asas de sonho

Versos... metade d'alma de quem ama...

fragmentos

de suspiros e de queixas abafadas...

são as rimas – lembranças despertadas,

e o ritmo – lamentos

que o coração de pouco em pouco exclama!

Tu, que dos risos tens a doce palma

e um sonho azul em todos os momentos

acolhe docemente,

meigamente

meus versos... de meus sonhos... uns fragmentos

meus versos - pedaços d'alma.

(janeiro de 1994)

Plumas e Espinhos

Pela minha existência vou colhendo
aqui e ali, indiferentemente
males e bens, se alguns vou merecendo,
doutros – dói-me dizer – sou inocente.

Palavras de carinho – bem presente
fazem-me a dor em pouco ir esquecendo
ingratidões, invejas – indulgente
sofro-as e esqueço-as no meu dividendo.

Das esperanças, ilusões algumas
deixam-me n'alma a sensação de plumas
como se houvesse em mim flores e ninhos.

E vou seguindo a rota da existência,
tendo à frente do sonho a transcendência
e os pés sangrando em ríspidos espinhos.

(janeiro de 1994)

Mãe Menininha: Inesquecível Amiga

Meu relacionamento com mãe Menininha do Gantois começou há muitos anos. Quando a conheci, ela ainda não havia assumido o cargo de mãe-de-santo. Desde então, até seu falecimento, nossa amizade cresceu e consolidou-se, aumentando cada vez mais minha admiração por aquela figura tão meiga e carinhosa, que não hesitava em tornar-se firme e impositiva quando era preciso.

Raramente surgem pessoas que, tal como mãe Menininha, possuem personalidade forte, ao lado de uma candura e encantamento que comovem e atraem. Foi uma figura humana de grande dose de sensibilidade e afetividade. Sua grandeza se revelava nos pequenos gestos, principalmente no trato gentil e no sorriso bondoso, quando recebia as pessoas amigas.

Mãe Menininha possuía profundo domínio dos fundamentos da lei-de-santo. Posso dizer, sem nenhuma dúvida, que foi uma das mais competentes mães-de-santo que o Brasil recente conheceu. Somente as grandes personagens, possuidoras de amplo e profundo saber, podem-se dar ao luxo de serem mansas e humildes, sem trejeitos e arrogância.

Dessa filha de Oxum recebi somente gentilezas e provas de amizade. Certa vez, precisei dar comida a Euá. Necessitava de espaço e condições básicas para fazê-lo. Entre tantas casas disponíveis, escolhi o Gantois, como prova de minha amizade e confiança nessa grande ialorixá. Dela, nessa ocasião, como em tantas outras, recebi toda colaboração necessária.

Além de mãe Aninha, que foi minha mãe-de-santo, tive a felicidade de ser amigo de quatro grandes personalidades do candomblé brasileiro. Foram elas as mães Senhora e Ondina (Mãezinha), do Axé Opô Afonjá, mãe Agripina, ialorixá do candomblé de Coelho da Rocha, e mãe Menininha do Gantois.

Naquele tempo, as amizades eram cultivadas de forma diversa dos dias atuais. Havia muita sinceridade, respeito mútuo, grande colaboração e troca de informações. Em se tratando de amizade nascida por intermédio da lei-de-santo, tínhamos consciência de que havia uma irmandade acima das regras convencionais e sangüíneas. Sabíamos que a solidariedade nos daria força para vencer os percalços da vida, para nos fortalecer junto aos Orixás e para aprofundar as nossas relações de amizade. Orgulho-me de delas ter sido um amigo devotado. Orgulho-me, também, de hoje poder registrar essa fraternidade que nos uniu.

Mãe Menininha faz parte de uma geração que, vencendo as resistências, possibilitou a passagem do candomblé da condição de caso de polícia à de uma religião acreditada e respeitada. A integridade moral e a sabedoria dessas veneráveis senhoras fez o culto aos Orixás ocupar o lugar de destaque de que hoje desfruta. Os seus continuadores devem ter o cuidado de agir com humildade e seriedade para que todo aquele trabalho não seja perdido. A responsabilidade de todos é muito grande.

A grande e sincera amizade que me uniu a mãe Menininha do Gantois reproduz-se, hoje, no excelente relacionamento que tenho com Cleuza, com Neném e com os netos daquela que foi minha inesquecível e maior amiga na lei-do-santo.

Ibà!

Ibà ní mo şę ,

Mo júbà aiyé o,

Mo júbà àgbà,

Ora yèyé o!

Ibà òrìşà Òşun.

Ibà omòrìşà Òşun.

Òşun mo júbà.

As Árvores

Sente o meu coração uma grande recordação da feliz vida no campo, quando fito as árvores que encontro pelos caminhos.

As árvores urbanas não têm a beleza nem a inspiração que possuem as árvores rurais. As árvores da cidade, geralmente, são graves, frias, conselheiras, sem grandes expansões, sem alegrias. Não têm os plácidos carinhos das manhãs campesinas e provincianas, nem a orquestra dos ninhos; nem a graça e o encanto vegetal dos frutos.

Parece-me que elas vivem sós, num completo isolamento.

É que lhes falta a convivência simples da campônia gente. No campo, cada arvoredado é um teto, um abrigo. É-lhes grato o mormaço, sob o sol radioso, e elas, de frondes verdejantes, formam regalado pouso. Para o desvalido, para aquele que erra pelos caminhos, mendigante, muitas vezes essa sombra é sua única morada.

Creio que foi por essa razão que Deus deu árvores à Terra.

As árvores que encontramos pelas ruas, pelas praças, pelos jardins públicos, como que sentem uma certa tristeza, parecem exiladas; como que choram a terra da sua primeira infância; como que lhes falta a largueza, o espaço, o horizonte e a luz de um ocaso doce e suave... Faltam-lhes os moitais floridos, os vales, os montes, as aves, a mágoa cristã de um soluço a ecoar ao longe...

Elas sentem a falta das madrugadas loiras, do céu do cobalto, do sol brilhante, do vergel aromatizado, do gado farto e da lavoura fértil; da vida humilde e modesta das casinhas de palha, das choupanas de sapê, dos camponeses ditosos, quan-

do é chegada a hora da colheita, no tempo feliz das plantações. Falta a essas árvores o convívio com a terra da gente aldeã; a visão de uma igreja branca no cimo de uma serra e a nostálgica mansidão de uma boiada.

As árvores, aqui, têm o aspecto moderno, o horizonte é estreito, limitado pelas casas que se aglomeram, que se alinham ou que as contornam. É uma vida de luta, viver anormal e fatigante, em uma grande cidade. A terra lhes é pesada, o sol as requeima inclemente e não as consola o carinho da alfombra; falta-lhes o aconchego do céu, da luz, do espaço, para que, cheias de gozo, elas se desfaçam em sombras confortantes, em aromáticas flores, em saborosos frutos...

Uma Carta

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1994.

Querida amiga Cleuza,

No momento em que tomamos consciência da aproximação dos cem anos que seriam completados pela nossa inesquecível mãe Menininha, se entre nós ainda vivesse, justo se faz enaltecer a data de seu aniversário.

Sabemos, cara amiga, que ela é, e será sempre, o espírito vivo que permeia e sustenta a continuidade seus pensamentos; por isso, é merecida a grande comemoração do centenário que se aproxima, na data que a trouxe, anos passados, à convivência brasileira no torrão baiano.

Lamento não estar ao lado de todos, aí na nossa Bahia, nosso chão querido.

A minha dádiva maior à memória de mãe Menininha, a quem permanentemente agradeço o que aprendi. Permaneço em oração pela paz, pela luz, pelo processo espiritual da inesquecível Mestra. Que Oxalá a ilumine sempre.

A vocês, irmãos de fé, meus votos sinceros pela a beleza da festividade, pela grandeza do objetivo de reverenciar nossa inesquecível mãe Menininha.

Fraternalmente,

Agenor.

Um Discurso

Exmos. Srs. Membros da Mesa Diretora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, demais autoridades e pessoas presentes; meus amigos:

Neste momento, ao dirigir-vos a palavra, desejo expressar claramente toda a gratidão que me faz, profundamente emocionado, dizer-vos repetidas vezes – obrigado! Muito obrigado! Sinto-me feliz ao receber a Medalha Pedro Ernesto. Se mereço, realmente, esta homenagem, confesso que não sei. Apenas vejo que meu trabalho como professor durante tantos anos, permeando várias gerações, foi fruto da alegria e do entusiasmo que sempre senti junto às crianças, juntos aos jovens e aos alunos mais adultos.

Educar, para nós, é muito mais que apenas ensinar de acordo com um currículo. No meu tempo, era o título o que mais enobrecia – ser Professor! E eu sempre tive a convicção de que o que se realiza com firmeza e amor, por ideal, infalivelmente terá um caminho aberto... Seja no que for, o importante é a disposição de se alcançar o melhor para bem servir. Decidindo-se fazer algo, considero ser preciso fazê-lo com entusiasmo, com coragem, sem perder o momento exato.

Minhas senhoras, meus senhores, mestre é aquele que se irmana com seus alunos, conhecendo-os, para orientá-los; amando-os, para fazê-los mais felizes. A felicidade é sempre concedida àqueles que realizam as tarefas decididamente, com verdade e muita confiança, irmanando-se com o grupo que lhe é dado conviver.

Indaguem de mim – que gostaria de ainda realizar, professor? E eu, neste ponto da estrada que venho palmilhando

durante mais de oitenta anos, prontamente lhes diria: continuar a ser professor.

Guimarães Rosa, na sua pujante versatilidade, disse: “Mestre não é aquele que só ensina, mas quem, de repente, também aprende.” Eis a verdade impregnada nesta frase, uma vez que o grupo, irmanado ao mestre amigo, promove uma troca constante de experiências, enriquecendo cada um dos componentes. É aos senhores e prezadas senhoras que confesso: tenho saudades do meu tempo de trabalho em classe, qualquer que tivesse sido a série escolar.

Hoje, me seja permitido fazer um apelo às autoridades, à classe política, à sociedade em geral – exaltemos o valor do professor, a dignidade que há em ser educador. É preciso prestigiar esta classe. Lembro que todo jovem ama sua professora, seu professor, vinculando-o ao histórico de sua vida.

Obrigado, mais uma vez, pela lembrança de meu nome para receber esta homenagem tão relevante. Agradeço, particularmente, à vereadora Ruça – Lícia Caniné.

Aproveito também a oportunidade para levar minha voz aos mestres de nossa terra, que participam de nossa História como legítimos agentes do processo educacional, e não apenas como espectadores. Daí a importância de um compromisso de se estar disposto a não ceder nunca, porque, cada vez que se cede, menos pessoa se é... É preciso, assim,

ser,

ser hoje,

ser na História,

ser na busca permanente de um Brasil cada vez melhor.

Não me canso de agradecer pelo destaque que deram à minha pessoa na condição de professor. Há, porém, uma verdade que, como luz fulgurante e benéfica, fez de mim uma

pessoa fortalecida pela fé e iluminada na trajetória que me coube percorrer. Ao despertar, na infância, com apenas cinco anos de idade fui iniciado na religião africana pelas mãos da querida e inesquecível mãe Aninha, fundadora do Axé Opô Afonjá, na Bahia, onde mais tarde recebi de suas mãos o título de Oluô. Esse cargo é reconhecido por todos os componentes da seita.

Diria hoje, então, que o alimento mais forte que recebi no dia-a-dia de uma vida de trabalho foi, sem dúvida, o que fez de mim uma pessoa para servir ao semelhante, com amor, dedicação, paciência e orações. Muito voltado para Deus e cumprindo os ensinamentos recebidos, diretrizes para a conquista da harmonia individual, sinto-me irmanado a quantos, como eu, têm na lei-do-santo a incumbência de orientar os seus adeptos, que são como filhos na minha responsabilidade.

Inúmeras são as pessoas que de mim se acercaram, permanecendo assim anos seguidos, cheias de fé e de alegria. É a nossa grande família, coesa, leal, que me fortalece, buscando Deus, buscando os orixás e agradecendo sempre.

Genealogia das Antigas Casas de Santo da Bahia

Dentro da linhagem nagô-kêtu, o candomblé mais antigo da Bahia é o Ilê Iyá Nassô, fundado no século XIX no centro de Salvador e que depois veio a se localizar no Engenho Velho, onde até hoje se encontra. Sua origem remonta aos antigos africanos que transmitiam seus conhecimentos de lei-de-santo aos negros baianos, em um intercâmbio que se amplia nas décadas finais do século passado. Houve, naquela época e nos anos iniciais do século atual, um importante trânsito de africanos no Brasil, que chegavam espontaneamente ou a convite para iniciar os brasileiros no culto aos orixás. Pelo que se verificava, era comum o transporte de passageiros entre a costa ocidental da África e o Brasil, principalmente com destino aos portos do Rio de Janeiro e Salvador. Esse movimento se intensifica com a aprovação das leis abolicionistas, que foram extingüindo paulatinamente a escravidão no Brasil, até o seu desfecho na Lei Áurea, assinada em 1888 pela Princesa Isabel. As condições favoráveis propiciaram um revivescimento do candomblé no lado de cá do Atlântico, com uma perfeita integração entre babalaôs brasileiros e africanos.

A Casa Branca do Engenho Velho atuou como uma espécie de matriz nagô-kêtu. Muitos foram os iniciados nessa tradicional casa que saíram depois para fundar seus próprios terreiros. Naquele final do século passado, era dirigida por tia Júlia Figueiredo, e, entre seus filhos, destacam-se Júlia Conceição Nazaré, Bamboxê, tio Joaquim, Pulquéria e mãe Aninha.

As décadas iniciais do século atual são marcadas pela projeção de duas novas casas. O candomblé do Axé Opô Afonjá, fundado por mãe Aninha junto com tio Joaquim, e o Gantois, fundado por tia Júlia Nazaré em parceria com Pulquéria.

Mãe Aninha de Xangô e Pulquéria de Oxóssi, em suas respectivas casas, conseguiram, por suas qualidades pessoais, conhecimento religioso e amor aos orixás, dar proteção ao candomblé na Bahia. Este passou a ser visto com seriedade, mesmo por aqueles que não professavam a crença. Com a religião católica deixando de ser fixada como religião oficial pela Constituição republicana, iniciou-se um processo lento de reconhecimento do direito de cada comunidade professar o culto que quisesse. Para tal, havia necessidade de se mostrar à população que havia seriedade nos cultos praticados nas casas de santo. Para isso, contribuiu muito a dignidade dessas duas ialorixás. Tanto em âmbito interno, para as gerações de filhos-de-santo, quanto para a sociedade em geral, Aninha e Pulquéria constituíram-se em ponto de referência e modelo de comportamento. Para se ter uma idéia da importância de ambas e do quanto eram reconhecidas publicamente e respeitadas, lembramos que foi mãe Aninha quem conseguiu, após entrevista com Getúlio Vargas, a assinatura do Decreto 1202, que descriminalizou os cultos africanos no Brasil, até então tratados como questão policial.

As práticas rituais seguidas até hoje nessas duas casas e nas casas abertas por seus filhos-de-santo têm a marca dessas duas grandes e sábias senhoras. No candomblé, vale a tradição e a reprodução fiel dos ritos que foram fixados pelos antigos, e nesses dois terreiros foram decisivas as atuações de Pulquéria e mãe Aninha. Conseguiram preservar e consolidar o culto aos orixás com grande maestria e respeitabilidade, passando o conhecimento aos filhos que seguiram e seguem suas antigas orientações.

Com a morte de Pulquéria e de mãe Aninha, sucedem-lhes, respectivamente, mãe Menininha e mãe Senhora, ambas

filhas de Oxum. Inicia-se nova época de projeção do candomblé em nível nacional. Nos anos 60, mãe Senhora foi homenageada publicamente no Rio de Janeiro, no estádio do Maracanã, como a “mãe preta do Brasil”, e mãe Menininha, além de muito respeitada, foi enaltecida por músicos, poetas e escritores. Foram duas mães-de-santo que, pela bondade e sabedoria, conquistaram o carinho de todos. Souberam manter e ampliar a herança recebida de suas antecessoras, assinalando outra época brilhante do candomblé nagô-kêtu no Brasil.

Mãe Senhora falece em 1967 e, em 1968, assume o posto Ondina, filha de Oxalá com Yemanjá, que fora até então mãe-pequena do Axé Opô Afonjá. Mãezinha, como era conhecida, faleceu em 1975 e, em 1976, assumiu o posto de mãe-de-santo Stella de Oxóssi. No Gantois, com o falecimento de mãe Menininha em 1986, assumiu o cargo sua filha carnal, Cleuza de Nanã.

Essas novas zeladoras dos axés têm guardado com dedicação as tradições e mantido suas casas com brilhantismo e dignidade. São conscientes da herança recebida e da responsabilidade que carregam, ao serem mães-de-santo de casas com tanta história. Zelam pela religião e por axés impregnados de muita força, pelos anos de culto e oferendas aos orixás. É bom registrar que o que hoje ali existe é o resultado dessas sucessão histórica, daí a importância que no candomblé se dá aos antepassados, os quais devem ser sempre lembrados e reverenciados.

Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella),
ialorixá do Axé Opô Afonjá – Salvador,
Bahia

Conheço o professor Agenor desde o tempo em que eu era iaô. Ele estava sempre em contato com mãe Senhora, escreviam-se bastante. Toda vez em que ela ia ao Rio, visitava o professor. E eu, que às vezes viajava com ela, ia junto, eles se respeitavam e se gostavam muito. Desde essa época ele faz consultas aqui para o Axé, questão de iaô, assuntos de maior profundidade. O professor é sempre procurado para isso. Quando mãe Senhora morreu, foi ele quem fez o jogo que escolheu a mãe-de-santo. Quando esta faleceu, seu Agenor jogou novamente, determinando que eu seria a próxima. Ele está sempre presente em momentos importantes.

Lembro que, no momento do jogo em que o professor Agenor me apontou como ialorixá, senti um misto de susto e medo. Foi uma surpresa muito grande, eu não estava na ex-

pectativa. Se estivesse, teria sido hora de vibração. E o que eu senti, naquele momento, foi o peso da responsabilidade, porque não se pode rejeitar o que foi determinado pelos orixás. Seu Agenor fez um jogo público, foi intermediário de Xangô nesta hora. Orientou-me bastante, deu-me muito apoio. Ele é muito nosso amigo aqui. Eu o considero um tio, porque ele é irmão-de-santo de minha mãe Senhora, e um amigo, admiro muito sua capacidade. Quando vou ao Rio, lhe faço uma visita, telefono. Mantemos uma boa relação, talvez não só mais estreita pelo fato de eu ser de Oxóssi, ele sabe que toda pessoa de Oxóssi é meio esquerda. Mas gosto muito dele, e ele de mim. A gente se comunica bem.

Além disso, seu Agenor nunca perdeu uma festa de Oxóssi no Axé. Acho que só umas duas vezes desde que estou aqui, e já vai fazer vinte anos. Para mim, é uma alegria. Ele vem, passa o dia aqui, é uma força que se junta à nossa. Ele me aconselha bastante. Quando assumi o cargo, o professor fez um jogo na frente de Xangô. Não se deve comentar muito o fato, mas ele me fez muitas recomendações, me abriu os olhos, e logo depois aconteceu tudo o que ele tinha previsto. Por meio de seus conselhos eu soube me sair bem, ou melhor, o Axé se saiu bem.

Ele é um verdadeiro oluô do tempo antigo, sem aquelas mentiras. É uma pessoa muito verdadeira! Um senhor com energia de jovem, professor Agenor é muito procurado pela gente moça, o que também merece minha admiração. Sendo professor, sua capacidade de transmitir as coisas é natural. E isto vem ao encontro de minhas preocupações com a preservação do culto aos orixás; tenho falado muito, por exemplo, sobre a espiritualidade no candomblé. As pessoas estão confusas, misturando festinhas, roupas, jóias e outras coisas com

espiritualidade. Venho combatendo também a comercialização da seita, praticada por muitos de seus integrantes. Mas veja o exemplo do professor, que continua jogando para muita e muita gente sem cobrar absolutamente nada, sai às vezes de sua casa para orientar obrigações e nada cobra. Então, tudo o que ele faz é por amor aos orixás. Eu também sou dessa escola, a escola de mãe Aninha, não admito que usem a espiritualidade como meio de faturar, de ganhar a vida. São questões que envolvem moral e bons costumes. Aqui, no Axé Opô Afonjá, cuidamos apenas da espiritualidade e no máximo da saúde, quando esta é abalada por problemas espirituais. As pessoas devem se conscientizar da verdadeira importância dos orixás. Feliz de quem o orixá escolhe! E temos de fazer jus, merecer a graça desses protetores.

O professor Agenor é um marco para a religião do candomblé. Um homem de alta instrução, não brasileiro de origem, mas de coração, no seu procedimento, na sua fé. Faz de tudo para que respeitem a nossa crença. E já teve excelentes discípulos. Um deles, o falecido Nilson Feitosa, que eu admirava muito, tinha uma capacidade incrível de assimilar os seus ensinamentos. Se estivesse vivo, estaria vibrando com esta homenagem que lhe está sendo prestada em forma de livro. E não há nada mais bonito do que receber os louros em vida, considero esta homenagem uma gratificação recebida por seu trabalho em prol da crença dos orixás. Para o ano, com certeza, ele estará aqui conosco na festa de Oxóssi. E faço votos para que Oxalá, Euá e todos os orixás conservem sua força, pois o professor Agenor é um patrimônio do candomblé.

Cleuza Millet (Mãe Cleuza), filha carnal de mãe Menininha e atual ialorixá do candomblé do Gantois – Salvador, Bahia.

Faço questão de ressaltar que a minha amizade com o professor Agenor independe de religião. Aliás, para mim, ele não é exatamente “Agenor”, mas “seu Santinho”. Ele me viu menina e, desde então, acostumei-me às atenções e cuidados que sempre teve comigo. Muitos anos atrás, durante uma longa estada minha no Rio, seu Santinho e dona Maria (uma empregada sua, que já faleceu) me cumulavam de atenções.

Nessa época, ele ainda dava aulas no Colégio Pedro II. Minha primeira gramática de espanhol, assim como a de inglês, foi ele quem me deu. O primeiro romance, também. Chamava-se *Íbis*, um livro muito bonito. Eu era então muito jovem, nem sequer pensava em casamento.

Tenho mesmo um carinho imenso por seu Santinho. Ele é muito considerado, é um exemplo de respeito à religiosidade. Acho particularmente bonita a maneira como ele procede no mundo do candomblé, sem buscar projeção pessoal. É uma pessoa simples e humilde.

Na verdade, não vejo hoje nenhum outro com a condição de sabedoria que ele tem. É um mestre do dia-a-dia. Tenho contatos periódicos com ele, alguns dos quais infalíveis. Por exemplo, nos falamos sempre na sexta-feira da Paixão, no dia 8 de setembro (data de seu aniversário), no dia 25 de dezembro (meu aniversário). Como se pode ver, meu relacionamento com ele tem laços ao mesmo tempo religiosos e de grande amizade.

Você sabe, às vezes essa gente do candomblé fica falando apenas de coisas da lei-do-santo. Seu Santinho, não. Ele é capaz de enriquecer as conversas com os assuntos mais variados e sempre com pontos-de-vista interessantes. Lembro-me

de que, certa feita, no Rio de Janeiro, um cidadão de temperamento um tanto fanático tentou puxar discussão comigo sobre assuntos de candomblé. Eu me aborreci, não sou de muita conversa, mas seu Santinho, que se achava presente, logo pôs um ponto final à situação, comentando uma peça que estava sendo levada no Teatro Rival.

Ele é assim. Um amigo, um sábio. Quando vem a Salvador, logo me visita. Eu adoro convidá-lo para almoço ou para um chá. É como se fosse um pai.

Altamira dos Santos (Mãe Tatá), ialorixá do Engenho Velho – Salvador, Bahia

Todos nós sempre ouvimos falar bem do professor Agenor. É um homem muito respeitado, tanto no Rio quanto na Bahia. Aliás, não conheço quem fale mal dele, um homem preparado, com estudo e com grande conhecimento da lei-do-santo, um homem bom que ajuda a todos que o procuram.

Fiz santo com 18 anos, cumpria minhas obrigações, mas me mantinha afastada do meio do candomblé. Por isso, acabei não tendo muita aproximação com o professor. Ele vinha muito aqui, se dava muito com minha mãe Massi, ebômi Caetana, era também conhecido de minha mãe carnal.

Acontece que, desde bem nova, sempre trabalhei muito. Já em 1953, tinha montado uma barraca no Mercado Modelo – mas não fumo e não bebo, meu filho, nem mesmo refrigerante. Vendi refrigerante tantos anos que até fico enjoada de sentir o cheiro. Saí de lá só em 1986, para poder vir aqui para esta casa. Foi quando me encontrei com o professor Agenor, tempo em que minha mãe Massi tinha falecido.

No dia em que ele fez o jogo para saber quem iria ficar no lugar dela, eu estava no Mercado Modelo. Tinha ido à missa, mas não fiquei para ver o jogo. Preferi ir trabalhar. Engraçado é que de manhã, quando eu saí da Casa Branca já para ir à missa, pensei assim: “Eu vou, mas não volto hoje para cá, quero ir trabalhar mais tarde”. Só que logo depois ouvi uma voz dizendo: “Não, você vai voltar. Você está saindo agora, mas vai voltar”.

A certa altura, eu já estava no Mercado, apareceu Jorge, alabê da casa, acompanhado de outro ogã. Disseram que estavam esperando a minha presença para concluir o jogo. Tentei dizer que estava trabalhando, mas tive de ir, eram pessoas que eu respeitava muito e estavam ali, dizendo que a minha presença era importante naquele momento. Pode acreditar, mas na hora eu não consegui entender o porquê da minha presença no salão da Casa Branca. Enfim, terminei de servir comida a algumas pessoas, ajeitei minha barraca, e fomos para lá.

Assim que cheguei, fui tomar meu banho, vesti minha roupa branca e então me levaram ao salão, à frente do professor Agenor. Ele mandou que eu sentasse junto com outras filhas mais velhas, numa mesa comprida. Jogou algumas vezes e começou a falar comigo, eu nem lembro bem o quê. Só sei que tentei responder alguma coisa, não é segredo de ninguém que eu não pensava no cargo, tentei responder, mas não consegui, a fala ficou presa na garganta. Aí é que eu não me lembro mesmo de mais nada. Quando acordei, já estava tudo pronto. É, meu filho, é a vontade do orixá.

Agrimalda da Silva (Guimar), ajudante doméstica do Professor Agenor

Vim trabalhar com o professor em 1939, eu tinha de 16 para 17 anos. Sou de Campos, tinha saído de lá alguns anos antes para trabalhar numa casa de família aqui no Rio. Acontece que minha irmã brigou com o sujeito que era meu patrão, foi uma fofoca danada. E aí, pronto, estava eu sem trabalho. Foi quando uma senhora onde minha irmã morava mandou que eu fosse num homem, na Rocinha, que olhava as coisas num copo d'água. Ele foi logo me dizendo que eu ia receber três propostas de trabalho, mas que ficasse com a primeira, seria uma coisa muito boa para mim. Pois não deu outra: uma senhora até de santo, dona Filhinha de Oxum, me indicou para trabalhar com o professor, e bem em seguida recebi outras duas propostas de emprego. Nem vi as outras duas. Vim falar com o professor e estou aqui ainda hoje, graças a Deus.

Passei então a morar na casa do Leme, tenho boas recordações de lá. Era uma casa boa, ampla, alegre, chegamos a ter cinco cachorros. E o professor não parava, sempre correndo de lá para cá, trabalhando num lugar, noutro, viajando muito. Eu inventava alguma coisa para comer no tempo em que ele passava em casa, um pãozinho de forno, um bolo, ele era ruim de comer, ainda é até hoje. Também cuidava do falecido seu Alexandre, irmão dele, grande pessoa.

Engraçado é que demorei um tempo para entender que o professor era de santo. Naquela época era tudo muito sigiloso, mesmo as coisas mais simples eram feitas com as portas trancadas. Eu via o professor receber muita gente em seu quarto, mal a pessoa chegava, ele, zás!, passava a chave na porta. Para mim era um pouco esquisito, mas eu via gente de todo

tipo, eram velhos, crianças, homens, senhoras, pessoas finas, pensei, então não deve ser coisa ruim. Depois, um dia, ele me contou que era de santo e que atendia toda essa gente. Isso porque o jogo dele é que deu permissão para ele falar, saiu ali que eu era uma pessoa de confiança a esse respeito, então ele pôde falar a partir desse dia. Daí por diante ele passou a tratar de mim, tudo meu é com ele.

Não só o jogo, mas o santo dele, quando ainda vinha, também era uma beleza. O que Oxalá dissesse a você acontecia mesmo. Pois nos primeiros tempos que eu estava com o professor, eu tinha um namorado. Claro, naquele tempo namoro era bem diferente, uma coisa muito mais segura. Mas o fato é que o rapaz tinha lá os seus assuntos, o próprio homem da Rocinha que olhava no copo já tinha me prevenido. Mas, sabe como é, quando a gente gosta, tenta consertar a pessoa, vai sempre dando um desconto. Oxalá, então, confirmou tudo, disse que o rapaz não prestava mesmo e ia me dar uma prova disso. Pouco tempo depois aquilo que Oxalá tinha dito aconteceu, e aí resolvi não me meter mais nesse negócio de namoro, passei a querer só trabalhar. Tanto é que continuo até hoje como vim no mundo, não me queixo de nada. Pena é que Oxalá não venha mais. Um dia, já faz alguns anos, ele veio para se despedir. Disse que aqui na Terra estava havendo muito fingimento, muita falsidade, não tinha mais terreno para ele. Desde esse dia, nunca mais voltou. Mas sei que ele continua guardando o professor e todos os que vêm a esta casa.

Professor já me ajudou muito com seu jogo, tantas vezes que é difícil lembrar. Uma vez, meu pai, que trabalhava numa propriedade em Campos como feitor, era assim que se chamava, meu pai já tinha idade e estavam de olho no emprego dele. Foi o professor Agenor quem deu jeito, sou muito agradecida a

ele por isso. De outra vez eu ia a Campos, ver meu pai. Mas deu no jogo que não era para eu fazer a viagem naquele momento. Não fui. Só um tempo depois a permissão foi dada, e o jogo ainda disse que eu teria uma surpresa grande. Muito bem, lá fui eu. Tomei o trem e, numa certa altura, resolvi saltar numa estação para tomar um café, coisa que nunca fazia com medo de me distrair e perder a viagem. Quando voltava para a cabine, reconheci a figura de minha madrinha, aqueles dois olhões verdes, havia muitos anos que não me encontrava com ela. Pois ela ia embarcar no mesmo trem para Campos e estava furiosa, fora de si. Veio falar comigo e me contou, muito nervosa, que meu padrinho tinha se metido numa história de mulher, ela estava mesmo disposta a fazer uma grande bobagem, coisa de vingança. Daí eu fui conversando com minha madrinha durante a viagem, ela ficou um pouco mais calma, depois chegamos à cidade e fomos até meu padrinho. Pois é, a situação ainda estava difícil, mas acho que, se não fosse eu ter encontrado minha madrinha naquela hora e esfriado as coisas, meu padrinho tinha ido desta para melhor antes do tempo. Foi mesmo uma surpresa e tanto!

Mais outra: teve uma moça que trabalhou junto comigo durante quinze anos, já aqui na casa do Engenho Novo, ela é minha afilhada. Saiu daqui para casar, teve uma filha. Passou um tempo, a menina estava para fazer quinze anos, tive vontade de dar uma festa para ela. Professor foi olhar e me disse que não, que pensasse bem, se fizesse a festa eu poderia ter um grande aborrecimento. Mas disse também para eu não me preocupar. Pois bem, no mesmo dia em que ele jogou, a mãe ligou para dizer que a menina tinha contado uma história comprida... No fim das contas, estava grávida. É claro que não dava para ter festa, vestido branco, valsa, bolo, aquela coisa

toda. Fui falar com ele: professor, o senhor continua danado, hein?

Professor é para mim um pai, é meu protetor, filho, amigo, isso tudo junto. Estou há quase sessenta anos com ele, é toda uma vida. Às vezes podemos até brigar, isso é natural, mas passa logo, nossa união é grande. E ainda me lembro do dia em que dona Filhinha de Oxum me indicou para ir trabalhar com ele. É verdade, só minha mãe Oxum para me botar nesse fervor todo até hoje!

Antônio Agnelo Pereira, Elemaxó do Engenho Velho – Salvador, Bahia

Para falar de um grande sacerdote como o professor Agenor, eu preciso me preparar espiritualmente. E tenho que me valer de alguns alfarrábios iorubás, para dizer: “*Mo ki gbogbo ni, totô mojubá, oku odun, oku iedun, axé ixamodun, odun ‘reni ojobá, oré mi!’*”

Pois minhas primeiras lembranças de seu Agenor datam dos anos de 30, conheci-o ligado a mãe Aninha e ao Axé Opô Afonjá, sempre destacado pela lhaneza de trato com todos os seus irmãos de seita, indistintamente. Lembro-me da generosidade do professor, que não negava ensinamentos aos que o procuravam, em especial para conhecer alguma tradução da língua dos orixás. Mesmo em alguma conversa amena, ou brincadeira, ele soltava uma palavra, um *oriki* de orixá, e todos ficávamos satisfeitos em poder aprender um pouco mais.

Professor Agenor tem *oiê* (título honorífico) no Engenho Velho. Era muito querido por tia Massi, antecessora da atual ialorixá. Foi a própria tia Massi, já com idade, que me pediu

em conversa particular que oportunamente incumbisse o professor de fazer o jogo de sua sucessão. Ele já tinha feito outros jogos importantes, em outras casas, e isto é uma missão de grande responsabilidade. Afinal, o cargo de mãe-de-santo é sempre muito visado – e aqui não seria diferente. Daí julgamos que o professor Agenor, com sua sabedoria, autoridade e imparcialidade, fruto do amor que devota aos orixás, era a pessoa mais indicada. Quando por fim chegou a ocasião, ele veio, jogou, a escolhida então foi Oké. Depois ele fez os jogos que apontaram Marieta e, finalmente, Tatá, nossa atual mãe-de-santo.

O professor sempre nos visita, é uma alegria muito grande vê-lo aqui. Então, canto para ele:

Bariká!

Odê bariká Olorun koloró

Bariká Olorun kofissi

Bariká Olorun kobeó

Bariká Olorun koloró

Estou à espera dele aqui. *Bariká! Odê, odê ni ô ilé Bahia!* Estou esperando para recepcioná-lo no salão da Casa Branca, depois de publicado este livro. *‘Xé ô!*

Carybé (Hector Julio Páride Bernabó), artista plástico, Obá Otun Onanxokun do Axé Opô Afonjá

O professor Agenor é uma espécie de monumento, é o único babalaô de verdade que temos no Rio de Janeiro. Muito jogam búzios, mas não são babalaôs. Ele lida com candomblé há oitenta e tantos anos, é oluô do Axé Opô Afonjá e é quem faz o jogo que escolhe as novas mães-de-santo nas principais

casas de candomblé da Bahia, na nossa nação. Então, é uma figura que respeitamos com devoção, pois é um poço de sabedoria sobre todas as coisas da nossa seita.

Conheci o professor Agenor há mais de 30 anos, quando ele veio do Rio a Salvador para fazer o jogo por ocasião da morte de mãe Senhora. Logo percebi que se trata de figura muito cara, mesmo venerada, por todos do candomblé. Afinal, no meu entender, não existe ninguém que conheça tanto as coisas do culto como ele.

Juana Elbein dos Santos, antropóloga, escritora, casada com Mestre Didi, uma das figuras mais ilustres do candomblé no Brasil

Este depoimento sobre meu encontro com o professor Agenor, um sacerdote muito especial, será dado com muita emoção. Por isso, não sei se refletirá tudo como exatamente se passou.

Voltávamos da África eu e Didi, meu marido, quando estava para acontecer o axexê (cerimônia fúnebre) de um ano de mãe Senhora. Durante o axexê, Didi, filho carnal de mãe Senhora, estava extremamente comovido, até porque, quando Senhora faleceu, nos encontrávamos em viagem e só soubemos do ocorrido quinze dias depois. Estávamos no interior do antigo Daomé, perto da cidade de Ketu, e só fomos comunicados, por meio de um telegrama, quando retornamos à Universidade de Ibadan. A essa altura o axexê já havia transcorrido, e Didi, ausente de todas as obrigações iniciais, achou melhor continuar sua primeira viagem à África, uma vez que tinha o compromisso com a Unesco de fazer um relatório sobre sua estada.

Pois bem, houve a missa de um ano e, depois, a conclusão do axexê. Na igreja, Didi e os parentes próximos sentaram-se na primeira fila. Eu, não sendo católica, combatendo o sincretismo e não me sentindo legitimada a participar a este nível, sentei-me no meio da igreja, chorando muito o tempo todo.

Quando voltamos ao terreiro, eu entrei, fiz a obrigação e não fiquei no barracão. Saí e me apoiei numa árvore muito grande que ali havia. Depois acho que um raio a partiu, não sei bem. Eu me sentia muito triste. De repente, como se saísse detrás da árvore, veio um senhor que eu não conhecia, chamou-me pelo nome, colocou a mão em meu ombro e disse:

– Juanita, não fique triste, não se preocupe. Você tem uma grande proteção, você é de um grande eledá. Na igreja, enquanto você chorava, seu eledá estava ao seu lado tomando conta de você. Não se deixe abater, sua vida caminhará para frente.

Perguntei quem era, e ele disse seu nome: Agenor. Então, quis saber se era o oluô de mãe Senhora. Ele, sorrindo, disse-me que voltasse ao barracão. Eu voltei, ele saiu, e não o vi mais.

Fiquei extremamente impressionada com esta relação que estabelecemos. Uma relação muito profunda e humana, porque ele sabia das dificuldades que eu esperava encontrar com a morte de mãe Senhora e também da minha dor. Mãe Senhora foi minha mãe-de-santo, fez todas as minhas obrigações, e Didi era o seu braço direito, tinha uma relação muito forte com ela.

Posso dizer que se criou entre mim e o professor Agenor uma relação tríplice: meio mágica, religiosa e de amizade. Mágica, por ele ter, naquelas circunstâncias, afirmado que eu fica-

ria bem; religiosa, pois se tratava de uma pessoa de hierarquia que eu respeitava; de amizade, porque ele veio me socorrer. Foi a única pessoa que se aproximou de mim naquela ocasião, mesmo porque Didi e todos os outros estavam voltados para as obrigações.

Fazia pouco tempo que eu estava no Axé. Cheguei a Salvador em 64, e mãe Senhora morreu em 67. Estive com ela, na verdade, durante pouco mais de um ano, porque depois fomos para a África. Então, esta relação com Agenor me deu uma sustentação muito grande e foi provavelmente o que me fez ficar na Bahia. Por tudo isso, digo que minha relação com ele é de reconhecimento, de respeito, de amizade. Toda vez que vou ao Rio nos encontramos, nos abraçamos, nos beijamos. É uma relação de muito carinho, também.

Antônio Olinto, escritor, Obá Aré do Axé Opô Afonjá

Em 1957 fui pela primeira vez à Bahia com minha mulher Zora. Ela já conhecia o Opô Afonjá e sua gente. Depois, na festa de 50 anos de santo de mãe Senhora, voltamos lá. Foi quando conheci Agenor, exatamente no dia da festa. O mais curioso é que fui escolhido para saudar mãe Senhora em nome dos visitantes.

Era tempo de Juscelino Kubitschek, um tempo dourado, em que tudo parecia fácil, tão diferente de agora, não é? Eu lembro que Paschoal Carlos Magno esteve na festa em nome do presidente da República, houve representante do ministro da Educação, e eu falei em nome dos escritores que foram do Rio. Mãe Senhora encarregou Rubem Valentim, que neste tempo não era pintor, era dentista e só pintava nas horas vagas, de

responder em nome do Axé. Entre um discurso e outro, comecei a conversar com Agenor, ainda sem saber quem ele era, e fiquei impressionado com aquela conversa agradável. Desde então, esse contato foi se estreitando.

Quando fui nomeado adido cultural em Lagos, na Nigéria, me mantinha em busca das pontes erguidas entre nosso povo e o povo iorubá. Mas é preciso que se lembre que nem sempre o governo está interessado em nomear a pessoa certa para o lugar certo, não é verdade? Isto de fato aconteceu na época em que Jânio Quadros tinha resolvido nomear embaixadores na África. Diante disso, Jorge Amado fez um movimento para que ele me nomeasse embaixador na Nigéria, por causa do meu interesse pelo culto aos orixás. Mas Jânio caiu, e Tancredo Neves, então primeiro-ministro, me convidou para ser adido cultural em Lagos. De 1962 a 1964, vivemos Zora e eu na Nigéria, num trabalho cultural que nos levou a Ifé, Oyó, Ibadan, Oxogbô, Warri, Edé, Porto Novo, Kêtu, Abomey, Uidá, Lomé e Anechó. Eram terras de orixás, e então eu, que já era Otun Obá Arê do Axé Opô Afonjá, promovi junto com Zora uma ligação contínua entre as terras sagradas da África e a Bahia. Zora já tinha publicado *As três mulheres de Xangô* e *História de Oxalá*. Antes conversávamos muito com Agenor sobre Kêtu. Nosso desejo de conhecer a terra de Oxóssi partiu daí, como também de Pierre Verger, que nos visitava muito em Lagos. Numa dessas visitas comentamos com ele sobre nossa vontade de conhecer Kêtu, e ele disse para irmos junto, já que precisava resolver um problema por lá. Fomos, Verger foi conosco e parou em Pobe, uma aldeia entre Porto Novo e Kêtu, para fazer uma pesquisa. Arranjou uma cabana de chão batido e ficou três meses dormindo ali.

Quando voltamos de férias, visitamos Agenor, dando início a um contato permanente. Começamos a nos visitar ainda mais e passamos a ir junto a Salvador sempre que havia um ato importante lá. Na ocasião da morte de mãe Senhora, em que ele foi fazer o jogo que acabou escolhendo Ondina, fomos com ele. Dez anos depois, quando Ondina morreu e a escolhida foi Stella, ele foi conosco no carro. A partir de 76, quando Stella foi feita mãe-de-santo, nosso estreitamento com Agenor foi se acentuando cada vez mais. Hoje é comum irmos juntos a Salvador e ficarmos no mesmo hotel quando chega a época de Xangô.

Agenor representa para nós um plano de sabedoria que as pessoas só atingem quando de fato se dedicam não só a um conhecimento maior do homem e da alma humana, mas também ao mistério do tempo. Não é só Proust que está atrás do mistério do tempo, não, Agenor também. Ele é um tipo de Proust, não do passado, e sim do futuro. Ele nos estimula em relação às lembranças que temos do tempo futuro. Zora começou antes, conheceu Agenor, mãe Senhora e Stella primeiro, terá mais a dizer do que eu. Cheguei ao Axé Opô Afonjá por intermédio dela.

Aliás, mãe Stella era tão franzina naquele tempo que ninguém dizia que seria mãe-de-santo um dia. Mas os conhecedores do futuro, como mãe Senhora, sabiam. E hoje até fisicamente ela é uma ialorixá, incorporou mesmo aquele porte majestoso.

Em tudo o que Agenor faz há uma bondade natural, e dentro dela um conhecimento das coisas, porque conhecer o futuro é conhecer as possibilidades das pessoas, prever seu destino. O que não dá sempre certo para quem não é oluô.

Mas Agenor é para nós não só o Pai Pequeno, como o Pai Grande. Assim como existe a figura da *iá kekerê*, mãe-pequena, há também o *babá kekerê*. Ele é o Pai Pequeno fisicamente e o Pai Grande no modo conduz seus contatos. Cada vez que vamos lá na rua Barão do Bom Retiro e vemos uma dúzia de pessoas, na sala de estar, na frente daquele piano, esperando para conversar com ele antes do meio-dia, entendemos que ali existe não apenas um oráculo que trata de problemas sentimentais, materiais, de saúde: trata-se, sim, de um verdadeiro consultório do espírito.

Zora Seljan, escritora

Francamente, eu não me lembro da ocasião em que conheci o professor Agenor. Gostaria até de perguntar a ele, pois tenho a impressão de que o conheço a vida inteira. Antes de conhecê-lo, no entanto, lembro-me de que ele e mãe Senhora tinham uma ligação muito grande. Éramos muito amigas, e ela sempre visitava Agenor quando vinha ao Rio. Ela tinha o hábito de se consultar com ele.

Agenor, hoje, não é só a pessoa que mais conhece os cultos afro-brasileiros, mas também quem se apercebe da religião no seu sentido mais profundo, místico, na medida em que todos os caminhos conduzem a Deus. Pessoas que amam o candomblé, como nós, são capazes de amar também outros caminhos. Quem quer que vá a um templo budista, poderá acender um incenso. Eu e Antônio Olinto vamos à igreja protestante e comungamos o pãozinho que eles nos trazem. Se vamos em algum templo de outra religião, sabemos como nos comportar, assim como numa mesquita ou numa sinagoga.

A pessoa verdadeiramente espiritualizada sabe que todos esses caminhos têm, em sua essência, muitos pontos semelhantes. Vou contar uma história que para mim define a espiritualidade de Agenor. Tenho um neto chamado Rubinho, hoje homem feito, que desde criança ama certas coisas misteriosas; muitos acham suas idéias meio estapafúrdias. Levei-o uma vez até Agenor para saber o santo dele. Ele tratou meu neto com a maior consideração e me disse que Rubinho não estava ligado a santo de candomblé, mas sim ao budismo. Rubinho concordou, dizendo que sempre conversava com Buda e fazia cócegas em sua barriga. Quer dizer, a natureza religiosa dele está mais para o budismo do que para o domínio dos orixás – ora, é preciso ser muito grandioso para revelar algo assim.

Outra coisa que me impressiona é o respeito, o amor e o carinho que Agenor tem pela religião católica, da qual todos nós fazemos parte: fomos batizados, casamos, vamos à missa, temos devoção pelos santos. Mas isto não significa que as tradições devam se misturar. É bom lembrar que Agenor, assim como os bispos da Igreja e as grandes mães-de-santo, é contrário à prática do sincretismo. Neste ponto, eu adoto a compreensão de nossos amigos Didi e Juanita, segundo a qual o candomblé não pode acolher o sincretismo como dogma para o culto, embora possamos entender suas raízes históricas. Oxum não é Nossa Senhora, Xangô não é São Jerônimo, porém há quem cultue ao mesmo tempo as duas entidades. Podemos ter admiração comum por um orixá e por um santo católico, com base em suas semelhanças. O orixá dono do trovão é como São Jerônimo, invocado para proteger nas tempestades. Oxalá perdoa, assim como o Senhor do Bonfim, que foi tão maltratado e perdoou. Essas semelhanças aproximam uma entidade de outra, sem que, no entanto, se confundam numa só.

Mas há ainda um ponto que eu gostaria de lembrar: as grandes mães-de-santo do ritual de Kêtu, como mãe Senhora, mãe Menininha e a própria mãe-de-santo de Agenor, Aninha, que foi a grande ialorixá da Bahia, sabiam coisas que não passavam para os homens. São segredos da mulher, transmitidos somente para a mulher. Há realmente nos candomblés tradicionais uma consideração maior pela mulher do que pelo homem. O nosso querido Santinho, nosso oluô, é a meu ver quem mais conhece os cultos hoje, como já disse. Ele herdou muita coisa de mãe Aninha, inclusive a maneira de jogar os búzios, mas no ritual não pode herdar tudo, porque, pelo prisma do candomblé, o segredo é da mulher. Isto vem por causa de Iansã, de Oiá, que, como Agenor diz, é a dona dos caminhos do infinito. Não se pode fazer um candomblé só de homens ou só de mulheres – e, diga-se, o que é muito bom para ambos, o homem é o pai que guarda a casa, e a mulher, a mãe que guarda o mistério da vida.

Antonietta Alves (Babamin), ialorixá, filha-de-santo do professor Agenor

Iniciei minha vida espiritual em 1955, na casa de Ricardo Quirino Gomes (Angorense), onde permaneci durante cinco anos. Eu relutava em dar prosseguimento às obrigações, pois não queria no futuro arcar com a responsabilidade de ser ialorixá, conforme ele havia previsto. Em 1960, levada por minha cunhada Ruth, conheci o professor Agenor. Por meio de seu jogo obtive a confirmação de que eu teria que raspar Oxalá e que também trazia cargo de mãe-de-santo, por herança espiritual de minha avó materna.

Como na época tivessem surgido vários problemas, envolvendo também minha filha, decidi afinal fazer santo no Axé Opô Afonjá de Coelho da Rocha, com mãe Agripina e o professor Agenor. Eu entraria no mesmo barco de Nilson de Ossãe. Mas, por insistência de meu falecido marido, deixei de fazer as obrigações em Coelho da Rocha. Fiquei triste com a situação e recorri novamente ao professor. Ele me aconselhou a não eriar problemas com meu marido e disse ainda para eu não me preocupar, no fim das contas voltaria para suas mãos, seria sua filha espiritual.

Assim, acabei por raspar Oxalá em 1963, na casa de Aderman Francisco da Cruz, filho-de-santo do falecido Álvaro de Obaluaiê (axé do Engenho Velho). Fiz a obrigação de três anos ainda com seu Aderman, que, nessa ocasião, entregou os assentamentos de meus orixás. Durante este tempo não deixei de procurar o professor Agenor, que continuava a me dar orientações. Finalmente, em 1973, o professor fez minha obrigação de sete anos e abriu casa para mim em Santíssimo, ele e o falecido Nilson ajudaram depois a recolher minhas três primeiras iaôs.

Meu pai Agenor é um grande amigo e conselheiro. Tenho casa aberta, porém não faço nada para mim ou para os outros sem antes consultá-lo. Acho que, antes de mais nada, é uma questão de respeito. Ele até me pergunta: “Ora, Antonietta, não sabe mais dar um obi?” E eu respondo: “Sei, meu pai, mas tenho de lhe participar...” Ele não diz, mas sei que fica contente com esse tipo de atitude, infelizmente rara nos dias de hoje. Afinal, devemos sempre satisfações aos mais velhos.

Às vezes dizem, Babamin é severa, Babamin é durona, essas coisas. Acontece que me criei na casa de professor Agenor, ele nunca me deu facilidade, sempre lidou de modo muito sé-

rio com os assuntos da religião. Por exemplo, só depois da minha obrigação de sete anos ele passou a me ensinar certo tipo de fundamento. Pude então enxergar com outros olhos coisas que já sabia há muito tempo. Vi também que não adiantaria ter tido acesso a estes fundamentos antes; passamos a mexer com forças muito grandes, a responsabilidade aumenta, os riscos também. É preciso preparo espiritual e vivência no santo para assimilar certos conhecimentos.

Acredito que, por vaidade, muitos hoje queiram assumir o posto de pai ou mãe-de-santo. Mas nem todos têm essa difícil missão. Faz-se a obrigação de sete anos para que se complete o ciclo da iniciação, deste modo dá-se força ao orixá e à cabeça da pessoa. Mas, daí a alçar maiores vôos, há uma distância muito grande. É uma pena, está tudo muito diferente, hoje se vê sujeito com um ano de santo abrindo casa, até iaô já está raspando gente. É por isso que essas igrejas modernas estão cheias de pessoas que já passaram pelo candomblé, pela umbanda. Os pais-de-santo, sem preparo, sem força espiritual, começam a fazer bobagem, então os filhos se estragam, ficam desesperados. Meu pai Agenor me ensinava o que podia – e ensina, até hoje. O que não podia, dizia: “Ainda não está na hora.” Graças a ele, aprendi que o candomblé encerra uma filosofia de grande beleza. Felizes os que têm a chance de conhecê-la.

Cantulina Pacheco (Mãe Cantu), irmã-de-santo do professor Agenor

Assim que minha mãe Aninha morreu, logo no início de 1938, me mudei para o Rio de Janeiro. Fui morar com tia

Agripina, era ela quem tomava conta do Axé que minha mãe tinha plantado no Rio. Na missa de três meses que fizeram em intenção de sua alma, tive a chance de conhecer meu irmão Agenor, que, juntamente com Paulina, tinha sido incumbido por ela de ajudar tia Agripina no Axé. Mãe Aninha, mais Abedé, aquele africano, deram tudo a ele. É um olhador admirável. Não é por ser meu irmão-de-santo, mas não conheci quem jogasse tão bem quanto ele.

Meu irmão Agenor sabe um bocado de minhas histórias. E ele sabe que, para me livrar desta touca apertada em minha cabeça, corri, corri, mas não adiantou nada. Sou a primeira neta brasileira de Joaquim Vieira da Silva, conhecido na seita como Obá Saniá. Ele ajudou a fundar o Axé Opô Afonjá e foi quem fez Aninha mãe-de-santo. Então, chegou uma hora em que queriam me colocar esta touca como herdeira do Axé. Pergunte a Agenor, ele irá lhe explicar melhor do que eu. Ele sabe como eu fugi daqui e fui para lá, por causa disso tudo.

Mas orixá é orixá, não teve jeito. Sou de Xangô. Minha mãe de sangue, feita antiga do Engenho Velho, era de Oxaguiã, mas adorava Xangô e dizia sempre que eu nasci com sua influência, debaixo de relâmpagos e trovoadas. Era para eu fazer santo com três meses de idade, só que o homem que me criou não quis de jeito nenhum que isso acontecesse. É, estou aqui pela força do destino. Vira e mexe, com 27 anos, eu acabei entrando para a lei do candomblé, lavei conta. Mas não deu certo. Na hora em que fui tomar o banho, durante a cerimônia, o pote com as contas estourou, parecia um tiro de revólver. Alexandrina, a segunda filha-de-santo de Aninha, é que veio nos avisar. Mãe Aninha ficou muito pesarosa, pois tinha preparado tudo com muito cuidado.

Depois fui me afastando, levei seis anos fora deste negócio. Uma senhora amiga me impediu de jogar as contas fora. Guardei tudo e fui me tratar no espiritualismo, trabalhei como médium, passei por vários lugares, dava consulta com copo d'água. Engraçado, depois que fiz santo nunca mais lidei com isto, tinha até vontade de pegar um copo d'água e ver o que acontecia. Mas, também, mesmo continuando a respeitar a doutrina espírita, hoje não tenho mais necessidade dessas coisas. Naquele tempo eu freqüentava a casa de Maria Cajueiro, depois passei a ir a algumas sessões num centro na rua do Ossos. Foi lá que uma vez se manifestou o espírito de meu avô Obá Saniá. Ele apareceu dizendo que eu não era de sessão, que eu pertencia à sua lei e deveria cumprir a missão em seu lugar, para que ele pudesse se apresentar a Deus vestido com a roupa da pureza da alma. Pois bem, foi uma confusão, a sessão acabou naquele instante.

Ainda tentei escapar. Passei a assistir às sessões do caboclo Serra Preta, uma entidade extraordinária. Ele apareceu em Dedé, na casa de Agenor Tupinambá, e não se importava com a religião da pessoa, só queria fazer a caridade. Por outro lado, ele não se misturava com o candomblé, dizia sempre que não tinha nada com o azeite de dendê. Chegou uma hora em que não deu mais. Problemas, doenças, lá fui eu bater à porta de minha mãe Aninha. Na roça, ela me disse: “Pois é, minha filha, Xangô está dizendo que é hora”. Ela preparou tudo, e, no dia 18 de junho de 1936, esta sua criada estava dentro da camarinha.

Mais tarde fui para o Rio, durante anos tomei conta do Axé de lá, depois que morreu tia Agripina, hoje estou de volta, por ordem de Xangô. Já estou com idade, nasci em 1900, fui criada por gente do século passado. Mas procurei, assim como

meu irmão Agenor, nunca ficar à toa. Não tive criação de candomblezeira. Na hora do “*Ogum ajô, ê mariô...*” todo mundo quer dançar, mas na hora de entender as coisas é tudo diferente. Não tem jeito, hoje é tudo ainda mais diferente, Agenor também sabe como era aquele tempo. É como diz o ditado: macaco sobe, guariba desce, Cantulina é quem mais padece. O que vou fazer? Viver até quando Deus quiser.

Maria da Paz de Oliveira (Mariinha), ebômi, feita de Nanã no Gantois

Mesmo antes de eu ser iniciada – mãe Menininha fez meu santo em 1939, no Gantois – ouvia falar muito do professor Agenor. Fui a muitas festas do Xangô de mãe Aninha, no Opô Afonjá, eu era menina, mas me lembro bem. Era um Xangô bonito, que se vestia diferente, não usava saiote, e sim uma espécie de bombacha, se apresentava também com alguns detalhes diferentes. Pois lá se respeitava muito a figura do professor, já naquela época.

Mas vim a conhecer de fato seu Agenor aqui no Rio de Janeiro, para onde me mudei em 1948. Nesse tempo ele dava aulas no Colégio Pedro II, na rua Marechal Floriano, e quando saía de lá costumava passar no Largo de São Francisco, onde algumas baianas armavam seus tabuleiros de quitutes. Era o caso de minha irmã Marota de Ogum, de Senhorazinha de Xangô e outras mais. O professor gostava de comer bolo de milho, bolo de aipim, beiju de tapioca, estava sempre passando por ali. Pois foi assim que conheci o professor.

Também nesse tempo ele recebia em sua casa muitos materiais africanos, era obi, orobô, ofum, ossum, uáji, tanta coisa, eu ia lá comprar. Mas, muitas vezes, sem que a pessoa

pedisse, ele dava de graça isso tudo. Até hoje tenho comigo algumas coisas que ele me deu, dessa época. Também encontrava o professor no Axé Opô Afonjá de Coelho da Rocha, ele sempre estava lá, nas festas, fomos criando uma amizade muito boa.

Seu Agenor me ajudou muito, em diversas ocasiões. Foi um verdadeiro pai que eu encontrei aqui no Rio de Janeiro. Foi ele quem me ensinou a jogar búzios, aprendi com ele também uma coisa ou outra sobre os odus, tudo isso. O professor é muito generoso, aquilo que ele pode ensinar, realmente ensina, principalmente a quem ele vê que tem obediência ao orixá, que tem preparo.

Quando vim morar aqui em Nilópolis, em 1970, neste terreno que era só grama e capim brabo, fui buscar meus santos em Salvador. Consultei o professor para saber como eu teria de ajeitar tudo, ele jogou e disse que em primeiro lugar eu devia dar um carneiro a Xangô. Eu não tinha condições, estava quase sem dinheiro, disse a ele que não poderia. Porém seu Agenor foi firme, respondeu que ia sair tudo certo. Quando fui ver, o dinheiro apareceu, deu para o carneiro e ainda sobrou... Mas essa é só uma história entre tantas outras.

Continuo recorrendo ao professor, vou conferir meus jogos com ele. E continuo aprendendo bastante, também. É como se diz: a gente nasce sem saber e morre sem aprender, não é? Então, enquanto a gente puder contar com alguém mais velho, que olhe por nós, que nos oriente, tem é que agradecer muito aos orixás.

Cidália Barbosa Soledade, ebômi, feita de Iroko no Gantois

Tenho lembrança do professor Agenor dos meus tempos de iaô, no Gantois, nos idos de 1938. Ele era muito amigo de minha mãe Menininha. Chegava lá, os mais velhos logo diziam pra gente: “Tome a bênção a esse senhor, ele é do Opô Afonjá”. Quando tinha barco de iaô recolhido, todo mundo já sentado no corredor, do lado de fora da camarinha, ele costumava ir lá e dizer umas palavras muito bonitas. E conversava sempre com minha mãe Menininha. Agora, o que eles conversavam eu não sei, porque era assunto deles, fazia parte da nossa educação a gente se afastar quando os mais velhos conversavam, a não ser que dissessem para ficar.

Ele ia muito ao Gantois, levava sempre bastante folha de axé. Era um senhor novinho, bonitinho, distinto, mas também humilde e simpático. Não tive o prazer de ter com ele uma convivência mais próxima, gostaria de conversar com o professor, de aprender com ele. Porque no candomblé ninguém é sábio, ninguém tem diploma na parede, é preciso aprender sempre.

Por tudo isso peço a Oxalá pelo professor, que é filho desse orixá tão grande, nosso supremo, nosso pai, nosso mestre. Que Oxalá dê muitos anos de vida com saúde a seu Agenor. E peço ainda a Euá, que também é dona dele, Euá, com seus mistérios, Euá, que é santa de muitos ítems, é guerreira, é mãe, é índia. Que Euá sempre guerreie e vença por ele!

Idásio Tavares, poeta, escritor, professor da Universidade Federal da Bahia e Otun Obá Aré do Axé Opô Afonjá

Dentro da estrutura do candomblé, encontramos um elemento nuclear, primordial, que é o *auô* – termo que poderíamos interpretar como “segredo”. Do segredo se nutre toda religião iniciática. Será mais sábio não aquele que revela o segredo (pois quem fala não sabe e quem sabe não fala). Será mais sábio aquele que puder interpretar o segredo e assim revelar os caminhos, apontar a direção sem que o neófito conheça o porquê. No candomblé, como em todo conhecimento oculto, a prática antecede a gnose; no candomblé, o racionalismo não morre, contudo ocupa sua devida proporção – integra-se.

Disso tudo decorre a importância fulcral do *babalaô*, literalmente pai do segredo, ou *oluô*, dono do segredo. Ele é o pilar em que se assenta todo o conhecimento, a base epistemológica do todo, pois ele é quem define o orixá – patrono da cabeça, consciência; ele é quem aponta o caminho, o odu; é quem determina o ebó, terapia, religação ao caminho. Não se pode dar um passo no candomblé, pois, sem o jogo. O *oluô* é o jogo. E, porque ele sabe, se esconde; porque ele conhece, nega; porque é grande *lessé Olorun*, aos pés de Deus, se faz humilde e pequeno. Esta é a essência da *Weltanschauung* nagô, porque o caminho da iluminação é *iwá pelé*, o caminho da suavidade, da doçura, da gentileza – o que pode vir a ser, em determinados momentos, o caminho da pior das violências, branca, surda, determinada por Obatalá e cumprida por Iku pela espada de Ogum.

E, entre os verdadeiros *oluôs* que pude conhecer pessoalmente (de muitos ouvi o nome, Martiniano Eliseu do Bonfim,

uma legenda), sempre me infundiu um profundo respeito, diria temor reverencial, o filho de Oxalá e Euá, professor Agenor Miranda, que pouquíssimo mostra, porque muitíssimo sabe. Dos anos e anos de uma vida recatada e simples, à margem do poder e da riqueza, ele engrandece o mundo negro do Brasil com sua profunda sabedoria.

Os jogos que fez para mim, eu os assisti com intensa concentração, respeito e admiração, atos e fatos configurando-se em meus ouvidos como se Ifá em pessoa me dissesse quem em verdade sou. Assim Professor Agenor determinou meu Oxóssi, descreveu meu odu com uma perfeição que até hoje se mantém e, ao jogar os búzios para ratificar a vontade de Xangô de que Antônio Olinto se tornasse Obá Aré, com um pouco de surpresa apontou para mim e disse que Xangô também queria este filho de Omolu para *otun* de Olinto. Um mestre. Um venerável mestre, professor Agenor Miranda.

Kátia Alexandria, filósofa, produtora cultural e macota do candomblé do Bate-Folha

No tempo em que Mãezinha estava à frente do Opô Afonjá, coisa de 25 anos atrás, conheci o professor Agenor. Depois fiquei muito amiga de Nilson, filho-de-santo dele já falecido. Revi o professor no jogo que apontou Stella como sucessora de Mãezinha, e logo depois disso me mudei para o Rio de Janeiro, onde passei a estar com ele freqüentemente. O professor jogava muito para mim, naquela época, e me ajudou a resolver problemas sérios. Sempre foi muito prestativo, carinhoso, um grande amigo. Seu jogo é sobrenatural, dou vários testemunhos disso.

Mas o que mais me chama a atenção no professor é o seu modo de praticar a religião, sua relação com o sagrado. Seu candomblé é o mesmo dos antigos africanos, não só em termos de ritual, mas, o que é mais importante, vivenciado de acordo com toda uma visão de mundo que hoje se encontra bastante deturpada. Por exemplo, o professor Agenor, que conhece a fundo os princípios da religião dos orixás, reconhece em determinados momentos, assim como os antigos africanos, a validade do sacrifício de animais, embora seja um tanto avesso a essa prática. Ele só recorre a este uso ritual em casos extremos, bem diferente de hoje em dia, quando você vai fazer um jogo e já vão matando três bodes, se for possível...

Gostaria que ele pudesse passar para o povo do candomblé seus conceitos sobre a religião, que tem a ver com uma abordagem séria, nunca mercantilista. Ele estudou, sempre trabalhou, então não vive disso. Percebo que o candomblé está tomando rumos assustadores, principalmente nesse aspecto. Nos tempos atuais, se você não tiver boa condição financeira, dificilmente poderá ser um filho-de-santo, não poderá ser ajudado pelos orixás, pelos inkices, pelas entidades. Para se fazer um bori, hoje, é preciso estar montado no dinheiro, para se consultar os búzios, para se fazer um descarrego, para tudo. Abro exceção a algumas casas que eu conheço e que merecem todo o meu respeito. Mas, na maioria das vezes, o que se vê é um comércio assustador.

Eu não entendo essa junção de comércio e espiritualidade. Como se diz, acho que, em alguns lugares, o orixá voltou para a África. Quando alguém de candomblé se propõe a ajudar outra pessoa e já pensa em quanto vai receber, na minha opinião seu poder espiritual se enfraquece. Se você é axogun, por exemplo, pode matar cem galos e duzentas galinhas,

mas, se estiver ali por dinheiro, o resultado nunca será o mesmo. E é também por isso que eu dou um grande valor ao professor Agenor, porque sei que ele não pensa e não age assim.

Cleofe de Oliveira Martins (Mãe Cléo), ialorixá

Meu nome é Cléo, sou advogada e no Axé Opô Afonjá tenho o posto de Abeni Xangô. Este posto é dado na casa de Xangô e significa aquele que divide a mesma causa com ele, uma causa difícil de ser dividida. Isto faz com que, de certa maneira, eu me identifique com a figura do professor Agenor. Ele, pessoa respeitada pelas casas antigas da Bahia, grande oluô, sacerdote de primeira linha do candomblé, reúne também qualidades de professor do tradicional Colégio Pedro II, poeta, homem versado em letras e humanidades. Branco, como eu, com inserção no meio acadêmico, o professor é amante do bel-canto, traço que também nos aproxima.

O que mais me fascina no professor Agenor é que o vejo como um parente distante, aquele avô que eu não tive. Admiro o jogo de cintura que ele tem entre os dois mundos, o mundo branco, acadêmico e intelectual, e o mundo negro do candomblé. Sou paulista e, assim como meu pai, estudei no Colégio Roosevelt, instituição de elite nos moldes do Pedro II dos tempos antigos. Depois tive a honra de estudar com o professor José Cratella Jr., que é professor-titular de Direito Administrativo na USP. Foi também professor de meu pai e colega do professor Agenor, de quem, aliás, já me falou muito.

Hoje, depois de anos de iniciação no candomblé, me vejo no Opô Afonjá. Sempre que me pergunto o que Xangô

Afonjá viu em mim para trazer-me à sua casa, ao lado da mãe-de-santo, me lembro também do professor. É um percurso que tem muito de desafio, como deve ter sido para ele. Então procuro seguir seu exemplo, sua conduta, e me alegro muito, porque cada vez mais descubro que o verdadeiro candomblé se traduz em amor, prazer e tantas outras coisas boas.

Penso que, por tudo isso, o professor Agenor tem uma grande contribuição a dar à juventude do candomblé – composta hoje, é bom lembrar, por todo um contingente de brancos de classe média, muitos universitários. Ele tem a ensinar não só ao pessoal jovem, como ao pessoal das casas jovens, que se ressentem de uma proximidade maior com a tradição. Daí, a importância de seu livro *Os candomblés antigos do Rio de Janeiro*, que não se limita a descrever aspectos do culto e contar a história de seus principais personagens. Este livro se ocupa também da doutrina da religião, o que é negligenciado por muitos autores, mesmo por aqueles que, na condição de sacerdotes, teriam conhecimento de causa para discorrer sobre o assunto.

Enfim, considero o professor Agenor um privilegiado por viver tão bem nestes dois mundos. É um iluminado, um grande bruxo.

Hamilton de M. Monteiro, professor da Universidade Federal Fluminense

Conheci o professor Agenor há cerca de trinta anos, por intermédio do meu grande e inesquecível amigo Nilson Feitosa. Éramos, eu e Nilson, colegas de faculdade no curso de História da UFF. Certa vez, ele me disse que iria apresentar-me a seu pai e levou-me à casa do professor, na rua Barão do Bom Retiro.

Como aluno da Faculdade e mesmo antes de ali entrar, eu mantinha contatos com professores e alunos da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), ligados ao curso de Antropologia, que faziam pesquisas sobre religiões africanas no Rio de Janeiro. Muito embora não participasse dos grupos de pesquisa, minha amizade com eles me levava a acompanhá-los nas visitas aos terreiros. Dessas andanças, nasceu um relacionamento amistoso com Ondina, conhecida como Mãezinha, ialorixá de um candomblé em Éden, no grande Rio. Fiz amizade com ela e sua família; foi uma época inesquecível em minha vida.

Em função desses laços fiz uma viagem à Bahia, por ocasião das festas de Xangô. Mãezinha também foi ialorixá do Axé Opô Afonjá. O mais incrível é que, estando lá, em momento algum ouvi falar do professor Agenor. Depois, muito depois é que vim a perceber que ele era tratado pelos que o conheciam como uma jóia rara, que somente deve ser observada por poucos. A figura dele era preservada até nas conversas, em que se fala de tudo e de todos, como acontece entre os membros do candomblé.

Desta forma, quando fui pela primeira vez à casa do professor, desconhecia sua importância na religião africana. Quando encontrei com meus amigos antropólogos e disse que o tinha visitado, todos me acusaram de ser mentiroso. Disseram-me que o professor não recebia qualquer um, era muito difícil chegar até ele. Confesso que achei isso muito estranho. Para mim não houve qualquer dificuldade, embora fosse levado pelas mãos de Nilson. Começou a nascer entre mim e o mestre uma grande amizade. Foi uma semente jogada em terra fértil, que resulta hoje em dia numa árvore frondosa, com raízes muito firmes.

Parafraseando o imperador Marco Aurélio em suas *Máximas*, posso dizer que com ele aprendi os mais importantes valores éticos e filosóficos para uma vida feliz. Aprendi também a ser professor, pois ele me ensinou os fundamentos básicos da profissão. Toda a minha carreira acadêmica, inclusive o doutorado na USP, tem a marca do seu incentivo e colaboração. Certa vez, nos anos difíceis financeiramente, sem eu pedir, ele foi ao seu quarto e retornou com dinheiro para que eu pudesse viajar a São Paulo. Quando recebi o salário, minha primeira ação foi pagar-lhe a dívida. Dele só tenho recebido coisas boas e vou ser-lhe grato eternamente.

O professor vive de maneira modesta. Em sua casa não há luxo. Diz ele que lhe bastam a limpeza e um bom chuveiro, com jato d'água bem forte. Lembra-nos a passagem na qual Oxalá pede apenas água para se lavar. Lembra-nos, também, o Coriolano de Shakespeare, que recusava as honras e o butim das vitórias militares, como se seu único objetivo fosse alcançá-las. Ensina em sua sabedoria que nos é suficiente uma profissão, para dela retirarmos o sustento, e uma casa própria, mesmo que modesta. A vaidade e a ambição por ele são condenadas, porque são prenúncio da queda e dos dissabores; como costuma dizer, “a formiga, quando quer se perder, cria asas”. O professor defende o princípio de que a felicidade reside em nós mesmos. Aquele que constrói sua vida em função de querer sobrepujar-se aos outros, diz ele, afunda-se na insatisfação e na infelicidade.

Durante muitos anos, ia todos os domingos a sua casa para ouvi-lo. Eram momentos emocionantes, em que bebíamos com avidez cada palavra e cada conceito emitidos. Havia momentos em que nos deliciávamos com suas poesias, nas quais refletia os mais profundos sentimentos humanos, ou então nos

brindava com admiráveis recitais de piano, em que pontificava Chopin, seu compositor predileto. Ouvíamos música clássica e, algumas vezes, antigos fados lisboetas. No final, havia o café da Guimar, guardiã severa, mas dotada de muita generosidade e bondade. Ao voltar para casa, ia leve e sem problemas.

O professor se posiciona como uma esfinge cheia de mistérios, de cujo interior pouco se sabe. Entretanto, guarda um coração amoroso, sempre disposto a confortar e a socorrer os que lhe procuram. A legião dos que lhe querem bem é muito grande, ultrapassando as fronteiras nacionais. É formada por gente de todas as categorias sociais, de todas as origens, pois para ele verdadeiramente não existe diferenciação. O professor Agenor é, de fato, uma figura fascinante e grandiosa.

Gilberto Gil, compositor, cantor

– Gil, em que circunstâncias você conheceu o professor Agenor?

GG: De ouvir falar, de referências, eu o conheço há muito tempo. Acho que desde que eu me aproximei da comunidade do candomblé, na Bahia, com seus terreiros, mães-de-santo, ogãs e todas as pessoas de envolvimento direto e mais profundo com o candomblé baiano. Falam dele como um grande decano, o grande, senão o maior, como muitas vezes é mencionado. Sem dúvida alguma, um dos maiores conhecedores e preservadores da tradição.

Eu tinha muita curiosidade em conhecê-lo pessoalmente, o que aconteceu no ano passado [1993]. Acabei visitando-o em sua casa. De lá para cá, tenho me encontrado com ele

com alguma freqüência. É uma figura extraordinária, um homem belíssimo, de um envolvimento profundo com a religião e, ao mesmo tempo, muito autônomo, não é?

Em relação ao candomblé, ele tem uma visão respeitosa, mas também bastante pessoal, com a evidente manifestação de autoridade que tem acumulada ao longo de muitos anos. Teve convivência estreita com as grandes ialorixás na Bahia e os grandes babalaôs. É talvez o único remanescente daqueles grandes tempos, mas ainda muito prestativo no que diz respeito à vida dos terreiros. Até hoje, é o grande jogador de búzios para todas as sucessões. Continua, enfim, muito entusiasmado pela causa, pela coisa do candomblé. Continua iniciando muita gente.

A minha mulher mesmo, Flora, foi praticamente iniciada por ele, e há várias outras pessoas, mais novas, mais jovens, que mantêm contato com ele. É de fato uma pessoa muito interessante, com uma visão muito afetiva, muito profunda, mas ao mesmo tempo sem nenhum constrangimento no que implique uma postura crítica. Ele faz questão de introduzir dados humanistas e individuais na esfera da liturgia, do ritualismo. Penso que ele representa uma estirpe de outra era, de outro padrão mesmo.

– Você, pessoalmente, como se sente, aproximando-se? É novo para você o contato com o candomblé?

GG: Eu só fui ter contato com o candomblé já adulto e numa fase posterior à minha, digamos, “iniciação geral à Bahia”. Eu nasci em Salvador, criei-me pelo interior com a família, mas ainda assim frequentei a vida da Cidade de Salvador desde a infância até a adolescência. Vivia num bairro de classe média baixa, que é Santo Antônio, com uma iniciação muito forte nessas coisas da tradição “sincrética”, como

os ternos, os reisados. Era o bairro da Lapinha, do Terreiro de Jesus, do Carmo, do Santo Antônio do Boqueirão, com as grandes festas, as grandes celebrações católicas. O bairro do carnaval, não é?

Havia também candomblés. Na minha rua mesmo, havia um terreiro de candomblé, quando eu era menino. Mas tudo passava um tanto longe de mim, talvez até por refração familiar. Família muito católica – um pai agnóstico, uma mãe católica, a quem tinha sido tolhido todo acesso à coisa do candomblé. Meu pai era médico; minha mãe, professora. Foi tardio, assim, o meu envolvimento com o candomblé.

O terreiro do Barro Branco, em Itaparica, um terreiro de Egun, foi o primeiro que visitei em minha vida. Isso aconteceu em 72, depois do exílio em Londres. Foi Mestre Didi quem me levou. Lá, pela primeira vez, jogaram búzios para mim e identificaram meu orixá: Xangô (e Logun-edé, mais tarde).

Como eu morava no Rio, indo apenas periodicamente a Salvador, deixei de ir a Itaparica e passei a visitar o terreiro do Axé Opô Afonjá, que é, digamos assim, uma das matrizes. Acabei não me envolvendo muito nesse período. Depois aproximei-me mais do Gantois por força de uma preferência grupal: todo o grupo ao qual eu estava ligado tinha vínculos muito estreitos com o Gantois. Conheci então mãe Menininha. Foi ela quem definiu o meu grau de envolvimento no candomblé, depois de uma série longa de encontros e jogos de búzios. Foi ela quem acabou descobrindo Logun-edé e também quem me dispensou formalmente de qualquer obrigação.

– Isso é peculiar. O candomblé é o único culto que não faz nenhum esforço para converter ninguém. Pelo contrário, até dispensa de obrigações muita gente.

GG: É o meu caso. Mãe Menininha achou que eu não tinha que ter vinculação “confessional” com o culto. Ela me dizia: “De vez em quando, quando você quiser, dê um presente para o santo da sua cabeça. Se alguém lhe disser que tem de fazer santo, diga que é mentira. Diga que Menininha do Gantois mandou dizer que é mentira!” Aí, eu fiquei liberado. Criei uma relação de vínculo cultural, mais do que religioso, com o candomblé. Tornei-me um apreciador por força das minhas atividades artísticas e do interesse natural relativo aos temas que eu abordo.

– Você acabou prestando uma homenagem musical a Xangô e a um Egun, não?

GG: Compus uma música para Alapalá, um Egun da família de Xangô, que vi na Ilha de Itaparica. Foi uma experiência muito forte. Eu vi o Egun em 72, mas só fiz a música em 76, que foi gravada em 77, no disco *Refavela*. Depois que gravei, Mestre Didi me disse que eu tinha de fazer uma obrigação para Alapalá. Isso foi sendo adiado, faz muito tempo, mas ainda há uns seis meses ele me deu a lista dos condimentos, das coisas que eu tinha de comprar para fazer um ebó. Acho que agora vou mesmo fazer uma obrigação para Alapalá.

– É possível que a vinculação com cultos locais e familiares, como é o caso do candomblé, passe mais pela questão da cultura do que pela religiosa *stricto-sensu*, não? A verdade é que o Estado-Nação está desaparecendo como fonte de identidade para as pessoas. E o candomblé é uma fonte de identidade. Curiosamente, as grandes resistências a esses cultos são os universalismos que caracterizam a situação ocidental, o domínio pela universalidade. O candomblé representa a fé localizada e familiar, representa a comunidade. O professor Agenor, por exemplo, é uma figura da brasilidade, ao mesmo

tempo comunitário e localista, mas dono de um espírito crítico. Como você vê isso?

GG: Ele é crítico talvez porque também idealiza um pouco a partir de modelos europeus. Ele é muito ligado a isso. É um professor, um homem criado no que a gente chama de civilização ocidental. É, portanto, também ocidental, universalista neste sentido, logo tem que ter uma visão crítica. Tem que ter uma certa exigência de adequação do candomblé a essa universalidade. Eu acho que é um pouco por ter ele essa visão que acumulou autoridade, no sentido de criação de uma “aura” de virtude, onde ele se sente tranqüilo e confortável diante das tensões e dos conflitos.

– E Flora, sua mulher, como chegou ao culto?

GG: Ela é a primeira filha de Euá do terreiro de Augusto César, na Bahia. Mas se considera filha também do professor Agenor, pois ele a ajudou muito nas questões de liturgia. Ela é paulista, branca e jovem, mas tem uma aproximação confortável com o culto, uma intimidade mesmo, que denota ancestralidade forte.

Ela chegou ao culto através da gente, na Bahia, adaptou-se comigo. Morou em Salvador por um período (exatamente de 87 até dois anos atrás) e acabou conhecendo aqui, ali, um e outro no candomblé. E se encantou. Ela gosta muito dessa coisa de comunidade, do modo histórico da Bahia. Sente-se profundamente atraída por tudo aquilo. O candomblé é, sem dúvida, a forma de se confirmar o compromisso com esse afeto. Ela adora. Os momentos mais importantes para ela são os das obrigações, aquela coisa de ir pra lá, passar a noite, acordar de madrugada para carregar água, ir para a cozinha fazer as coisas, descascar verduras e matar os bichos. Tudo isso, ela ama profundamente.

– Como você vê essa vulgarização do culto em termos de carnaval, de orixás serem tema de escola de samba, de “axé” passar a fazer parte de comércio?

GG: É um paradoxo insuperável. Não tem jeito, vai ser assim mesmo. A preservação e a continuidade vão ter que pagar o preço dessa coisa. Preço de uma certa banalização do que se insere no mundo da moda, da sociedade do espetáculo.

– Você acha que fortalece o culto?

GG: Pode fortalecer e pode prejudicar. Eu acho que não é algo fatal, não há uma fatalidade imperativa no sentido de que aquilo deve determinar o fim do candomblé. A capacidade de se articular com linguagens novas, de se articular com essas condições novas da sociedade, é uma coisa que vai depender da vitalidade do povo-de-santo.

Eu aprecio essa dimensão do sagrado no candomblé. Mas aprecio exatamente porque não é um segredo da comunidade original africana. É algo que vem dos negros lá vendidos como escravos, essencialmente ligados por isso mesmo ao sentido do popular. Não se trata de um segredo aristocrático, de elite, mas verdadeiramente popular. Ele entra em todos os espaços que a instância popular ocupa, em cada espaço que o povo conquista. O carnaval conquista a avenida, o caminhão conquista a tecnologia nova, o orixá vai junto. Eu sinto que ele vai para onde o povo caminha. O professor Agenor não estranha nada disso.

Flora Gil: Estava me preparando para fazer meu santo num terreiro da Bahia, quando, tomada por surpresa, tive que vir ao Rio de Janeiro conferir realmente qual era meu orixá. Meu pai-de-santo, Augusto César do Portão, me pediu para jogar com seu Agenor, pessoa de sua maior confiança. Pensei

que iria encontrar um preto forte, alto, com sotaque baiano. No entanto, me vi diante de um senhor branco, magro, pequeno, com toque refinado. Na hora foi me dando uma vontade grande de chorar, e ele então me disse: “Fique calma, você é de Euá, como eu”. Daí em diante nasceu uma amizade que até hoje carrego com orgulho, carinho e gratidão. Foi ele quem conversou com meu pai-de-santo, instruindo-o sobre a minha obrigação, explicou tudo, tomou conta, deu atenção, me acalmou e me deu sua amizade, que para mim é um tesouro. Enfim, falar de meu pai Agenor é difícil. Ele é tudo de bom.

A bá – Princípio segundo o qual as coisas têm objetivo, direção; vincula-se ao conceito de *axé*.

Abalá – Conjunto de tiras de pano multicoloridas que compõem a vestimenta dos eguns, aparições dos espíritos ancestrais.

Abebé – Leque ritual portado pelas *iabás*, orixás femininos, e pela *ialodê*; simboliza o poder genitor feminino.

Abiã – Fiel que passou pelo ritual da *lavagem-de-contas*, já estando vinculado a determinado terreiro, mas ainda sem a iniciação definitiva. Significa “aquele que está por nascer”.

Abô – Líquido que contém folhas maceradas, além de outros ingredientes. Serve para banhar os fiéis, descarregando-os. Feito nos terreiros, é guardado numa grande talha de barro.

Acaçá – Comida ritual feita à base de milho moído, cozido em ponto de corte. Normalmente servido enrolado em folhas de bananeira.

Adê – Coroa usada pelas *iabás* e alguns outros orixás. Há o adê-Xangô, em forma de cone, simbolizando o crescimento, e o adê-Baiâni, todo enfeitado de búzios, pertencente a um orixá da família de Xangô.

Adié – Galinha.

Adjá – Campainha ritual, espécie de sineta que invoca os orixás e propicia o transe.

Adô-iran – Cabaça que Olorum entregou a Exu quando delegou o poder a este. Contém a força que se propaga, sendo um dos principais emblemas de Exu.

Adôxu – Termo genérico que designa os iniciados. Literalmente, é “aquele que carrega o *oxu*”, pequeno cone de certa massa posto na cabeça do filho-de-santo durante os ritos de iniciação.

Afoxé – Cortejo carnavalesco pertencente à tradição nagô.

Agbara – Nome que se dá à capacidade de Exu que permite a cada ser mobilizar e desenvolver suas funções e seus destinos.

Agô – Pedido de licença.

Agogô – Instrumento musical constituído de campânula dupla de metal percutida por uma haste de ferro.

Aiê – Mundo de vida individualizada; compreende o universo físico concreto e a vida de todos os seres naturais que o habitam.

Ajá – Guardião, conquistador. O mesmo nome designa o cachorro, animal ligado a Ogum e Obaluaiê.

Ajagun – Guerreiro, elemento agressor; daí derivou-se o termo “jagunço”, matador.

Ajalá – O responsável, no orun, por moldar as cabeças dos seres do aiê.

Ajalaiê – Aquele que administra o aiê, o mundo material.

Ajalorun – Aquele que administra o orun, o espaço sobrenatural.

Ajapá – Cágado, animal ligado a Xangô.

Ajé – Uma das designações das *Iá-mi*, ancestrais femininos; poderosa feiticeira.

Ajê-Xaluga – Orixá da riqueza, ligado a Xangô. Não possuindo filhos no *aiê*, não se manifesta pela possessão.

Ajobó – Locais coletivos de adoração, no terreiro, onde são invocadas as forças que regem o *aiê*, os orixás e, em separado, os ancestrais. É o chamado “assento” ou “assentamento” coletivo.

Ajoiê – Fiéis e filhos-de-santo detentores de títulos e funções especiais. Diz-se também *ijoiê*.

Akin Oxô – Mago poderoso; homem bravo dotado de grande poder sobrenatural.

Akokô – Árvore sagrada.

Alá – Grande pano branco, símbolo de Oxalá, estendido em certas ocasiões para servir de cobertura aos orixás e aos fiéis.

Alabá l'axé – Um dos títulos de Olorum, deus supremo, que significa “aquele que tem o poder da realização”.

Alabê – Sacerdote encarregado da orquestra ritual.

Alakêtu – Título oficial do rei de Kêtu.

Aluá – Bebida fermentada feita à base de milho torrado, outros cereais, frutas e adoçado com rapadura. É a bebida dos orixás.

Aperê – Banco sobre o qual o filho-de-santo tem sua cabeça raspada, no momento culminante da iniciação.

Apô-iuá – “Saco da existência” que Olorum entregou a Obatalá para que este criasse o *aiê*.

Ara – Corpo.

Arabá – Árvore sagrada.

Aracolê – Insígnia de Euá, instrumento mágico que tem o poder de cegar os inimigos.

Ara-orun – Habitante do orun, seres ou entidades sobrenaturais.

Assentamento – Conjunto de objetos consagrados que representam as divindades. Diz-se também “assento”.

Assiwaju – Título de Ogum, “aquele que toma a frente, o desbravador”.

Assobá – Sacerdote responsável, num terreiro, pelo culto a Obaluaiê.

Atacã – Pano amarrado ao torso dos orixás masculinos, quando manifestados.

Ataojá – Título de Oxum que significa “aquela que aceita peixes”.

Atarê – Pimenta-da-costa. Mascam-se seus grãos, em especial, para reforçar o axé das palavras pronunciadas ritualmente.

Auô – Segredo, mistério.

Axá – Fumo picado, oferenda de Exu e Ossãe.

Axé – Princípio de realização que constitui o universo e tudo o que existe; poder sobrenatural, força propulsora que permite que a existência seja, isto é, que advenha; realiza-se, é mantido e realimentado permanentemente no terreiro. Por meio do ritual, o axé é liberado, canalizado e fixado temporariamente, consagrando seres e objetos. Por extensão, o termo axé é empregado em diversas outras acepções, referindo-se a um objeto ou ingrediente mágico, a uma linhagem de terreiros, a uma casa-de-santo, à categorização do sagrado, de um modo geral. Emprega-se, ainda, ao final de rezas ou invocações, como fórmula sponsorial, da mesma forma que o “amém” católico.

Axexê – Ritual fúnebre; também o conceito que se refere simultaneamente ao princípio dos princípios e aos ancestrais que permitirão o renascimento permanente.

Axogun – Tipo de *ogã* responsável pelos sacrifícios rituais.

Babá – Pai.

Babá Egun – Espíritos de mortos do sexo masculino que são cultuados em *assentamentos*, conjuntos de objetos rituais. Quando invocados, aparecem sob panos coloridos, às vezes ornados com tiras de pano ou outros adereços, sugerindo formas humanas.

Babá Ibonã – “Pai da quentura”, atributo de Obaluaiê.

Babalaô – Sacerdote de Ifá, deus da sabedoria e da adivinhação. Adivinho.

Babalorixá – Autoridade máxima em um terreiro e o responsável pela iniciação de outros sacerdotes, que passam a ser considerados seus “filhos-de-santo”.

Babalossãe – Sacerdote consagrado a Ossãe, orixá das folhas, especializado no emprego ritual e medicinal das ervas.

Barco – Grupo de *filhos-de-santo* iniciados em conjunto.

Bori – Textualmente “adorar, festejar a cabeça”, o termo refere-se a uma cerimônia de caráter fechado, na qual o *ori* (cabeça) do fiel é fortificado periodicamente.

Brajá – Par de longos colares feitos de fieiras de búzios, usados a tiracolo e cruzados no peito e nas costas. Liga-se em especial aos orixás Obaluaiê, Nanã, Oxumarê e Oxalá.

Carrego – Restos de comidas ou outros materiais litúrgicos que são despachados, isto é, postos fora ritualmente. O termo também significa a proximidade de um orixá ou entidade a alguém.

Dobalé – Saudação em que o filho-de-santo prostra-se no chão, de bruços e com os braços ao longo do corpo. O mesmo que “bater cabeça”.

Dupé – Fórmula de agradecimento. Diz-se “mô dupé” (“eu agradeço”), ou ainda “a dupé” (“nós agradecemos”).

Ebé – Nome genérico dado às comunidades aglutinadas nos terreiros da tradição nagô-kêtu.

Ebó – Oferenda ou trabalho ritual.

Ebô – Milho branco cozido.

Ebômi – Sacerdote com mais de sete anos de iniciação e que cumpre a chamada “obrigação de sete anos”, cerimônia que confere ao iniciado a condição de senioridade, com direito a ocupar cargos e funções especiais dentro do terreiro.

Edun-ará – Pequeno meteorito, símbolo de Xangô. O mesmo que “pedra-de-raio”.

Egun – Nome genérico dado aos espíritos dos antepassados, cultuados em certas ocasiões nos candomblés, ou mais especialmente em terreiros com esta única finalidade, os chamados terreiros “lessé-egun”, que organizam um culto paralelo ao dos orixás. Seus sacerdotes, os *ojés*, recebem outro tipo de iniciação. Este culto é, em geral, vedado às mulheres.

Eielé – Pombo.

Ejé – Sangue.

Ekédi – Filha-de-santo encarregada de cuidar dos orixás quando incorporados, paramentando-os, amparando seus filhos, provendo suas festas.

Ekodidé – Pena vermelha de certo papagaio africano, amarrada à testa dos *iaôs* durante a iniciação. Segundo alguns mitos, é símbolo de fertilidade.

Elebó – “Senhor das oferendas”, atributo de Exu.

Eledá – “Senhor dos seres viventes”, termo que se refere a determinado orixá assemelhando-o à condição de “anjo-da-guarda” de um filho-de-santo.

Elegbará – “Senhor do poder”, atributo de Exu.

Eleru – “Senhor do carrego ritual”, atributo de Exu.

Emi – Hálito, respiração. Refere-se também ao hálito de Olorun, elemento que dá a vida, princípio da existência genérica.

Epô pupá – Literalmente “azeite vermelho”, azeite-de-dendê.

Erê – Divindades infantis que acompanham cada orixá. Também são manifestadas pela possessão.

Erindilogun – Dezesseis; o conjunto de dezesseis búzios usados para a adivinhação.

Euá – Orixá guerreira associada às águas e patrona do sentido da visão.

Euê – Folha.

Euó – Proibição ritual, “quizila”.

Exu – Orixá patrono do movimento, da expansão, do desenvolvimento. Diz a tradição nagô que cada ser e cada coisa têm o seu Exu particular; sem ele, todo o sistema de seres e coisas estaria paralisado. Exu constitui o princípio da existência individualizada. É o principal responsável pela interação entre *orun* e *aiê*, céu e terra, sendo considerado o mensageiro dos demais orixás.

Filá – Barrete que compõe certas vestimentas cerimoniais.

Filho-de-santo – Designação genérica dos fiéis vinculados a um terreiro, iniciados ou não.

Funfun – A cor branca.

Gueledé – Antiga sociedade nagô dedicada ao culto aos ancestrais femininos.

Iá – Mãe.

Iabá – Nome que se dá aos orixás femininos em geral.

Iá-efun – Sacerdotisa encarregada da pintura ritual dos iniciados com o *efun*, espécie de giz.

Ialaxé – Título da mãe-de-santo ou, mais raramente, de uma outra sacerdotisa do terreiro, pelo qual é designada a guardiã do *axé* da casa.

Ialodê – Título honorífico feminino ligado ao culto aos antepassados.

Ialorixá – A autoridade máxima numa casa de candomblé, responsável pelo culto aos orixás e pela iniciação dos fiéis. O mesmo que “mãe-de-santo” ou “zeladora-de-santo”.

Iá-mi – Literalmente, “minha mãe”. Designação genérica de ancestrais femininas cujo principal símbolo é o ovo, sendo cultuadas especialmente pelas sociedades Gueledé e Ebé Elekô. São tidas como poderosas feiticeiras.

Iá-mi Oxorongá – Poderosa ancestral que é cultuada e invocada nos terreiros durante a cerimônia do *padê*.

Iamorô – Sacerdotisa encarregada de conduzir a cerimônia do *padê*.

Ianlé – Designação geral das comidas rituais.

Iansã – Nome derivado da expressão “Iá messan orun” (“Mãe dos nove céus”), atributo de *Oiá*.

Iaô – Condição dos iniciados que ainda não atingiram o grau de senioridade, conseguido após sete anos de iniciação, no mínimo, por meio de cerimônia ritual.

Ibá – Cabaça. Refere-se ainda a certos formatos de *assentamento*.

Ibá-axé – A cuia do axé entregue ao iaô depois de sete anos de iniciação, o que marca sua passagem à categoria de *ebômi*.

Ibadu – Cabaça consagrada que representa o universo. Sua metade inferior simboliza o *aiê*, a terra; a superior representa o *orun*, o céu.

Ibá-ketá – Título de Exu, textualmente “a terceira cabaça”, o terceiro elemento.

Ibá-ori – *Assentamento* onde está representado o *ori*, a cabeça do filho-de-santo.

Ibeji – Divindades gêmeas infantis.

Ibi – Tipo de caracol associado a Oxalá.

Ibiri – Emblema de Nanã, feito com fibras de palmeira atadas. Quando o orixá dança com o ibiri, embala-o como se fosse um bebê.

Ibó – *Assentamento* de egun, composto de um alguidar contendo um prato pequeno e fundo coberto por um prato raso.

Idé – Bronze; pulseiras de bronze ou outros metais.

Iemanjá – Orixá ligada ao mar, no Brasil. Seu nome vem da contração de “iê”, “oman”, “ejá”, literalmente “a mãe dos filhos peixes”.

Ierossun – Pó esbranquiçado de origem vegetal, usado especialmente nas adivinhações de Ifá.

Igui – Palmeira.

Igui-opé – Certa palmeira sagrada.

Ijebu – Etnia africana originária do país iorubá.

Ijexá – Etnia africana originária do país iorubá. Seus descendentes fixaram o chamado rito ijexá, aparentado do *nagô-kêtu*. Dá-se ainda o mesmo nome a determinados ritmos tocados nos *candomblés* e *afoxés*.

Iji – Nome genérico dado aos iniciados para Obaluaiê nas casas *nagô-kêtu*.

Ijoie – Fiéis detentores de títulos em algum terreiro; *ajoiê*.

Ikô – Ráfia africana obtida das folhas novas da palmeira Iguiogoró, utilizada na confecção das vestimentas rituais de Obaluaiê e de outros adereços e utensílios. O mesmo que “palha-da-costa”.

Iku – Morte. É concebida pelos *nagôs* como uma divindade masculina, constituindo a representação coletiva dos *eguns*, os epíritos ancestrais. Diz um mito que foi Iku quem apanhou um pouco de lama e levou a Olodumare, o deus supremo, para que este criasse o ser humano. Olodumare, então, determinou que Iku recolocasse a lama em seu lugar a qualquer momento,

e é por essa razão que Iku sempre leva as pessoas de volta para a lama.

Ilé – Terra, chão.

Ilê – Casa; por extensão, casa de culto, terreiro.

Ilê-axé – Cômodo da casa de candomblé destinado à reclusão dos filhos-de-santo durante o período de iniciação. Diz-se também “roncó” ou “camarinha”.

Ilê-ibó – Construção à parte num terreiro, local onde são cultuados os antepassados. Diz-se também “ilê-ibó-aku”.

Ilê-Ifé – Lugar mítico de origem do povo nagô.

Ilê-orixá – Num terreiro, o local onde ficam os *assentamentos* de um ou de determinado grupo de orixás. Também é chamado “quarto-de-santo”.

Ina – Fogo.

Inkice – Divindades dos candomblés angola-congo, correspondentes aos orixás.

Iroko – Árvore sagrada, elevada em alguns terreiros à condição de orixá.

Irukerê – Emblema de Oxóssi, espécie de cetro do qual pendem pelos de rabo de touro.

Itan – Narrativa ligada aos odus e orixás, transmitida pela tradição oral.

Iuá – Princípio da existência genérica.

Iwin – Nome genérico dado aos iniciados para Oxalá nas casas nagô-kêtu. O mesmo termo, com variações tonais em sua pronúncia iorubá, designa os espíritos que habitam certas árvores sagradas.

Kalá-kolô – Instrumento musical semelhante ao agogô.

Kekerê – Pequeno.

Kêtu – Cidade do antigo território iorubá, localizada a leste do Benin. Desta região chegaram ao Brasil os responsáveis

pela tradição religiosa denominada *nagô-kêtu*, ou simplesmente *kêtu*, uma das mais destacadas *nações* de candomblé.

Lagdibá – Tipo de colar que representa Obaluaiê.

Lavagem-de-contas – Cerimônia que vincula o fiel a determinado terreiro, a mais simples na escala iniciática.

Macota – Corresponde, nos candomblés de *nação* angola-congo, à *ekédi* nagô. Sacerdotisa encarregada de cuidar dos *inkices* durante o transe, entre outras funções. Não incorpora as divindades.

Mariwô – Broto da palma do dendezeiro. Uma vez desfiado, o mariwô adorna as vestimentas de Ogum, a quem representa, podendo enfeitar outros orixás. Encimando as soleiras das portas, o mariwô identifica quais os aposentos sagrados na casa de candomblé.

Mocã – Espécie de colar feito com palha-da-costa trançada, usado pelos iaôs.

Nação – Termo que designa os diferentes ritos de candomblé, de acordo com sua origem africana.

Nagô – Termo que no Brasil denomina todos os grupos africanos que tinham em comum a língua iorubá.

Nagô-kêtu – Subgrupo nagô proveniente da região de Kêtu, cidade do atual Benin. O termo refere-se especialmente ao rito nagô-kêtu (ou simplesmente *kêtu*), importante *nação* do candomblé.

Nanã – Orixá associada aos primórdios da criação, ligada à terra, à lama, às águas profundas. Segundo alguns mitos, é esposa de Oxalá. Nanã é a mais velha das iabás (orixás femininos) e dança muitas vezes como se estivesse embalando uma criança nos braços.

Obá – Rei. Atributo de alguns orixás, em especial de Xangô. Igual termo, com pequenas variações em sua pronúncia iorubá, refere-se a uma *iabá* guerreira, associada à água e à cor vermelha. Obá é uma das esposas de Xangô. A mesma palavra

designa ainda os doze dignitários do culto a Xangô no terreiro do Axé Opô Afonjá, em Salvador.

Obaluaiê – Orixá ligado ao sol, à terra, ao calor. Governa a saúde e as doenças, em especial aquelas que se manifestam na pele, como a varíola, e as epidemias de um modo geral. É o patrono dos búzios.

Obatalá – Outro nome de Oxalá.

Obé – Faca, punhal. Pertence a Ogum e Exu.

Obé fari – Navalha, instrumento usado nos rituais de iniciação.

Obi – Fruto africano largamente empregado nos cultos, como alimento, oferenda e instrumento divinatório.

Obrigaçãõ – Nome genérico dado a cerimônias rituais ou oferendas.

Obukó – Bode.

Odan – Bode castrado. É também o nome de certa árvore sagrada.

Odara – Bom, agradável, belo. Também usado como um dos títulos de Exu.

Odé – Caçador. Tido em algumas tradições como orixá ligado a Oxóssi.

Odu – Cada um dos 256 signos do oráculo de Ifá; caminho, destino.

Ofó – Fórmulas recitadas de encantamento.

Ofurufu – O sopro divino.

Ogã – Iniciados masculinos que desempenham funções administrativas ou religiosas. Não incorporam os orixás.

Ogó – Cetro de Exu.

Ogum – Orixá guerreiro, patrono do ferro e da tecnologia. Tem a função de *assiwaju*, “aquele que toma a frente”.

Oiá – Orixá ligada aos raios e tempestades, à água e à floresta. Segundo alguns mitos, transforma-se em touro. Segundo outros, em borboleta. Certa *qualidade* de Oiá é patrona dos espíritos ancestrais. Também conhecida como Iansã.

Oiê – Nome genérico dados aos títulos honoríficos concedidos aos fiéis.

Ojá – Tira de pano usada como turbante, como adorno de *assentamentos* de orixás ou árvores sagradas.

Okotô – Tipo de caracol associado a Exu.

Olodumare – Outro nome de Olorum, o deus supremo.

Olorum – Literalmente “o dono do orun”, o espaço sagrado. Senhor do universo e de tudo o que vive, deus supremo.

Oluô – Sacerdote de Ifá, divindade da sabedoria e da adivinhação.

Omi – Água.

Omi eró – “A água que acalma.” Termo que se refere ao sumo do caracol ibi, ligado a Oxalá.

Omolu – Outro nome de Obaluaiê.

Omorixá – Filho-de-santo.

Onã – Caminho.

Onilé – Divindade que representa coletivamente os ancestrais, ligado à terra. Literalmente, “o dono da terra”.

Opá – Vara, cetro, cajado.

Opaxorô – Cajado ritual feito de metal prateado, usualmente enfeitado com pequenos discos metálicos inseridos em diferentes alturas, dos quais pendem sininhos, moedas ou outros objetos, encimado por uma figura de pombo. É insígnia de Oxalá.

Opelê – Rosário divinatório de Ifá.

Oponifá – Tábua de madeira usada nas adivinhações de Ifá.

Ori – Cabeça. O mesmo termo, com ligeira alteração da pronúncia iorubá, dá nome a certo tipo de manteiga vegetal, associada a Oxalá, também chamada “limo-da-costa”.

Oriki – Frase aglutinada, pequeno poema ou cantiga que serve de epíteto aos orixás, a pessoas ou coisas, ressaltando suas qualidades míticas.

Orita – Encruzilhada de três caminhos, local predileto de Exu.

Orixá – Nome genérico dado a divindades associadas às forças da natureza que, entre outros atributos, perfilham os seres humanos, podendo tornar-se presentes através da possessão. Para o oluô Agenor Miranda, os orixás são comparados a um “vento sagrado”.

Orixá funfun – Grupo de orixás ligados a Oxalá e que têm como característica comum o uso ritual da cor branca em vestimentas, paramentos, insígnias e alimentos.

Orô – Nome genérico dado às cerimônias rituais.

Orobô – Fruto africano usado no culto aos orixás como alimento, oferenda ou instrumento divinatório.

Orukó – Nome ritual de cada iniciado.

Orun – Espaço sobrenatural, além. Para os nagôs, este espaço compreende também o mundo material e senciente, chamado *aiê*. Cada ser vivo, objeto, coletividade apresenta o seu duplo espiritual e abstrato no orun, espaço por excelência das divindades, espíritos dos antepassados e demais entidades sobrenaturais.

Orunmilá – Outro nome de Ifá, divindade da sabedoria e adivinhação.

Ossãe – Orixá patrono de toda a vegetação, das folhas e seus derivados mágicos e medicinais.

Ossé – Cerimônia na qual os *assentamentos* dos orixás são periodicamente limpos, alimentados e cultuados.

Ossum – Espécie de pó avermelhado de origem vegetal, empregado em certos rituais.

Otá – Pedra ou seixo em torno do qual montam-se, em geral, os *assentamentos* dos orixás.

Oti – Nome genérico que se dá às bebidas destiladas, em especial à cachaça.

Ouô – Dinheiro.

Oxalá – Orixá considerado o pai da criação, relacionado aos elementos água e ar e à cor branca. Simboliza o princípio masculino.

Oxê – Machado duplo, insígnia de Xangô.

Oxé duđu – Sabão-da-costa.

Oxóssi – Orixá caçador, habitante das matas. É o patrono da *nação* nagô-kêtu.

Oxu – Pequena porção de massa em forma cônica, feita de uma combinação de diversos elementos e colocada no alto da cabeça do filho-de-santo durante a cerimônia de iniciação.

Oxum – Orixá das águas doces, patrona da gestação, associada à beleza e ao ouro.

Oxumarê – Orixá representado pelo arco-íris e tido como um grande adivinho. Segundo algumas tradições, identifica-se com a cobra.

Padê – Literalmente, “reunião, encontro”. Designa certa cerimônia propiciatória celebrada antes do início dos rituais públicos. No padê são invocados Exu, os orixás e os ancestrais. Tido como um rito perigoso, por envolver energias poderosas, o padê só é assistido pelos iniciados do terreiro ou visitantes especiais.

Paó – Palmas ritmadas, que servem de saudação às divindades.

Peji – Altar.

Pepelê – Espécie de banco que serve de suporte para os *assentamentos* de alguns orixás.

Segui – Contas azuis que adornam os colares rituais de Oxaguiã (Oxalá moço), feito de contas brancas. Diz-se que são os excrementos de Oxumarê.

Uáji – Pó azulado, extraído da anileira, usado, entre outras finalidades, na pintura ritual dos iniciados.

Xangô – Orixá do trovão, ancestral divinizado da dinastia dos Alafin, reis da cidade iorubá de Oió. É associado ao elemento fogo.

Xaorô – Guizo, usado preso às vestimentas de certos orixás e em especial preso ao corpo dos filhos-de-santo durante o período de iniciação.

Xaxará -- Insígnia de Obaluaiê. Tipo de cone quase cilíndrico, com cerca de meio metro de comprimento, feito de nervuras de palmeira atadas e enfeitadas com búzios, contas e tiras de couro.

Xekerê – Instrumento de percussão composto por uma cabaça envolvida por uma teia de contas ou sementes.

Xere (é) – Chocalho ritual de Xangô, empunhado apenas por dignitários do culto.

Xirê – Momento das cerimônias públicas em que se canta para todos os orixás em seqüência. Literalmente, “festejo”.

Xapanã – Um dos nomes de Obaluaiê.

11

NOMES DE IFÁ

D

é um caderno de notas do professor Agostinho
Mendes Reis.

Afegun

Fiel adorador de Ifá.

Afegun

Alu (Ifá, para os ritos) é uma divindade masculina.

Afoni

Nome dado a primeira Oba depois que se cria a Obá.

Afaniá - or. má

Afaniá que está entre os ritos de Ifá, que são os ritos.

Afantiá

Alu, nome que se dá ao espírito da Obá, que se dá ao espírito da Obá.

ou nome que se dá ao espírito da Obá.

Afantiá - or. má

Alu de Afanti, nome que se dá ao espírito da Obá, que se dá ao espírito da Obá.

ou nome que se dá ao espírito da Obá.

De um caderno de anotações do professor Agenor Miranda Rocha.

Adjigbotifá

Fiel adorador de Ifá.

Afagnon

Afan (Ifá, para os minas) é uma divindade excelente.

Afansi

Nome dado à primeira filha daquele que recebeu Afan.

Afansimin – *si*: mãos.

Aquele que está entre as mãos de Ifá, que está protegido.

Afantouchê

Afan permitiu que eu sobrepujasse os inimigos, ou que eu tivesse essa criança.

Afanuvi – *vi*: criança, filho.

Filho de Afan; nascido depois das cerimônias da divindade Afan.

Ayafá – *aya*: esposa.

Esposa de Ifá; pessoa consagrada a Ifá.

Fabi

Nascido graças a Ifá.

Fabiolá

Ifá pôs no mundo a glória e a felicidade; graças a Ifá, conhecemos a prosperidade.

Fabiyi

Ifá fez com que ele nascesse.

Fabló

Ifá me fez uma surpresa agradável.

Fabounmi – *boun*: oferecer, dar.

Ifá me ofereceu.

Fachaô – *aô*: astúcia.

Ifá foi astucioso.

Faché

Ifá teve razão; as predições de Ifá se realizaram.

Fachebialá

Ifá realizou meus sonhos; deu-me o objeto de meus sonhos.

Facheyi

Ifá fez isto.

Fachinã – *chi*: abrir; *nã* (*onã*): caminho, via.

Ifá abriu-me o caminho.

Facholá

Ifá é o autor da glória e da prosperidade.

Fadahunsi

Ifá o protegeu e o conservou.

Fadairó – *da*: parar; *yi*: este; *ró*: esperar.

Ifá manteve este com vida; no parto, a mulher pede a Ifá e consegue um filho com vida.

Fadayi

Ifá o reteve, o prendeu.

Fadê

Ifá chegou.

Fadebiyi

Ifá chegou aqui; nome dado a uma criança que nasceu com os sinais de Ifá.

Fadegnin

Ifá chegou aqui.

Fadelê – *dê*: chegar; *lê* (*ilê*): casa.

Ifá chegou à casa.

Fademin

O que foi cumprido graças a Ifá.

Fadiré – *iré*: felicidade.

Ifá tornou-se a felicidade.

Fadji

Eu conto com Ifá.

Fadjinu

Um dos nomes dos filhos de Ifá.

Fadjô

Foi Ifá quem o criou.

Fadogni

Ifá tem grande fama.

Fadohan

Numa família sem filhos, depois de pedirem a Ifá, vem a gravidez. A criança se chamará Fadohan; Ifá entoou a canção, manteve a promessa.

Fadohô – *dô*: dizer; *hô*: palavra.

Ifá falou.

Fadolá – *di*: tornar-se; *olá*: glória.

Aquele que, depois de confiar-se a Ifá, se tornou rico, venturoso; a glória e a prosperidade vêm por causa da mudança de situação.

Fadolu

Ifá tornou-se uma divindade.

Fadonugbô – *do*: dizer; *nugbô*: verdade.

Ifá diz a verdade; o que predisse aconteceu. A criança que recebe este nome teve seu nascimento apontado por Ifá.

Fadorá – *di*: tornar-se; *oro*: palavra, discussão.

Uma discussão entre sacerdotes de Ifá.

Fadori – *do*: salvar, disputar; *ori*: cabeça.

Ifá salvou minha cabeça, libertou-me; alguém escapou de um mal.

Fadotê

Ifá está em pé, vigilante, alerta.

Fafunkê – *kê*: carinho.

Ifá me deu para que eu o envolva de carinho.

Fafunmi

Ifá me deu.

Fa-funmilayó – *fun*: dar; *ayó*: alegria.

A mãe que nunca teve um filho confia-se a Ifá e engravida; Ifá deu-lhe esta alegria.

Fagbalá – *gba*: tomar; *la*: salvar.

Ifá tirou-o do embaraço, salvou-o.

Fagbami

Ifá me aceitou; ouviu minha prece, salvou-me.

Fagbamigbê

O mesmo que *Fagbami*.

Fagbamigbô – *gbô*: entender, crer.

Ifá concedeu-me sua fé.

Fagbamilá

Ifá tirou-me do embaraço.

Fagbayi

Ifá o salvou.

Fagbé

Ifá me proibiu isto; aquele que não morrerá, porque respeita os mandamentos de Ifá.

Fagbedji

Um dos nomes dos filhos de Ifá.

Fagbemi – *mi*:eu; *gbé*: triunfar.

Sentido: Confiei-me a Ifá e fui consolado; a proteção que pedi e a esperança triunfaram.

Fagbemirô – *gbemi*: tomar-me; *rô*: atender, salvar.

Uma criança que nasceu doente, graças a Ifá, curou-se, encontrou saúde.

Fagbenon

Você não possuía Ifá, mas ao obtê-lo sua mulher ficou grávida.

Fagberô – *gbé*: aceitar; *erô*: pensamento.

Ifá aceitou meu pensamento; graças a Ifá, meus votos se realizaram.

Fagbeyiró

Ifá o manteve em vida.

Fagbohum

Ifá aceitou minha voz; realizou meu pedido.

Faglá

Ifá é corajoso e audacioso; Ifá resistiu à má sorte, vencendo-a com destemor.

Fagnibun

Ifá é uma divindade.

Fagnidê

Ifá é digno de adoração, de louvores.

Fagninu

Ifá é importante.

Fagnuenon

Ifá é comparável ao amuleto em que se acham escritos os versos do Corão.

Fahomi

Ifá me salvou.

Fahuegnon

Faz bom tempo na casa de Ifá.

Fahuenon

A criança nasceu durante as cerimônias de Ifá.

Fakambi – *kan*: me encontrou; *bi*: nascer.

Nascido graças à intervenção de Ifá.

Fakamin

Nome da terceira filha de um sacerdote de Ifá.

Fakemi

Ifá cobriu-me de carinho; deu-me o objeto do meu desejo.

Fakoredê

Ifá trouxe a felicidade.

Fakundê – *kun*: parente.

Ifá considera-o parente: eis um parente de Ifá.

Faladê – *adê*: coroa.

Ifá possui a coroa.

Falanã – *la*: traçar; *nã* (*onã*): caminho.

Ifá abriu-me o caminho que me conduziu ao objeto de meu apetite.

Faleti – *eti*: orelha.

Ifá tem orelhas; Ifá ouviu minhas preces e atendeu-as.

Falolá – *ola*: glória, felicidade.

Ifá é a glória, a felicidade.

Falolu

Ifá é uma divindade.

Falomê

Nas mãos de Ifá; sob a proteção de Ifá.

Famanã – *ma*: conhecer; *nã* (*onã*): caminho.

Ifá conhece o caminho (que conduz ao objeto desejado).

Fanikayodê

Ifá fez chegar a alegria.

Fanu

A propriedade de Ifá.

Faolá

Ifá encontrou o caminho.

Fassinu

Propriedade de Ifá; dá-se algumas vezes este nome à primeira criança nascida depois que o pai da família é iniciado como sacerdote de Ifá.

Fatokê – *okerê*: longe, lá no alto.

Ifá veio de longe; Ifá pode ser comparado a Deus.

Fatoki – *ki*: elogios, louvores.

Ifá é digno de louvores.

Fatokumbó – *okum*: mar; *bó*: chegar.

Ifá veio do outro lado dos mares.

Fatolú – *to*: equivaler; *lú*: espírito, divindade.

Ifá é capaz de ser uma divindade.

Faton

Um dos nomes dos filhos nascidos graças a Ifá.

Fatonã

Ifá livrou e indicou o caminho.

Fatondê

Eis aqui uma criança de Ifá.

Fatondji

As predições de Ifá realizaram-se.

Fatorixá

Ifá equivale a um orixá.

Fatoundê – *toun*: ainda; *dê*: vir, chegar.

Ifá voltou; criança que conserva a mesma estrela do pai desaparecido.

Fatumbi – *toun*: ainda; *bi*: nascer.

Ifá o faz renascer; alguém torna-se adepto, logo Ifá o traz à vida.

Favi

Um dos nomes dos filhos de Ifá.

Fawegnon

Ifá é o melhor de todos os deuses.

Fayanã – *ya*: abrir; *nã*: caminho.

Ifá abriu a via.

Fayemi – *yé*: assentar; *mi*: eu.

Ifá me assenta, me convém; um sacerdote de Ifá, sentindo-se velho, confia seus segredos a um de seus filhos, assim o nomeando.

Fayidê

Ifá aceitou minha prece.

Fayindê – *yindê*: levantar-se.

Ifá levantou-se.

Fayinu

Ifá aceitou a oferenda e a prece.

Fayomi – *omi*: água.

Ifá está nas águas; as águas de Ifá.

Okpeifá – *okpé*: graças a.

Graças a Ifá, obtive isto.

Olaifá

Ifá traz a honra.

Olufadê

O dono de Ifá chegou.

Onifadê – *oni*: dono

O dono de Ifá chegou com a sorte.

Outro Grande Jogo

Confirmação de Maria Stella de Azevedo Santos, Odé Kaiodê, como ialorixá do Axé Opô Afonjá em Salvador - Bahia.

Registrou-se no livro de Atas do Conselho Religioso da Sociedade Beneficente Cruz Santa Opô Afonjá:

Aos dezenove dias do mês de março de 1976 (hum mil novecentos e setenta e seis), presentes 136 pessoas, todas com suas assinaturas gravadas no livro de Atas do Conselho Religioso deste Axé, às 10 horas e 45 minutos, no barracão, eu, Fernando José Pacheco Vasquez, Secretário da Sociedade Civil (Obá Xorun), dirigi-me a todos os presentes, solicitando que se aproximassem da mesa onde seria realizado o jogo para a escolha da futura ialorixá, uma vez que, antes de o jogo ser iniciado, o professor Agenor Miranda, babalaô, considerado o único oluô do Brasil, filho espiritual da falecida Eugênia Anna dos Santos (mãe Aninha), irmão da também falecida Ondina Valéria Pimentel, vindo do Rio de Janeiro exclusivamente para esta cerimônia, faria uma dissertação sobre o que iria acontecer em seguida.

Com a segurança que lhe é peculiar e a franqueza de sempre, ele se dirigiu aos presentes nos seguintes termos: “Não estou aqui para ser agradável a quem quer que seja, sei que muitos dos presentes já fizeram sua escolha, porém eu estou aqui para cumprir a determinação de Xangô. Advirto a todos os filhos e filhas, obás e ogans, e a todos vinculados a este Axé, que a vontade de Xangô é lei, é sagrada, e sua escolha, sobre quem quer que caia, terá de ser por todos acatada e respeitada. A filha deste Axé que for por ele escolhida não deverá se deixar levar pelo coração; deverá, sim, agir com justiça e sabedoria, promovendo a união de todos, e acima de tudo ter pulso forte para manter a hierarquia, doa a quem doer”. A hierarquia, ele repetia, tinha que ser mantida acima de tudo.

Sentou-se em seguida para dar início ao jogo. Ao seu lado direito estava sentada Eutrópia de Castro (Iakekerê), ao seu lado esquerdo, o Assobá, Deoscóredes dos Santos, e, em volta destes, representações do Engenho Velho, Gantois, Bate-Folha, e de diversas outras casas da Bahia e Rio de Janeiro, e ainda os membros do Conselho Religioso. O professor Agenor Miranda segurou os búzios e concentrou-se. Todos os presentes conservaram um silêncio absoluto, atentos ao professor. Ele deu início à leitura, falou *Ejionilé*, recolheu os búzios e, após uma pausa, jogou-os novamente e falou *Odi*. Depois, *Oxé*, em seguida *Ossá*, após nova concentração usou os búzios e falou *Ejilaxeborá*, apresentando Oxóssi, em seguida falou *Ofun*, trazendo o *orukó* [nome] de Odé Kaiodê; novamente o professor lançou os búzios e voltaram *Ossá* e *Oxé*, os odus de Odé Kaiodê, filha do Axé a quem Xangô escolhia e determinava ser a nova ialorixá.

O professor Agenor se dirigiu aos presentes, dizendo que se ali, naquele momento, houvesse algum oluô, ou pessoa que

sabe ler nos búzios, que se aproximasse e viesse ler e constatar o que ali estava determinado por Xangô. Em seguida, como é de praxe, o Assobá partiu um orobô e pediu a Xangô confirmação do que disseram os búzios, e por duas vezes seguidas a palavra foi confirmada com *alafiá*. O professor Agenor procurou saber quem atendia pelo nome de Odé Kaiodê, e Stella Azevedo se apresentou e foi notificada pelo professor Agenor ser ela a escolhida por Xangô para dirigir os destinos do Axé. Dirigindo-se a mim, solicitou que eu notificasse em voz alta o que Xangô acabara de determinar. Comuniquei aos presentes que, por determinação e vontade de Xangô, fora escolhida a filha do Axé de nome Stella Azevedo – Odé Kaiodê – Kolabá, para ser a Ialorixá a partir daquele instante.

Todos os presentes acolheram minhas palavras de pé e com uma salva de palmas. Em seguida, um a um, os filhos deste Axé Opô Afonjá, os representantes das diversas casas ali presentes, os visitantes, todos, enfim, foram cumprimentar a nova ialaxé, que se curvava à vontade de Xangô. Como mais nada atinente ao assunto tivesse de ser registrado, encerrei a ata feita no livro de Atas do Conselho Religioso, assinando a mesma, em Salvador, 19 de março de 1976, eu, Fernando José Pacheco Vasquez, senhor Hector Bernabó (Otun Obá Onanxokun) e os diretores presentes, Mario M. Bastos e Deoscóredes Maximiliano dos Santos.

BOSTON PUBLIC LIBRARY



3 9999 03224 520 9

Este livro, composto em tipos Bodoni
pela Laser Birô (Rua da Lapa, 120/510 -
Lapa - tel.: (021) 242-2690), foi
impresso em papel Pólen 70 g (miolo) e
Cartão Supremo 250 g (capa) pela
gráfica Face Única (Rua Filomena
Nunes, 395 - Olaria - tel.: (021)
590-1617), em maio de 1996,
para a Mauad Editora.

“É uma figura extraordinária, um homem belíssimo, de envolvimento profundo com a religião e, ao mesmo tempo, muito autônomo.”

Gilberto Gil

Muniz Sodré é escritor e professor-titular de Teoria dos Meios de Comunicação e da Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Já publicou vinte livros, entre ensaios e ficção. Baiano, residente no Rio há trinta anos, pertence à hierarquia do Axé Opô Afonjá na Bahia com o título de *Ossi Obá Aressá*.

Luís Filipe de Lima, carioca, é jornalista e músico. Cursa a Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, onde prepara dissertação de Mestrado sobre a música do candomblé. Este é seu primeiro livro.



O professor Agenor entre Muniz Sodré (à esquerda) e Luís Filipe de Lima.

ISBN 85-85756-21-7



No sistema simbólico nagô, idade provecta é fonte de sabedoria e poder. O “antigo” é aquele que pode iniciar o mais jovem nos segredos da existência. No rito iniciático, que é transmutação de um destino, encena-se um tempo dominado pelos ciclos de repetição. O *oluô* Agenor Miranda Rocha, um “antigo”, é símbolo vivo e venerando da sabedoria iniciática. Nos búzios que joga, o destino tem a transparência do jogo das contas de vidro poetizado por Hermann Hesse.